Diário de Lisboa

BOM TEMPO

FUNDADOR JOAQUIM MANSO DIRECTOR A RUELLA RAMOS

QUINTA-FEIRA, 20 DE JUNHO DE 1974 — N. 18490 — ANO 54.º — PREÇO 2$50

ACABOU A GREVE DOS CORREIOS

. «A Comissão Pró-Sindicato dos Trabalhadores dos C.T.T. informa os trabalhadores da empresa e o público de que foi decidida a reabertura dos serviços após uma reunião de delegados efectuada em Lisboa das 2 às 7 da manhã de hoje. A Comissão Pró-Sindicato enviará imediatamente um comunicado com mais informações.» Com este pequeno comunicado, transmitido pelas estações de Rádio ao começo da manhã de hoje, o público teve conhecimento da suspensão da greve dos C.T.T., que tivera início às zero horas da passada segunda-feira. Os serviços começaram a funcionar à hora habitual.

Como se depreende do próprio documento, a decisão de suspender a greve foi tomada não em resultado de qualquer acordo conseguido com o conselho de gerência da empresa e com o Governo Provisório mas sim devido a fortíssimas pressões verificadas, quer de ordem interna — com a não aderência à greve da maior parte do pessoal do sector das telecomunicações, ainda que largamente minoritário no conjunto da empresa —, quer de carácter externo, particularmente a declarada oposição de partidos políticos e da Intersindical e ainda comentários na Imprensa.

Os delegados dos trabalhadores dos C.T.T. decidiram também na reunião oferecer um dia de salário de todos os trabalhadores, salientando que a decisão agora tomada de suspender a greve não implica a desistência das reivindicações apresentadas, que continuam dispostos a negociar.

APOIO DO M.E.S. AOS TRABALHADORES

Diversas facções políticas manifestaram-se a favor da greve empreendida pelos trabalhadores dos C.T.T. Assim, num comunicado ontem divulgado, o Movimento da Esquerda Socialista declarava apoiar a luta dos trabalhadores dos C.T.T. «porque as reivindicações e as formas de luta para as conquistar foram decididas pelos próprios trabalhadores». Ao mesmo tempo, o M.E.S. condenava a actuação de todos os que «tentam lançar a confusão, dividir os trabalhadores dos C.T.T. e isolá-los dos restantes trabalhadores e da população em geral, acenando com o espantalho dos agitadores reaccionários, tentando reduzir a luta a uma greve pela greve e dizendo-se defensores de pretensos interesses gerais».

O Movimento da Esquerda Socialista frisava também considerar absolutamente incorrecto «afirmar que a satisfação das reivindicações dos trabalhadores dos C.T.T. é impossível e injustificada», mas acentuava igualmente não poder deixar de alertar os trabalhadores dos C.T.T. para o que significaria «o alcandorarem-se a uma posição de privilégio relativamente aos trabalhadores da produção». O M.E.S. referiu-se concretamente, neste ponto, à reivindicação das 35 horas semanais de trabalho.

Acrescentava ainda o comunicado: «Por outro lado, consideramos que a forma de que se tem vindo a revestir a greve dos C.T.T., tendo em conta as características da empresa, não é a mais apropriada, antes pensamos que a manutenção do funcionamento dos serviços gratuitamente, não só constituiria uma forma de pressão eficaz sobre a empresa, como impediria o isolamento dos trabalhadores dos C.T.T. e até permitiria a conquista do apoio da população, ao mesmo tempo que faria cair pela base a

Continua na pág. 11

Movimento normal, esta manhã, nas estações dos CTT

Portugal na Conferência do Direito do Mar

Chefiada interinamente pelo embaixador Adriano de Carvalho, encontra-se em Caracas a delegação portuguesa à Conferência do Direito do Mar, que hoje principiou na capital venezuelana.

O secretário de Estado das Pescas, a designar brevemente, seguirá imediatamente para aquela cidade, assumindo a coordenação de trabalhos da representação portuguesa na conferência, que se prolongará por nove semanas e na qual participam 150 países.

A conferência terá de preparar diversos convénios sobre questões marítimas e iniciar uma reestruturação do direito marítimo internacional.

O Brasil vai defender a tese da soberania plena dentro das duzentas milhas de águas territoriais. Contudo esta tase — apoiada também pela China — encontra sérios obstáculos, dados os entraves que comportaria para a navegação internacional. Outro tema que decerto suscitará vivos debates é o da criação de um Tribunal Internacional Marítimo. Os países, que, sob a liderança do Brasil, defendem a linha do mar territorial não aceitarão a existência desse tribunal.

Por isso, os técnicos prevêem a possibilidade de o Brasil não vir a subscrever o acordo que eventualmente venha a concretizar-se em Caracas.

LEIA HOJE

- Documento do PCP (Pág. 4)
- Galvão de Melo regressou do Brasil (Pág. 4)
- Moçambique: governo em equipa (Pág. 11)
- Perspectivas de paz na Guiné (Pág. 11)
- Relações diplomáticas com a R.D.A. (Pág. 20)

EDIÇÃO DE 28 PÁGINAS

O M.P.L.A. CONTINUARÁ A LUTA ARMADA

BRAZZAVILLE, 20 (Especial para o «DL») — O Comité Director do M.P.L.A. desmente categoricamente as informações difundidas pela Emissora Católica de Angola de que teria decidido renunciar à luta armada para prosseguir na legalidade a luta pela independência.

Segundo os responsáveis pelo programa «Luanda-74» da Emissora Católica de Angola, aquele comunicado ter-lhes-ia sido entregue por elementos credenciados do M.P.L.A.

O Comité Director do M.P.L.A. considera aquele comunicado uma provocação destinada a estabelecer a confusão entre a população de Angola. Sublinha, a propósito, não ser a primeira vez que a Emissora Católica de Angola se faz eco de manejos provocatórios. E recorda que todos os militantes do M.P.L.A. residentes nas zonas de Angola sob controlo das autoridades portuguesas receberam instruções no sentido de se manterem na clandestinidade.

O M.P.L.A. continuará a luta armada até à independência completa», declarou-nos um dos membros do Comité Director. As nossas unidades militares continuam a luta, as nossas organizações nas cidades nas zonas rurais mantêm-se na clandestinidade».

O mesmo dirigente do M.P.L.A. acrescentou: «Ao transferir para uma futura Assembleia Constituinte a solução do problema colonial, a Junta de Salvação Nacional e o Governo Provisório protelam perigosamente o fim da guerra em Angola. O Comité Director do M.P.L.A. apela para as autoridades portuguesas, e em particular para o Movimento das Forças Armadas, no sentido de que seja reconhecido o direito à autodeterminação e independência e se iniciem negociações no sentido da sua imediata concretização».

Por fim, aquele dirigente do M.P.L.A. disse-nos que a luta armada em Angola se tem intensificado nas últimas semanas, em especial no distrito de Cabinda. E afirmou-nos que a luta continuará até ao reconhecimento sem ambiguidades do direito à independência.

Uma foto (já) histórica: o encontro de ontem entre Nixon e Spínola (Pag. 20)

Terça-feira: exames da 4.ª classe

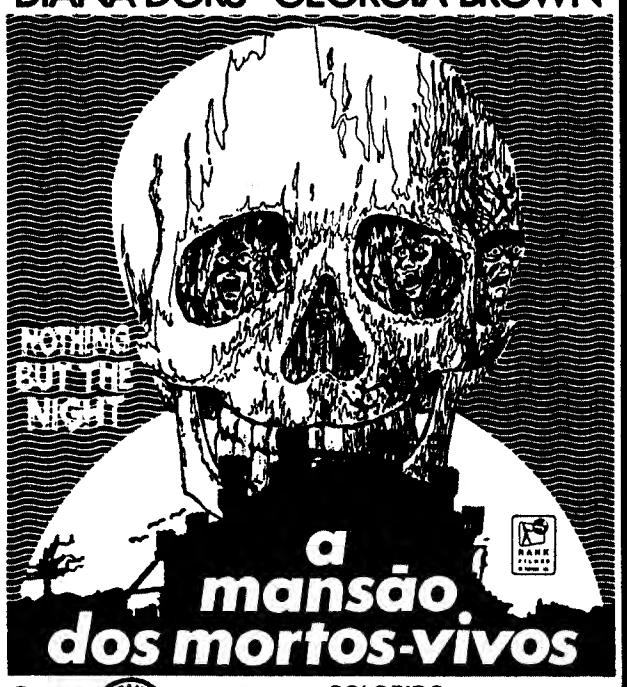
Começam na próxima terça-feira os exames da quarta classe, este ano orientados por forma completamente diferente. As provas serão realizadas nas escolas frequentadas pelos alunos durante o ano lectivo estando a cargo do professor que os acompanhou, assistido por um colega da mesma escola ou de escola vizinha. Os pontos escritos serão elaborados pelos próprios examinadores. Quem faltar na data marcada para a prestação da sua prova e justificar a falta por motivo de doença poderá apresentar-se a exame na data a marcar pelo júri.

Estes dados foram comunicados oficialmente pelo Ministério de Educação e Cultura, sendo ainda anunciado que as provas de passagem da 5.ª e 6.ª classes se realizarão entre 1 e 5 de Julho.

"DIÁRIO DE NOTÍCIAS"

Vão ser nomeados director e director-adjunto do «Diário de Notícias» os drs. José Ribeiro dos Santos e José Carlos de Vasconcelos, ambos antigos elementos da Redacção do «Diário de Lisboa», que o primeiro chefiou. Desejamos-lhes muitas prosperidades nos novos cargos.

CHRISTOPHER LEE · PETER CUSHING
DIANA DORS · GEORGIA BROWN



a mansão dos mortos-vivos

COLORIDO
SÃO JORGE
ESTREIA HOJE às 21.30
NÃO ACONSELHÁVEL
A MENORES DE 18 ANOS

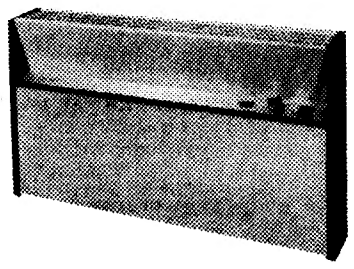
MÓVEIS CANDEEIROS
(IMPORTADOS)
Em exposição na FIL
Vendas
MUNDO ELÉCTRICO, Lda
Rua Conde Redondo, 1-A
(Gomes Freire) • LISBOA
ENTREGAS IMEDIATAS

AS TERÇAS-FEIRAS
O JORNAL motor

Astróloga RUT

Torne a sua vida mais fácil aiudando a resolver seus problemas. Só senhoras. Marcações. T. 991709, até às 12 horas. Vai à casa.

esfera



Na sua empresa, em sua casa, instale um condicionador de ar PRESTAIR. Diferentes modelos, de janela e consola, completamente automáticos, integrando sistemas de arrefecimento, aquecimento, ventilação e renovação de ar viciado. Os modelos consola são extremamente silenciosos, elegantes e de linhas harmoniosas. Prestair é o seu condicionador de ar! Consulte-nos!

Eugénio C. Lopes, Lda.
Av. Elias Garcia, 76, 5.º
Telef. 77 90 11 – Lisboa-1

QUEIRAM ENVIAR-ME, SEM QUALQUER COMPROMISSO, LITERATURA SOBRE OS CONDICIONADORES DE AR PRESTAIR.

Nome .....

Morada .....

Eugénio C. Lopes, Lda.
Av. Elias Garcia, 76, 5.º
Telef. 77 90 11 – Lisboa-1

15ª Feira Internacional de Lisboa

Foire Internationale de Lisbonne International Fair of Lisbon Internationale Messe Lissabon

12-23 JUNHO 74

P/Profissionais: 14 às 20 h.
P/Público: 20 às 24 h.

DL/NACIONAL

TRIBUNA LIVRE — por JOSÉ FREIRE ANTUNES

QUEM DEFENDE O JOGO DO FASCISMO?

José Luís Saldanha Sanches, director do semanário «Luta Popular», continua preso no Forte da Graça, em Elvas. No que respeita à Junta e ao Governo Provisório, nem mais uma linha foi adiantada, até agora, à lacónica nota oficiosa divulgada após a detenção do militante maoista, levada a cabo por indivíduos à paisana, pela calada da noite — à boa maneira da polícia fascista.

José Luís Saldanha Sanches: depois de quatro prisões no Forte de Caxias, detido em Elvas, no Forte da Graça

A maioria dos partidos e organizações políticas tomaram já posição face ao caso. Uns por oportunismo, outros por sincera repulsa perante a prisão, que constitui um marco importante da vida nacional, após o golpe de Estado de 25 de Abril.

Neste momento, os grandes protagonistas do silêncio são o Partido Comunista e o Partido Popular Democrático, falando dos que formam a coligação governamental. Silêncio igualmente revelador de uma atitide inequívoca: a concordância com a detenção de José Luís Saldanha Sanches. Ou, o que é a mesma coisa, a existência de compromissos tão fortes com a Junta, que determinem esse silêncio, muito embora seja a «consolidação das liberdades democráticas», um lugar-comum no vocabulário político dos ditos partidos. O Partido Comunista é — para além disso — alvo dos mais firmes ataques nas páginas de «Luta Popular», que o acusam de «social-fascista» e «revisionista». É natural, pois, que para ele (PC), «Luta Popular» seja uma voz incómoda: como naturais são os incidentes já verificados entre simpatizantes daquele semanário e elementos do Partido Comunista. No que respeita aos acontecimentos de Santa Iria da Azóia e Barreiro, por exemplo, «Luta Popular» responsabilizou o PC pelas agressões de que foram alvo os seus simpatizantes.

É esta a quinta vez que Saldanha Sanches — lutador consequente pela causa do povo português, heróico resistente que nos períodos de encarceramento, nem uma só palavra soltou, face às investidas dos sanguinários esbirros da PIDE — é preso nas masmorras do sistema. Sete dos últimos dez anos na cadeia fascista — tal determinou a actividade revolucionária de José Luís Saldanha Sanches.

Sem terem ainda decorrido dois meses sobre a sua saída de Caxias, Saldanha Sanches é detido, ao que se julga, porque, no semanário que dirige se tomam posições anticolonialistas, se defende a completa separação política, económica e cultural dos povos das colónias, se transcrevem comunicados da actividade desenvolvida no seio das unidades militares.

E desenvolvida pelos soldados e pelos marinheiros, operários e camponeses incorporados no exército colonial. Os primeiros a sentir na carne os frutos da guerra movida pela burguesia monopolista internacional — da qual a portuguesa é um instrumento menor — contra os povos das colónias. Os primeiros a reconhecer, também, que, durante treze anos de luta armada, os povos coloniais demonstraram claramente que um povo em luta pela sua independência é um povo invencível; e que demonstram agora, claramente, pela voz de Samora Machel, que só são negociáveis os mecanismos da independência, porque esta em si, seja dos povos de Angola, da Guiné ou de Moçambique ou de qualquer outro povo, não se pode negociar.

José Luís Saldanha Sanches é preso: é este o primeiro grande sinal da táctica da Junta e do Governo Provisório face à esquerda que, reclamando-se ainda do pensamento Mao Tsé-Tung, aponta a **«Revolução Democrática e Popular»** como meta próxima. Desde a primeira hora, é o partido liderado pelo ministro Álvaro Cunhal que procura denunciar, como **«contra-revolucionários que fazem o jogo da reacção»** a crescente franja de capital político que escapa ao seu domínio. Isso mesmo é apontado no comunicado dos GAPS (Grupo Autónomo do Partido Socialista) relativo à prisão de Saldanha Sanches. **O maior inimigo do Partido Comunista não é o fascismo ainda vivo no seio do povo português, mas a esquerda marxista-leninista** — tal será a conclusão que o vulgar leitor quotidiano dos jornais achará lógico extrair, perante o ataque sistemático, feroz dos dirigentes do PC à esquerda revolucionária.

As linhas de força desta hora portuguesa são claras: Caetano e Tomás, responsáveis maiores pelos monstruosos crimes do fascismo, são enviados para o Brasil, sem que ao povo português seja dada qualquer justificação; os pides são salvos da justa ira popular; **a censura à Informação mantém-se sob outras formas** e tudo indica que aumentará; permite-se a publicação de revistas da extrema-direita; reprimem-se os manifestantes no Largo da Estrela; invadem-se estações de rádio; interrompem-se programas de TV; tenta-se levar para a frente o projecto (rejeitado pela maioria dos quadros do Movimento das Forças Armadas) de superior repressão sobre a esquerda maoísta; e de um trago, sem um mínimo de ética (que mesmo a burguesia mais decadente precisa para o seu rosto), acusa-se a esquerda maoísta de fazer voltar o fascismo utilizando sempre as mesmas lengalengas; prende-se Saldanha Sanches, director de «Luta Popular», antifascista coerente, servidor inabalável do povo e manda-se para Elvas, uma centena e tal de quilómetros para além dos perigos de resposta em Lisboa.

Num seu editorial, no passado dia 11, o vespertino «República», veículo do Partido Socialista, apelava para a «serenidade» e para o «bom senso» da Junta. Já agora, os socialistas poderão aprender que a sociedade se encontra dividida em classes, que a História é o resultado da luta de morte entre as classes e que nem o bom senso nem a serenidade existem acima delas. Os homens no poder representam interesses de uma classe bem demarcada: e defendem-nos, cada vez com mais garra; na proporção em que a garra das classes antagónicas aumenta, na prossecução dos seus objectivos históricos.

Prende-se Saldanha Sanches sob o pretexto, ainda não declarado oficialmente, de «incitamento à deserção». Mas a detenção de Saldanha Sanches é, acima de tudo, o anúncio da escalada repressiva que o poder inicia em relação à esquerda. E mesmo que as posições anticolonialistas constituissem o motivo único da prisão, que será ela senão tentar abafar a voz do povo, impedi-lo de discutir livremente a guerra colonial que, depois de treze anos de luta armada dos povos das colónias, haveria de determinar o 25 de Abril, conjuntamente com a luta do próprio povo português?

SANTOS HEITOR

QUE PROFESSORES? QUE ENSINO?

Uma lufada de agitação invadiu o ensino secundário e nele irá, esperamos, introduzir animações fecundas que importa não subverter, através de atropelos e entorses.

De facto, a contestação que na última década do fascismo levantou, na Universidade Portuguesa, uma mocidade desesperada pelo que era dado viver, irrompe, agora, no ensino secundário. Esperam os professores provisórios estudantes universitários que a garantia da continuidade do seu serviço no ensino secundário venha solucionar problemas agudizados por uma vida universitária clamorosa de anomalias e frustrações. Exigem, para tal, a recondução automática, em cada ano escolar.

Nada nos parece mais justo e mais conveniente que — com o andar do tempo e à semelhança do que sucede com o aluno militar — seja o Estado a pagar, dignamente, ao estudante o trabalho de seguir um curso universitário. Isto embora o «andar do tempo» venha a ser naturalmente, moroso.

Entretanto, o pagamento em férias do professor provisório será da mais evidente justiça. Mas que se erija em sistema uma troca de serviços traduzidos pela incrustação, num corpo permanente de docentes duma massa predominante de indivíduos que, desde o primeiro ano dum curso universitário (ou antes), se tornariam proprietários dum lugar reservado numa escola secundária, eis o que nos parece ser para além duma incoerência, uma degradação do ensino.

Incoerência, sim, pois num ensino, que todos nós desejaríamos social e tecnologicamente progressivos, viria incrustar estaticamente, durante vários anos, um professor de origem burguesa (sem ofensa, eu também o sou; somo-lo mais de 90 por cento dos universitários deste País). Professor este não trabalhado, ainda por outras influências e contactos sociais mais largos.

Pois bem, é essa mentalidade burguesa uma das atitudes que há que reformar no docente — por outros meios, para lá do palavreado dos plenários. Ora não nos parece que seja a frequência da Universidade (como ela ainda está e permanecerá por algum tempo) aquele processo de remodelação. Neste ponto iríamos mais longe e mais fundo, sem atropelos e sem feridas.

Falávamos em degradação do ensino. Ela seria do mesmo tipo e da mesma gravidade daquela que, em medicina, resultaria de pôr um estudante incipiente a executar a ablação dum tumor maligno. Ou não crêem os alunos universitários que há uma ciência pedagógica, hoje cada vez mais enriquecida por várias ciências e técnicas tributárias, uma pedagogia que se tem de aprender e experimentar, antes de uma prática responsável? Não pensam esses estudantes que o ensino, devendo ser uma profissão aberta e com atractivos, deverá ser também, dinâmica e exclusiva, no devotamento que exige?

Bem sabemos que há a revolução no ensino, embora não tão simplista como ela surge nos livros amarelos que, em Portugal, divulgam a China de Mao. De facto, não custa muito adquirir esta cultura livresca, principalmente quando se trata duma China longínqua... Quanto ao princípio subjacente à formação e recrutamento do tipo de professor, tal como ele surge em vários países socialistas (e não só na China), nós o defendemos convictamente.

Cremos, de facto, que os professores (e, acima deles, o ensino) só lucrariam em ter, como colegas de carreira, aqueles técnicos da fábrica de máquinas-ferramentas de Xangai ou de material electrónico de Hang Ming Wenn ou, mais proximamente, de algumas fábricas e serviços nacionais. Mas é necessário que eles saibam também ensinar, aprendendo-o e, a partir daqui, tornarem-se profissionais de ensino, dentro e fora da escola. Isto com elasticidade das habilitações académicas, que, aliás, a China de Mao não enjeita, mas antes defende e protege, dentro dum contexto que estipula uma comprovação de capacidades.

Seria aquela a forma de transformar os actuais quadros de actividade docente em profissionalismo de «full-time», com duplos sentidos de movimento para dentro e para fora da escola, em educação paralela. Assim, de facto, se alargariam os horizontes e se rectificaria a função da educação, num estado democrático e socialista moderno.

Aproximamo-nos mais da resposta à pergunta inicial: «Que professores?».

Porém, antes dela surge outra: «Que ensino?».

É claro que uma resposta cabal exigiria uma reflexão colectiva: a dos alunos, dos pais, dos operários, dos empregados, dos técnicos de gestão, dos investigadores e tantos outros e, finalmente, dos professores.

Pessoalmente, defendemos um tipo de ensino que leve à participação crescente do indivíduo na decisão social, respeitando a sua integridade, a sua coesão interna. Não haverá aqui uma dicotomia de finalidades, mas antes a inserção do indivíduo naquela civilização científico-técnica que a evolução da mera civilização produtiva vem a impor e só uma sociedade democratico-socialista permitirá realizar.

— Se a civilização científico-técnica parte de uma ciência em contínuo progresso, este implicará uma tecnologia (uma especialização profissional) em constante mudança e, então, teremos uma educação condicionada por atitudes e processos, tais como:

Prolongamento da educação geral, formação polivalente que permita as opções posteriores de curso ou emprego, as formas de educação permanente, a exploração de estruturas mentais gerais, de preferência ao enciclopedismo de conhecimentos.

— Se a civilização científico-técnica amplia o uso dos «mass media», estes divulgam os conhecimentos, mas em reverso, como forças poderosas que são, tenderão a alienar o homem, a submetê-lo a pressões constantes e diversas.

Teremos então, que ter um ensino que utiliza aqueles

Continua na pág. 12

EDUARDO PRADO COELHO

LER BRECHT

Ouvindo certas pessoas, lendo determinados textos, soletrando alguns comunicados, nós quase que pensamos como Brecht: «Há pessoas que a gente suspeita que só querem a revolução para estabelecerem o reino do materialismo dialéctico».

Também Brecht nos ajudou a definir o que ele chamava «o grande método» no **Livro de Me-ti**: «O grande método é um ensino prático respeitante às alianças e à ruptura de alianças, à arte de explorar as mudanças e a dependência em que se está em relação às mudanças, à realização da mudança e à mudança dos realizadores, à dissociação e à formação de grupos, à dependência dos contrários entre si, à compatibilidade dos contrários que se excluem. O grande método permite distinguir nas coisas os processos e utilizá-los. Ensino a formular as questões que tornam a acção possível».

Se analisarmos com minúcia as várias frases desta proposta, veremos como elas abafam o alarido das fórmulas ocas — desconfiaremos das afirmações brandidas, procuraremos as questões actuantes.

Brecht ainda: «Lenine ensinava: «Afirmações como «a chuva é boa» ou «a chuva é má» são decididamente escassas. Se a chuva de que o trigo precisa para não morrer de sede cai em demasia, ela afoga-o. Outro exemplo: se expomos muito tempo à luz uma placa fotográfica, ela começa por se tornar cinzenta, e só depois negra. Se prolongarmos a exposição, volta a ser cinzenta. Afirmações como «a exposição de uma placa fotográfica à luz torna-a negra» são falsas».

Afirmações como «o Movimento das Forças Armadas é um movimento de direita» ou «o Movimento das Forças Armadas é um movimento de esquerda» são falsas.

Mesmo que com elas se queira provar o materialismo dialéctico.

Porque não é a realidade que tem o dever de provar o materialismo dialéctico, é o materialismo dialéctico que tem o dever de se pôr à prova na realidade

Exclusivo «Le Monde»/«DL» **Por MARCEL NIEDERGANG**

Angola

As rivalidades dos movimentos de libertação

LUANDA — A existência em Angola de três movimentos de libertação que pretendem ser igualmente representativos das populações deste território, é um factor particularmente explosivo.

A curto prazo, as dissensões entre os dirigentes do M.P.L.A., da F.L.N.A. e da UNITA, separados por rivalidades pessoais ou opções ideológicas e políticas diferentes, são naturalmente um obstáculo de monta para a abertura de um eventual diálogo entre os novos dirigentes de Lisboa e os porta-vozes qualificados da rebelião nacionalista. Tal é a opinião unânime, em Angola, das autoridades portuguesas do Movimento Democrático Angolano (onde se agrupam intelectuais liberais, brancos e negros, que sofreram com o regime salazarista) e dos africanos, que não escondem, na capital, a sua simpatia pelo movimento do dr. Agostinho Neto, dirigente do MP.L.A.

Deploramos embora oficialmente estas rivalidades, que poderiam favorecer um **processo de congolização** de Angola, as autoridades portuguesas locais sentem-se naturalmente tentadas a explorá-las para enfraquecerem a posição dos seus futuros parceiros africanos, numa discussão que se anuncia particularmente delicada.

Tudo se passa à portuguesa, de modo discreto e subtil. Mas a maneira como certos jornais de Luanda, que adoptaram a **nova linha democrática** da metrópole, com atraso e ambiguidade se fazem eco dos conflitos de tendência no seio do M.P.L.A. ou das **óptimas disposições** de Jonas Savimbi, «leader» da UNITA oficiosamente sondado por um missionário da região do Luso) (1) traduz bem as esperanças dos meios europeus hostis a uma evolução demasiado rápida e sobretudo a uma negociação onde o M.P.L.A. surgisse como interlocutor privilegiado. Dos três movimentos de libertação, o M.P.L.A. do dr. Agostinho Neto, de tendência socialista, é, no entanto, o que mais energicamente rejeita o racismo, tanto negro como branco, e que preconiza uma Angola independente e multirracial, onde os angolanos de origem europeia teria também o seu lugar.

Mas estas proclamações oficiais do M.P.L.A. são acolhidas com cepticismo em ambas as comunidades, por todos quantos entendem que o dr. Agostinho Neto não está em condições de controlar realmente as eventuais reacções emotivas e epidérmicas da população africana para a qual o acesso à independência «será, antes do mais, sinónimo de espoliação e de vingança elementar».

Os que assim pensam acrescentam que as emissões do M.P.L.A., difundidas por Radio-Brazzaville (muito escutado em Angola, dada a potência do seu emissor), lançam frequentemente «slogans» inquietantes. O GRAE de Holden Roberto, instalado em Kinshasa, e cujo «braço armado» é a F.L.N.A., muito activa nos Dembos, a Nordeste de Luanda, é ao que parece ainda mais directo sob este ponto de vista e faz apelo aos sentimentos de revolta e vingança da população africana. Segundo informações de boa fonte, a F.L.N.A. disporia, no sector Norte de Angola, isto é, essencialmente nos Dembos (maciço montanhoso e densamente arborizado) de cinco mil guerrilheiros, que controlam uma população africana avaliada em vinte mil pessoas.

A F.L.N.A. pode ainda contar com uma reserva de dez mil homens, treinados nos diferentes campos situados no Zaire (entre os quais o de Kinkuzu). Segundo a agência Zaire-Presse chegaram agora 122 instrutores chineses a esses campos.

AS AMBIÇÕES DO GENERAL MOBUTU

O estado-maior português em Angola não afasta a hipótese de um recrudescimento muito vigoroso das actividades militares da F.L.N.A., no Norte do território. Pensa-se ainda em Luanda que o presidente Mobutu, desejoso de aumentar a sua autoridade nas organizações africanas, e cioso de ver em Luanda um governo que compartilhe das suas opções políticas, incitará os dirigentes da F.L.N.A. a intensificarem a sua pressão militar em Angola. Tê-los-ia especialmente incitado a recrutarem a ritmo acelerado novos combatentes entre os 500 mil angolanos actualmente refugiados no Zaire.

Quanto à UNITA (cuja representatividade é subitamente posta em evidência pelas autoridades portuguesas de Luanda), essa poderá ver-se tentada a desempenhar o papel de bons ofícios entre o M.P.L.A. e a F.L.N.A., ou então a participar, para delas tirar benefício, das lutar intestinas do M.P.L.A. e da F.L.N.A.

As tímidas pretensões da FLING na Guiné-Bissau, e as reivindicações, em Moçambique, de grupúsculos, em tantos casos criados pelo governo Caetano para enfraquecer a FRELIMO, parecem pouco significativas, se tivermos em conta a acuidade e a gravidade das rivalidades entre os movimentos de libertação de Angola. Em Brazzaville, o dr. Pinto de Andrade, irmão de Mário de Andrade e «leader» do M.P.L.A. confirmou que o seu movimento não pensava por agora entrar em negociações com a F.L.N.A. de Holden Roberto. Segundo o mesmo dirigente, também não era pensável abrir um diálogo com as autoridades portuguesas nestas condições. O dr. Agostinho Neto seria menos hostil à reunião de um congresso do M.P.L.A. Esta reunião é insistentemente reclamada pelos dirigentes do movimento, como Mário de Andrade, Eduardo Santos e Hugo Meneses, fundadores do movimento popular de libertação de Angola, que critica as tendências «autoritárias» do dr. Agostinho Neto. Este último, confrontado já com as **tendências secessionistas** de Chipenda, dirigente dos grupos armados do M.P.L.A., que operam na região Leste de Angola, a partir da Zâmbia, deverá, sem dúvida, começar por pôr termo à insubordinação de alguns dos seus antigos lugares-tenentes, mais ou menos demitidos, aliás, por aquele a quem os intelectuais negros de Luanda chamam já o «presidente Neto». «Seria um drama terrível», diz-nos um padre africano, «se as intrigas actuais, dentro e fora de Angola, conseguissem eliminar um dirigente respeitado, que já possui verdadeira estatura de chefe de Estado».

UMA EXPECTATIVA MESCLADA DE INQUIETAÇÃO

Se as duas minorias, de uma parte a liberal (que aceita jogar francamente a cartada da independência) e outra, a «rodesiana» (que procura e facilmente encontra «nomes de palha» africanos) se mostram cada vez mais activas em Luanda, o certo é que a grande maioria da população, europeia e africana, se encontra numa expectativa mesclada de inquietação, cólera, esperanças ou apreensões, e que se alimenta da ambiguidade da situação actual. Se as coisas parecem hoje mais claras na Guiné-Bissau e mesmo em Moçambique, o mesmo não se passa em Angola, onde cada qual pensa que nada está ainda regulado. Os únicos que talvez se mostrem confiantes são alguns simpatizantes do M.P.L.A. (por «simpatizantes» devemos compreender «militantes», dado o clima actual). «Sabemos», disseram-nos alguns, «que a nossa representatividade política é incontestável e que o podemos provar a todo o momento, paralisando as actividades da capital...»

(1) — A UNITA e o Comando Militar de Angola chegaram a acordo sobre a suspensão das hostilidades no dia 16 deste mês (N. do T.).

DL/NACIONAL

NA CASA DE MOÇAMBIQUE

Debate interrompido por um telefonema

Esta madrugada, cerca de uma hora, foi repentinamente interrompida uma sessão sobre «A Mulher na Revolução Moçambicana», que decorria na Casa de Moçambique. Na altura, estava a ser exibido um filme sobre o M.P.L.A. Um telefonema anónimo, informando que tinha sido colocada uma bomba no edifício, motivou a evacuação da sala. As cerca de cinco centenas de presentes abandonaram calmamente as instalações, sem que se tenha registado qualquer incidente.

A FRELIMO EM EXPOSIÇÃO

Uma série de iniciativas foi tomada pelos novos responsáveis da Casa de Moçambique no sentido de comemorar a passagem do 12.º aniversário da fundação da Frelimo, que ocorre no próximo dia 25. No edifício daquela agremiação está aberta uma exposição sobre o Movimento de Libertação de Moçambique, onde, a par de textos sobre a orientação política do referido Movimento, se podem encontrar documentos diversos acerca dos massacres registados no Norte da colónia, das realizações da Frelimo no domínio da educação, da saúde e da própria guerrilha. Entre as fotos expostas assinalam-se as que respeitam a um bombardeamento de «napalm», e algumas do presidente da Frelimo, Samora Machel, ao lado do marechal Von Gian e do dirigente chinês Chou En Lai. A exposição está aberta até ao dia 25, sendo a entrada livre.

OCUPAÇÃO DA CASA DE MOÇAMBIQUE

Durante a reunião de ontem foi lido um comunicado sobre a nova orientação daquele organismo:

«A ocupação da Casa de Moçambique surge da necessidade de se desenvolver uma ampla campanha de esclarecimento junto dos moçambicanos residentes em Lisboa e também junto dos camaradas das outras colónias e do próprio povo português. (...) As celebrações do 25 de Junho, data memorável da História do nosso Povo, são consideradas por nós, por uma questão de princípio, um dever que temos para com o nosso Povo.» Depois de esclarecerem os objectivos da Frelimo — libertação do jugo colonial e revolução para uma sociedade nova sem a exploração do homem — o comunicado prossegue:

«Saudamos por isso todas as manifestações práticas contra o colonialismo e contra a guerra colonial levadas a cabo por largos sectores. A nossa função é, em relação ao povo português, mostrar-lhe que os nossos povos, constituem entidades e que a manutenção da guerra não visa senão a manutenção da exploração colonialista, seja ela com velhas vestes ou com roupagens da última moda. (...) Criando partidos fantoches nas colónias, acenando com a «democracia» e referendos a burguesia tenta mais uma vez enganar os povos em armas.» É neste contexto que surgiram os colóquios sobre a Frelimo.

A MULHER EM ARMAS

«A mulher para se emancipar necessita de um engajamento político consciente. Isto quer dizer concretamente, no nosso caso, que a mulher para se libertar deve assumir e viver criadoramente a linha política da Frelimo.» Estas palavras de Samora Machel dão-nos o tom de todo o colóquio. Foram assinalados durante a sessão os aspectos mais flagrantes da participação activa da mulher moçambicana nos sectores da saúde, da educação, do fornecimento de géneros e material bélico às frentes de luta, e da sua própria participação na guerrilha. O exemplo de Josina Machel foi evocado, assinalando-se que o dia 7 de Abril, data da sua morte, é hoje o «Dia da Mulher Moçambicana».

A terminar a sessão, e antes de ser projectado o filme sobre o M. P. L. A., foram ainda recordadas as palavras de Samora Machel:

«Sejamos claros neste ponto. A contradição antagónica não é entre a mulher e o homem, mas sim entre a mulher e a ordem social entre os explorados mulheres e homens, e a ordem social. Esta contradição só pode ser resolvida pela Revolução, porque só a Revolução destrói os alicerces da sociedade exploradora e reconstrói a sociedade em bases novas que libertam a iniciativa da mulher, a integram como ser responsável na sociedade e a associam à elaboração das decisões.»

REGRESSO DE GALVÃO DE MELO:

"O desenvolvimento brota no Brasil como cogumelos na época de chuva"

. «O terceiro ponto a que me queria referir é o surto económico e de desenvolvimento que brota visivelmente por todo o País, tão visivelmente que quase faz lembrar os cogumelos na época das primeiras chuvas» — declarou o general Galvão de Melo no aeroporto da Portela, ao regressar de uma viagem de dez dias ao Brasil. «O portuguesismo de todos os portugueses e o portuguesismo de todos os brasileiros» — foram os dois principais aspectos que impressionaram o general Galvão de Melo nesta viagem ao Brasil. Salientou ainda que a sua missão havia sido cumprida com facilidade pois todos, «brasileiros e portugueses do Brasil escutaram as palavras esclarecedoras que levámos, acreditaram e ficaram tranquilos».

No aeroporto da Portela, o general Galvão de Melo, membro da Junta de Salvação Nacional, foi recebido pelo embaixador do Brasil em Lisboa, pelos adidos militar e naval; pelo comendador António Martins Rodrigues, presidente honorário do Real Gabinete Português de Leitura e por José Calmon das Associações Brasileiras e Portuguesas, além de outras individualidades.

«QUE DEUS VOS PAGUE»

Ao abandonar o Brasil, o general Galvão de Melo foi ontem obsequiado com um almoço pelo Consulado de Portugal, a que assistiu o governador de Guanabara. Depois de classificar a sua visita como «dez dias de autêntico turbilhão de fraternidade», o membro da Junta de Salvação Nacional terminou afirmando: «Regressamos tendo cumprido o dever... mas deixando em aberto dívida muito difícil de saldar. A menos, meus caros senhores e amigos, que aceiteis receber aquela moeda, antiga de muitos séculos, aquela que é a única a valer, por igual, em nossas Pátrias comuns: se aceitais... que Deus vos pague».

Mário Soares e Kissinger conferenciaram em Ottawa

OTAVA, 20 — (UPI-ANI) — O ministro português dos Negócios Estrangeiros, dr. Mário Soares, conferenciou ontem com o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, para discutir a política interna e externa de Portugal.

Kissinger e Soares encontraram-se antes dos ministros dos Estrangeiros da Organização do Tratado do Atlântico Norte terem aprovado a declaração sobre as relações atlânticas.

A reunião durou mais do que a meia-hora prevista e Kissinger chegou cinco minutos atrasado para a cerimónia oficial.

«A conversa foi bastante produtiva» — declarou depois o secretário de Estado aos jornalistas, durante uma conferência de Imprensa.

«Explicou-me (o dr. Mário Soares) algumas das intenções do novo Governo português com respeito aos seus territórios africanos e a algumas situações internas.

«Ouvi agradavelmente as suas afirmações — acrescentou Kissinger — e cooperaremos no que nos for possível».

O Brasil apoia os povos africanos

BRASÍLIA, 20 — (F. P.) — O ministro brasileiro dos Negócios Estrangeiros, Azeredo da Silveira, propôs novamente, ontem, «a colaboração» do Brasil para encontrar uma solução «justa e urgente» para o problema dos territórios africanos «sob administração portuguesa».

Num discurso pronunciado no Parlamento de Brasília, Azeredo da Silveira manifestou, mais uma vez, o apoio do seu país às «legítimas aspirações dos africanos» e «ao respeito pelos direitos das comunidades locais».

«O Brasil» — disse — «tem uma responsabilidade histórica para com o futuro dessas comunidades africanos».

O chefe da diplomacia brasileira fez, seguidamente, o elogio da O. N. U. e da obra levada a cabo por essa organização, nomeadamente no que respeita «à eliminação das formas de domínio económico, político e racial».

«Graças à O. N. U.» — acentuou — «dezenas de países obtiveram a sua independência e os cidadãos desses países transformaram-se em cidadãos de países independentes».

O APOIO DA CHINA

HONG KONG, 20 — (F. P.) — Pequim reafirma o seu apoio à luta dos povos africanos, até à independência total do «continente negro», até à sua vitória sobre o imperialismo, o racismo e o sionismo, escreve o «Diário do Povo», no seu editorial de hoje.

O jornal põe em relevo o êxito que representou a 11.ª cimeira da O. U. A. e o apoio dado aos povos de Moçambique, Angola, Guiné-Bissau e Cabo Verde.

O orgão da direcção de Pequim lembra o teor da proclamação daquela conferência, a saber, que «Portugal deve afirmar, inequivocamente, o direito à independência das suas colónias e iniciar negociações com os únicos movimentos de libertação reconhecidos pela O. U. A., com vista à transferência do poder».

GRUPO DE TRABALHO NO LICEU GARCIA DE ORTA

..Amanhã, às 15 horas, na sala de Matemática do Liceu Garcia de Orta, do Porto, professores e alunos reunem-se para estudarem a actividade a desenvolver pelos grupos de trabalho. Estes grupos estão a organizar-se em ordem à reformulação geral do ensino, dividindo-se por temas como: objectivos e finalidades da educação, gestão democrática do liceu, técnicas de avaliação de conhecimentos, programas das diferentes disciplinas e estágios.

..A ordem de trabalhos da reunião de amanhã abarca um primeiro ponto de «informações» e um segundo de «estruturação dos grupos».

A TÍTULO EXPERIMENTAL

Fixados novos horários dos mercados de Lisboa

A partir da próxima segunda-feira, tanto os mercados retalhistas como os mercados abastecedores de Lisboa, encerrarão ao domingo, a título experimental, segundo anunciou hoje em conferência de Imprensa o delegado da J. S. N. na Câmara Municipal de Lisboa, tenente-coronel Morais Barrôco, a desempenhar o cargo de vice-presidente do Município.

Também em regime experimental, serão os seguintes os horários daqueles mercados retalhistas: diariamente, das 6 às 13 horas, excepto ao sábado, que funcionarão das 6 às 17 horas; **abastecedores**: segunda-feira, das 6 às 9, para venda de produtos e das 17 às 22, para recepção de produtos; de terça a sexta-feira, das 6 às 9, para venda de produtos, e das 2 às 5 e das 17 às 22 para chegada de produtos. Ao sábado, os mercados abastecedores estarão abertos das 6 às 10 horas para venda de produtos, e das 2 às 5 e das 19 às 23, para chegada de produtos. A hora de saída dos últimos transportes será, tanto à sexta como á sábado, às 5 e 45.

Os horários agora estabelecidos em regime experimental foram elaborados de acordo com os resultados obtidos pelo grupo de trabalho mandado constituir pelo secretário de Estado de Abastecimentos e Preços, junto dos representantes dos mercados retalhistas, abastecedores e produtores da região de Lisboa e concelhos vizinhos.

Reunião do Bairro de Campolide

Da Comissão Pró-Bairro de Campolide, constituída pelo médico Francisco Alçada Cardoso, pela professora Maria de Lourdes Tavares e pelo profissional de escritório Oscar Martins de Freitas, recebemos, com pedido de publicação, uma convocatória a todos os moradores do Bairro de Campolide, para que compareçam esta noite, às 21 e 30, no salão-ginásio do Campolide Atlético Clube, onde se realizará uma reunião preparatória a fim de apreciar e discutir os assuntos inerentes ao bairro, como prenúncio de uma assembleia magna.

O P.C.P. NO CAMINHO DE UM PORTUGAL DEMOCRÁTICO

-refere um documento de Comité Central

O Comité Central do Partido Comunista Português apresentou um balanço das mudanças verificadas na situação política do País, como resultado do Movimento das Forças Armadas no dia 25 de Abril.

No documento elaborado são também definidas as tarefas políticas essenciais no momento actual de consolidar os êxitos e de prosseguir com sucesso a luta dos trabalhadores até à vitória final.

Depois de uma análise da mudança radical da situação política em Portugal são definidas as tarefas imediatas, algumas das quais consideradas fundamentais, nomeadamente a continuação de saneamento e o desmantelamento de todas as estruturas fascistas, institucionalização das liberdades e dos direitos dos cidadãos, apressadamente do processo de negociações que conduza ao fim da guerra colonial e à solução política do problema, na base do reconhecimento do direito dos povos à autodeterminação e à independência, melhoramento das condições de vida das classes trabalhadoras, política económica e financeira que assegure a estabilidade e regule o desenvolvimento e a expansão do mercado interno e externo e por último, aproveitamento da abertura diplomática encetada.

A QUESTÃO COLONIAL

A consolidação das liberdades do povo português é outra dos pontos analisados, apontando-se o perigo de manobras demagógicas, objectivamente ao serviço da contra-revolução, que afirmam que as Forças Armadas seguem uma política fascista, pretendendo com isto fomentar o descontentamento e pôr em causa o 25 de Abril, as Forças Armadas o P.C.P. e outras forças democráticas. Deste modo o P.C.P. pronuncia-se decididamente pelo esforço da aliança do movimento popular com as Forças Armadas.

Entretanto, a guerra colonial continua a ser, como sempre foi para o P.C.P., o problema central exigindo urgente solução e acrescenta o documento: «Negociações com os legítimos representantes dos povos submetidos ao colonialismo português constituem caminho válido para pôr fim à guerra, há muito reclamado pelo P.C.P. e por outras forças democráticas. Seria entretanto ilusório pensar que é possível pôr fim à guerra e encontrar uma solução política do problema colonial sem o reconhecimento efectivo do direito dos povos à autodeterminação e à independência».

LUTA REIVINDICATIVA

Fazendo o balanço da situação económica presente é considerada a importância da «defesa dos interesses das pequenas e médias empresas é parte essencial da defesa da estabilidade económica e social» e que se torna «indispensável a rápida reorganização e reconversão de ramos industriais e o alargamento do mercado para os seus produtos, tendo em conta a difícil continuidade de laboração de sectores que se baseavam na exploração de mão-de-obra e baixíssimo preço».

Afirmando depois que a exploração capitalista não sofreu em Portugal alteração, o P.C.P. considera que a luta reivindicativa dos trabalhadores continua a ser indispensável, alertando contudo para o perigo de «reivindicações irrealistas» e as manobras do patronato reaccionário que incita a essas reivindicações.

A greve, reafirma mais uma vez o P.C.P., só deve ser utilizada na luta por reivindicações sérias e ponderadas, depois de esgotados todos os outros recursos. E mais adiante: «a desorganização da economia, a paralisação de transportes e outros meios vitais da vida económica cria condições favoráveis para a reacção e a contra-revolução:»

REFORÇO DA UNIDADE

Fazendo um balanço das manobras contra-revolucionárias, pois multiplicam-se as tentativas de intimidação, as provocações, a distribuição de papéis anónimos e os fascistas encontram nos pseudo-revolucionários um aliado na luta contra as Forças Armadas, contra o P.C.P. e outras forças democráticas, refere que o anticomunismo começa a manifestar-se cada vez com maior clareza.

Deste modo o Partido, no documento agora publicado, faz um apelo para o reforço da unidade da classe operária e das massas trabalhadoras, o reforço da unidade das forças democráticas e o reforço da aliança do movimento popular com as Forças Armadas.

Por último, o Partido, que participa no Governo Provisório Civil, afirma ter «uma mesma política onde quer que se encontrem os seus membros». E finaliza o documento: «Na situação actual, o P.C.P. ao lado de todas as forças democráticas e patrióticas, concentra as suas energias na realização dos elevados objectivos de conduzir o País à realização de eleições livres para a Assembleia Constituinte, e de construir, segundo a vontade expressa do povo português, um Portugal democrático, pacífico e independente.»

TV DL/ESPECTÁCULOS

Uma história de A, B e C que é o que mais se vê

canal da Crítica

Por MÁRIO CASTRIM

1 — No mercado abastecedor aconteceu uma coisa digna de *Telejornal*. E o *Telejornal* foi lá.

Tratava-se do seguinte: certo revendedor tinha lá para pôr à venda 539 quilos de feijão verde. Num acto considerado de vandalismo, alguém (e ao que parece a Judiciária vai averiguar quem foi) regou os feijões verdes com querosene o que, se considerarmos a venda do feijão verde à volta dos 12 escudos por quilo, se traduz num prejuízo da ordem dos 6500$00.

Se o interesse da questão se colocasse no âmbito do prejuízo parece não haver dúvida de que a notícia não mereceria tamanho relevo. O tempo dedicado ao assunto, traduzido em tempo de antena, valeria mais, muito mais do que o preço do feijão verde. Donde se conclui que terá havido razões outras capazes de justificar a atenção do *Telejornal*. Mas, ó amigos, haverá mesmo? Não se estará a correr o perigo de inchar a rã de tal forma que a pobre rã assuma nas mentes fraquinhas as proporções de um boi?

Deixo esta interrogação para uso dos amigos do *Telejornal*.

2 — Por outro lado, pareceu muito reduzido o tempo concedido ao problema candente do divórcio, também incluído no Telejornal, a propósito da próxima sessão pública dedicada ao assunto.

É certo que ainda não há muito tempo, num *Caso da semana* a questão se levantou com maior desenvolvimento. Dois elementos da Comissão estiveram presentes. Entre eles o advogado dr. Leão Franco que nos deu abundante material de reflexão quer no aspecto humano, quer jurídico.

Tratou-se, porém, de uma emissão em hora de audiência reduzida, pelo que se justificava um tratamento mais amplo em horário mais rico. Muitos, muitos milhares de pessoas encontram-se envolvidas directamente num processo que, tal como está, não pode manter-se. Sob pena de se transformar numa engrenagem que, a coberto de posições de respeito social e religioso mais do que precárias, tem por consequência a destruição da pessoa humana precisamente no aspecto religioso e social... A Televisão não pode, portanto, não deve voltar as costas ao problema, antes pelo contrário: estamos em presença de um *caso nacional*, a vários níveis. A lei que rege o divórcio é uma tristíssima herança de um passado tristíssimo que o 25 de Abril se deve recusar a receber, tal como, saudavelmente, tem recusado receber muitas outras.

Ontem, no Telejornal, não se foi além de uma brevíssima notícia em que depuseram os advogados Leão Franco e Afonso Baptista de Carvalho — este nem ao menos teve a honra de ver o seu nome mencionado. Enfim, esquecimentos. Tratando-se de simples notícia, claro que o tempo de emissão não poderia alargar-se muito. Talvez se pudesse, em todo o caso, ter deixado que o dr. Afonso Baptista de Carvalho terminasse o seu depoimento. Esperemos que o possa fazer numa próxima emissão dedicada ao assunto em foco. Ora aqui está, por que não exactamente no programa EM FOCO? Não se justificaria mais do que uma reportagem sobre a vida ilustre do ilustre toureiro senhor Amadeu dos Anjos?

Sobretudo, há que desenvolver aquela sugestão de, no respeitante ao divórcio, se regressar à lei de 1910. Porque, na realidade, o problema não pode pôr-se entre os casados civis que, felizardos, podem divorciar-se e dar um novo equilíbrio, um novo sentido à sua vida, e os casados pela Igreja que estão quilhados para toda a vida no caso de dar pró torto.

A verdade é que mesmo entre os casados civilmente os problemas são vários e muitas vezes insolúveis. Suponhamos que o entendimento de um casal, A e B se degradou a ponto de a vida em comum se tornar impossível. B saiu de casa, dado que gostava de C e considerava que a verdadeira imoralidade consistia na *vida a três* e não em escolher outro caminho — com tudo quanto esse caminho representasse de incomodidade, de desequilíbrio social, de incompreensões várias como seja, por exemplo, a destruição de laços familiares e de toda uma rede de amizades que prezam muito os preconceitos e a *legitimidade*.

O B e o C da minha história vivem juntos há seis anos e têm dois filhos — ilegítimos, está claro. O divórcio não viria senão sancionar uma situação irreversível. Não há nenhuma lei, por muito cautelosa e paciente seja ela, que admita a possibilidade de C deixar B e os seus filhos para regressar a A — possibilidade tornada mais remota ainda por acontecimentos degradantes que resultam quase sempre das confrontações judiciais para exigências de pensão.

Ora, porque não há divórcio neste caso? Porque C não pode pedi-lo, dado não poder culpar A; e A não quer pedi-lo por vingança pessoal que têm tanto a ver com razões de amor como de razões de plantação de beterraba.

Sim, meus caros amigos da Comissão, o problema é mais vasto e tem de ser discutido mais amplamente, «*na certeza* — como disse o dr. Afonso de Carvalho — *de que o movimento pró-divórcio não vai ser um movimento gorado.*»

Oxalá não seja.

3 — Uma comissão antifascista, integrada por figuras representativas da vida política italiana, está em Portugal. Pois claro que o *Telejornal* não podia ignorar essa presença. Pois claro que o Telejornal fez reportagem para dar conhecimento ao país de um acontecimento relevante, seriamente relevante. Para dar esse conhecimento ao país, mandou o Durão falar com o vice-presidente dos senadores, Francesco Albertini. O Durão perguntava em francês e o sr. Albertini respondia em italiano. Pelo que se julgou desnecessário traduzir fosse o que fosse, na certeza de que o público português tudo entendia na perfeição. Santa ingenuidade!

Resultado: o público não percebeu o Durão, o público não percebeu patavina das palavras do italiano. Como processo de dar conhecimento ao país da importância desta visita — não se podia imaginar nada tão completo.

Assim se trabalha entre nós. Ainda.

4 — António Galhordas, secretário da Saúde, tem sobre os ombros a pesada herança da assistência, perdão, da não assistência do regime deposto. A entrevista foi longa, demasiado longa talvez. Seria preferível uma síntese mais rigorosa, mas reconhecemos que os assuntos eram, todos eles, muito melindrosos e muito urgentes: havia que atender a todos, para que nenhum profissional se sentisse esquecido ou ofendido pelo esquecimento. Daí, certamente, a extensão da entrevista.

Depois de ouvir o dr. António Galhordas, ninguém deverá ter ficado com dúvidas sobre a fachada, o cariz demagógico da «assistência» fascista. Os números apresentados são de uma eloquência quase... dramática. Também no sector da saúde há que ordenar o caos, a casa precisa de uma arrumação de alto a baixo.

O povo português dá-lhe, certamente, a sua confiança, amigo Secretário. Oxalá estejam atentos os mitológrafos pois, em atenção à tarefa que o espera, terão de contar mais um trabalho de Hércules. Comparadas com a cavalariça da «assistência» fascista, as cavalariças da lenda eram de uma limpeza irrepreensível...'

... A estas horas, o pessoal qualificado de enfermagem que ontem à tarde desfilou em Lisboa com o «slogan» «*Promoção, sim; passagem imediata, não*» deve ter ficado tranquilo com as palavras do secretário da Saúde. Quando se faz justiça, o dia é mais claro.

O bispo do Porto contra o "anticomunismo estéril"

«Que sinais evangélicos descobre nos acontecimentos desencadeados em Portugal pelo 25 de Abril?» — era a primeira questão de uma assembleia do clero da diocese do Porto ontem realizada no Seminário Maior. Em resposta, os sacerdotes apresentaram, nomeadamente, os seguintes pontos: respeito pela pessoa humana, pela sua dignidade e direitos fundamentais; confiança nas possibilidades e virtudes do povo; o direito acima da força na resolução dos conflitos, patente na solução pretendida quanto ao problema colonial; pluralismo de opiniões e convivência com todos os povos; desejo de participação na reconstrução do País; sensibilidade à justiça social.

Como sinais positivos da atitude da Igreja foram salientadas as atitudes dos Bispos do Porto e de Nampula, o interesse dos cristãos e dos padres em discutirem e agirem dentro desta nova era para a Igreja e para o País. Como sinais negativos, a assembleia dos padres também apontou exemplos: a tomada de lugares de poder pelos oportunistas, as vinganças pessoais e o alheamento das populações rurais e, dentro da própria Igreja, um certo silêncio, uma certa reserva, ainda nítida em alguns sectores.

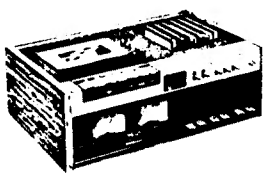
A sessão prolongou-se por todo o dia, tendo sido encerrada pelo bispo do Porto que salientou estar a fé acima das ideologias e que a violência, à semelhança de outras revoluções, poderá vir mais tarde quando se começarem a manifestar resistências, mostrando como a verdadeira revolução se opera na adesão do povo e na sua recusa da situação anterior. A propósito da posição dos cristãos face às correntes políticas, o bispo do Porto salientou: «Há que evitar dois perigos — um anticomunismo estéril e a indiscriminada aceitação de propostas. Os cristãos terão de procurar algo de mais positivo e entusiasmante: o modelo novo de uma sociedade nova».

Na mesa que dirigiu os trabalhos estiveram, além do bispo do Porto, o bispo auxiliar, o vigário geral, o vice-reitor do Seminário Maior e um membro da Comissão Diocesana Justiça e Paz. Serviram de moderadores os padres Orlando da Mota e Moreira da Rocha, membros da Associação dos Párocos da cidade.

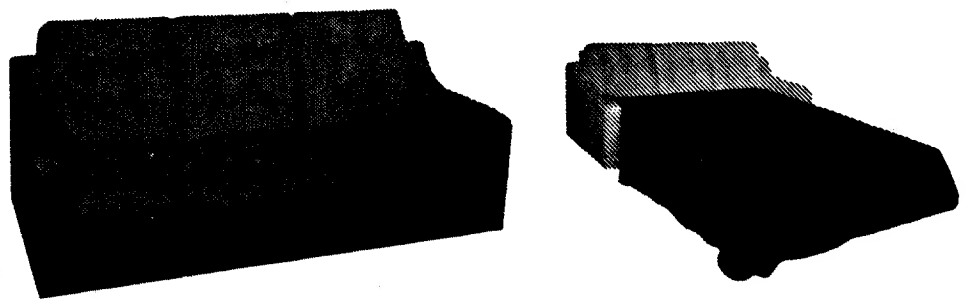
BEBÉS

Camas, porta-bebés, conjuntos, parques, banheiras, andadores, carros, triciclos, automóveis, etc. Fabricante vende directamente ao público. «BAVÁRIA», Av. da Igreja, 9 - B — Rua dos Correeiros, 184 - 2.º

TEAC
o som da perfeição



ESTEREOSOM
Av. Duque d'Ávila, 56-A - LISBOA-1



sofás-camas
estofos

VALENTIM RODRIGUES
Av. Defensores de Chaves, 31-B e C. Lisboa 1

FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS COLECTIVIDADES DE CULTURA E RECREIO

AVISO CONVOCATÓRIO

Continuação dos trabalhos da Mesa da Assembleia Geral Extraordinária na Sede da Federação — Rua da Palma, 256-A, Lisboa, telefone 86 16 19 — no próximo dia 21 do corrente, pelas 21.30 horas.

O Presidente da Mesa
João Cid Castelo Branco

HOTEL JÚPITER
PRAIA DA ROCHA

Solicita-se aos nossos estimados clientes que, por dificuldade de recepção da correspondência, nos façam as reservas através do telefone 22041/5 ou telex 18246.

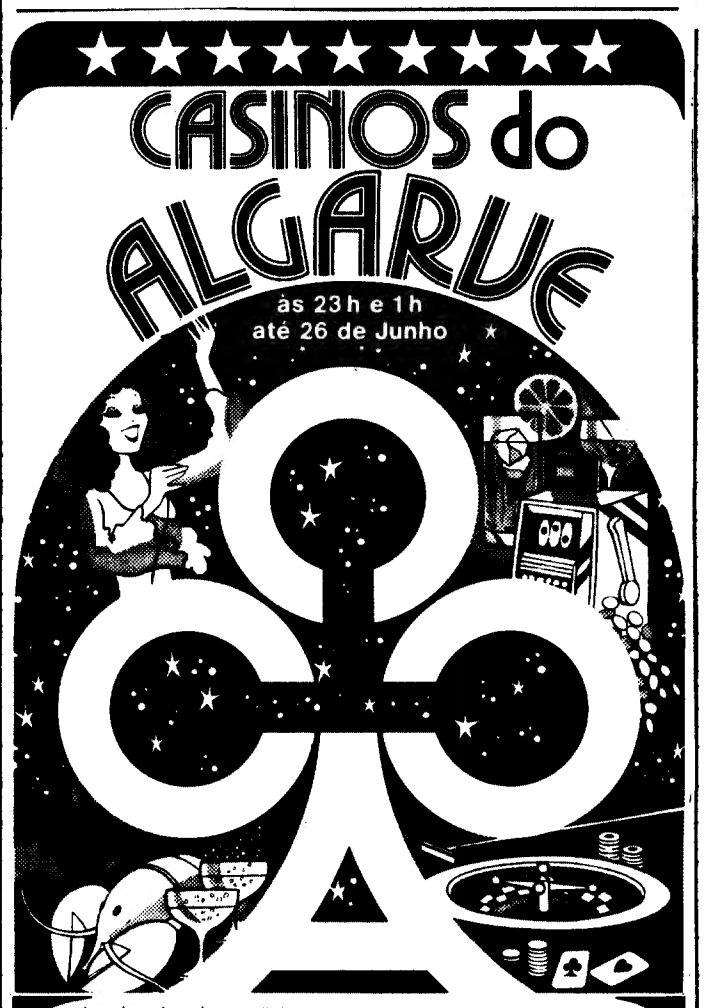
Obrigado.

MIRAFLORES CLUB

O KING RESTAURANT espera-o com uma requintada ementa especialmente estudada para si e para os seus convidados.
A **NITO'S BOITE** espera-o até de madrugada com os mais recentes **«Top of the Pops».**
Miraflores é, de facto, o seu desejo. Sabêmo-lo.

Marque mesas pelos telefones
21 78 72/3/4

DL/ESPECTACULOS



CINEMA-ESTREIAS — LAURO ANTÓNIO

O IMENSO ADEUS

TÍTULO ORIGINAL: The Long Goodbye
REALIZAÇÃO: Robert Altman, 1973 (E.U.A.)
INTÉRPRETES: Elliot Gould, Nina Van Pallant, Sterling Hayden, Mark Rydell, etc.
DISTRIBUIÇÃO: Rank Filmes
ESTREIA: Cinema S. Jorge (13.6.1974)

Raymond Chandley escreveu alguns dos mais célebres romances policiais norte-americanos, muitos dos quais foram adaptados ao cinema, não poucas vezes interpretadas p/ Humphrey Bogart, o velho «Bogie» que encarnou, com particular à vontade, a figura do detective privado Philip Marlowe, nomeadamente nesse clássico do «policial» que, em português, se chamou **Á Beira do Abismo** (1947). Pois esse **À Beira do Abismo** outro não era do que a adaptação ao cinema do mais famoso romance de Chandley — **The Big Sleep,** adaptação essa da responsabilidade de William Faulkner, com a colaboração de Leigh Brackett. O mesmo Leigh Brackett regressa a Chandley para pôr em cinema **The Long Goodbye** sob as ordens do canadiano Robert Altman (o cinesata de **Aquele Dia Frio no Parque,** impiedosamente esquartejado pela censura fascista; **Estradas do Inferno; MASH,** filme proibido de circular em Portugal, mas autorizada a sua exibição em Angola e Moçambique; **Brester McCloud,** que nunca se soube se teria vindo à censura, mas que até hoje permanece inédito entre nós, sendo, segundo a crítica internacional, uma das obras mais importantes de Altman; **A Noite Fez-se para Amar, Imagens** e, finalmente, este **O Imenso Adeus.**

Em lugar de Bogart temos agora Elliot Gould que, inteligentemente, não procurou copiar os processos do «mestre» (processos irreparáveis por outros que não o próprio «Bogie»), mas, dentro de um mesmo espírito (afinal o tom descrito por Chandley), adaptar a figura à sua personalidade e um pouco também aos tempos actuais, vinte e tal anos depois de 47. Assim, mantem-se o ar desleixado e um tanto cabotino de Marlowe, detective privado de casos sujos, homem que, a troco de alguns dólares (que as ambições não são muitas, sem sequer monetárias), descobre o paradeiro de desaparecidos, ou deslinda as intricadas meadas de assassínios de difíceis soluções. Marlowe é, portanto, o detective privado, quase sempre perseguido pela ordem estabelecida através da polícia estatal, «pau para toda a obra» que acaba invariavelmente por apanhar de todos os lados, ainda que, no fim, a solução se apresente clara no seu espírito. **O Imenso Adeus** é, por isso mesmo, uma investigação particular que procura descobrir o que está por detrás do desaparecimento de um amigo. Muito sofre Marlowe até descobrir que o «amigo» o havia utilizado num jogo perigoso. Vinte e cinco anos depois, por olhos diferentes, a mesma amargura, o mesmo desamparo, a ingénua crença em valores que a realidade vai desacreditando, virada a um egoísmo feroz, a uma competição violenta que culmina na morte, se necessário. Essa parece-nos ser a lição «moral» de **O Imenso Adeus**, ao mesmo tempo que re-afirma essa ingénua crença no homem, num verdadeiro plano, com Marlowe, em miserável terra mexicana, caminhando por uma frondosa estrada e trocando sorrisos com uma criança.

O filme de Altaman nada acrescenta à sua filmografia passada; é simplesmente um filme correcto, bem feito, esboçando rapidamente alguns aspectos de uma sociedade doente, frente à qual se enuncia uma atitude possível, de indiferente nirvana. Excelente é o trabalho de Elliot Gould e Sterling Hayden.

O CHORAR DOS MORTOS

Título original: «Cry of the Banshee»
Realização: Gordon Hessler, 1969 (E.U.A.)
Intérpretes: Vincent Price, Elisabeth Bergner, Essy Persson, Hugh Griffith, et.
Distribuição: Astoria Filmes;
Estreia: Cinema Politeama (13/6/74).

Mais um filme «adaptado» de Edgar Allan Poe (que Poe tem boa cotação internacional e as costas largas). Em Inglaterra mais um episódio de caça às bruxas. **O Caçador de Bruxas** já havia dito o memo e melhor. Alguns aspectos do argumento e a interpretação de Vincent Price mereceria melhor tratamento do que aquele que Gordon Hessler lhe dá. Mesmo assim (falamos para os **fans** do **género**), um filme com uma ou outra «coisa» curiosa, se bem que sem grande originalidade.

O caso do "Tempo que foi"

A comissão directiva do Clube Radiofónico de Portugal enviou-nos um comunicado em que esclarece o caso do programa «Tempo que foi, tempo que será», suspenso por decisão do respectivo produtor, sr. Luís Galrito. Este seria, segundo o CRP, o único actual director do programa, tendo deixado, em 4 de Abril passado, de figurar no contrato, a pedido do sr. Luis Galrito, os nomes de Jorge Miguez e Aníbal Cabrita.

A explicação do CRP para a determinação de o programa ser previamente gravado baseia-se no facto de «não dever permitir que se propagasse na nossa onda, e em manifesto prejuízo dos inúmeros produtores que nos E.A.L. mantêm, com dignidade, o seu esforço profissional, e inclusive o sr. Luís Galrito, uma campanha a todos os títulos desprestigiante».

O C.R.P. acusa o sr. Luís Galrito de ter difundido quatro telefonemas de ouvintes, de uma selecção feita entre 50, aos quais ouvintes aquele produtor incitava a uma resposta desfavorável aos E.A.L. Acrescenta que o sr. Galrito jamais teve qualquer censura no seu programa, antes e depois de 25 de Abril; e que recentemente solicitara redução de tempo (de 90 para 60 minutos), por falta de suficiente cobertura publicitária, informando ainda que, por esse motivo, se veria na contingência de suspender o programa. Finalmente, o C.R.P. informa que Jorge Miguez foi despedido, em tempo, de estagiário-operador do C.R.P., pela anterior direcção, por não cumprir o horário de trabalho estabelecido com o seu acordo.

FILMES ESPANHÓIS NO "MICRO-CINE"

No prosseguimento do seu programa de intercâmbio, o Clube Micro-Cine realiza amanhã, dia 21, pelas 21 e 45, na sua sede, Av. Columbano Bordalo Pinheiro, 70-B cabe Lisboa, uma sessão preenchida com a exibição e debate de filmes espanhóis de formato reduzido. Entrada Livre.

Romy em força

Romy Schneider, que actualmente trabalha com o realizador polaco Andrej Zulawski no filme «L'Important, c'est d'Aimer», tem programada, a seguir, a interpretação de um filme sob a direcção de Marco Ferreri. Tem, também, um contrato com Pierre-Gramier Deferre para a rodagem de uma película baseada numa novela de Dreu de la Rochelle.

DL/NACIONAL

Empregadas de limpeza dos liceus lutam por melhores condições

As empregadas de limpeza do Ensino Secundário são convocadas, por um grupo de colegas e alunas liceais, para uma reunião no Liceu Maria Amália Vaz de Carvalho, na Rua Rodrigo da Fonseca, pelas 17 horas de amanhã a fim de se organizarem na luta pelas suas justas reivindicações.

A iniciativa partiu de um grupo de empregadas daquele e dos liceus Pedro Nunes, Luís de Camões e Padre António Vieira, que afirmam que «face às suas condições de trabalho não podem deixar de levantar sérias dúvidas sobre a instauração das medidas democráticas, tendo consciência que vivem em condições sobre humanas e que muitas trabalhadoras como elas continuam a ser exploradas». De entre as várias reivindicações que serão apresentadas na reunião destaca-se: a criação, em todos os estabelecimentos de ensino, de um quadro de pessoal auxiliar dos serviços de limpeza; um ordenado mensal certo e compatível com o actual custo de vida; pagamento de domingos e feriados; sindicalização; férias pagas e 13.º mês; melhoria das reformas, tec.

No Liceu Maria Amália, «com o fim de apoiar as justas reivindicações das empregadas de limpeza, um grupo de alunas deste liceu resolveu ajudá-las no seu trabalho», de modo a fazerem as tarefas daquelas durante as suas reuniões.

COMÍCIO UNITÁRIO EM QUELUZ

Por lapso, na notícia sob o título em epígrafe publicada no nosso jornal, considerava-se o orador Fernando Matos um ex-oficial das Forças Armadas. Apesar de ter tecido diversas considerações sobre o Movimento das Forças Armadas, o referido orador já se encontra na disponibilidade há cerca de quatro anos, e nunca foi oficial durante o cumprimento do serviço militar.

Alunos de Direito discutem exames

De um grupo de estudantes da Faculdade de Direito de Lisboa, recebemos, com pedido de publicação, o seguinte comunicado:

«A forma de participação dos delegados estudantis nos júris de exames (consultiva ou deliberativa) é, neste momento, um problema inadiável para os estudantes de Direito, dada a grande proximidade das orais.

Em virtude da grande controvérsia que se levantou (sobretudo depois de uma reunião entre esses delegados estudantis acerca deste problema, sustentando a C.P.E. que essa participação deve revestir a forma consultiva e sustentando grande número de delegados aos júris de exames que ela deve ser deliberativa, é urgente que os estudantes da Faculdade tomem posição).

Por isso, o «Ousar Lutar, Ousar Vencer» do 3.º ano apoiado por muitos estudantes do curso, convoca uma reunião de curso do 3.º ano para esta tarde, às 17.30, no anfiteatro n.º 3. Ordem de trabalhos: Participação dos delegados estudantis nos júris de exame e «Os exames de obrigações».

"VOUGA LIVRE"

PORTO, 20 — Com o 25 de Abril cessou a publicação do «Notícias de Vouzela» que vai ser substituido por um novo jornal, o «Vouga Livre»; que terá como director interino o dr. José Baratal assistente da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. O seu corpo redactorial inclui, para já, os nomes dos drs. Jaime Gralheiro, António Bica, Telmo Teixeira, José Lages, José Carlos Chã de Almeida, Alexandrino e Manuel Bandeira Pinho. O primeiro número sairá no dia 5 de Julho próximo, cobrindo sobretudo os concelhos da região de Lafões (S.Pedro do Sul, Vouzela e Oliveira de Frades). O dr. José Barata informou-nos que o novo jornal «não é um orgão do Movimento Democrático mas seguirá a linha política deste», com informações de carácter noticioso e doutrinário.

O «Vouga Livre» será publicado três vezes por mês.

Comício do Partido Comunista em Setúbal

No próximo sábado pelas 21 e 30, realiza-se, em Setúbal, na jpraça de Touros «Carlos Relvas», um comício organizado pela Comissão Concelhia do Partido Comunista Português, com a presença de elementos do Comité Central.

CURSOS

DE FÉRIAS

● Mecanografia
● Perfuração/Verificação

Sistema: IBM e UNIVAC
máq. 029-059-129-1701-1710
Início dos cursos: 20 de Junho
Estágio grátis após os cursos.
Informações e Matrículas no
Externato Continental
Telef. 325652 e 364272
R. do Arsenal, 100-1.º

MEDICINA

AFINAL A MARIJUANA SEMPRE É NOCIVA

Contrariando o conceito comum de que fumar marijuana é relativamente inócuo, um grupo de médicos da Universidade de Columbia comunicou a sua descoberta de que esta droga tem um grave efeito no organismo: diminui a resistência às doenças por vírus. Com efeito, estes investigadores evidenciaram que os glóbulos brancos de fumadores de marijuana são 40 por cento menos eficazes na luta contra aquelas infecções, que os de não fumadores da droga. Esta descoberta foi feita em Fevereiro passado. Ainda há dois anos, as conclusões do Congresso sobre Marijuana e Saúde, afirmavam que o uso moderado deste produto não tinha consequências. O mesmo se concluía da análise do Relatório Shafer, da Pennsylvania. O dr. Gabriel G. Nahas, da Associação de Médicos e Cirurgiões da Universidade de Columbia afirma que é imperioso rever estas conclusões, em face das descobertas que relatamos.

AMAMENTAÇÃO E MEDICAMENTOS

As mães que dão de mamar aos filhos, perguntam frequentemente aos seus médicos se os medicamentos que elas tomam podem lesar os bebés.

São surpreendentemente escassos os conhecimentos sobre farmacologia dos medicamentos no que respeita ao leite materno. Contudo, estão estabelecidos alguns princípios gerais e normas de segurança. Quase todos os medicamentos que circulam no sangue da mãe podem ser detectados no seu leite. A concentração em que as drogas aparecem no leite depende de factores variados, tais como a sua concentração no sangue, a solubilidade do medicamento nas gorduras e o seu grau de ionização. As quantidades da maior parte das drogas detectáveis no leite, são pequenas. A imaturidade das funções renal e hepática do bébé pode diminuir a inactivação e eliminação dos medicamentos, pelo que, o contínuo fornecimento de concentrações baixas, pelo leite materno, pode conduzir à acumulação de doses importantes no organismo da criança. Assim, deve evitar-se ao máximo a administração de medicamentos às mães que aleitam.

DESCEU A MORTALIDADE PELAS DOENÇAS DO CORAÇÃO NAS PESSOAS DE MEIA-IDADE

Houve uma ligeira descida da mortalidade pelas doenças do coração, nos americanos de meia-idade. Uma análise apurada das estatísticas governamentais mostra que, depois de um máximo atingido em 1963, o número de mortes por doença das artérias coronárias, entre os americanos de 35 a 75 anos de idade, apresenta um suave mas firme declínio. Este facto tem sido camuflado nas estatísticas gerais, pela elevação da mortalidade pela mesma doença, no grupo das pessoas com mais de 85 anos, que tem gerado um aumento da mortalidade total. Salienta-se que o início daquele declínio coincidiu com a publicação de um relatório sobre o tabaco e a saúde, em 1964 e com as enérgicas campanhas de educação sanitária, promovidas pela Associação Médica Americana. Também o início das unidades de tratamento intensivo da doença coronária se verificou na mesma altura.

NOVO MÉTODO DE TRATAMENTO DAS HÉRNIAS DISCAIS

No Hospital Geral de Massachusetts foi desenvolvido um novo processo conservador de tratar as hérnias discais. Trata-se da injecção directa, nos discos intervertebrais herniados, de um enzima obtido a partir de uma planta tropical, a papaieira, que já anteriormente era usado para tornar mais tenra a carne. O disco injectado sofre uma redução da sua consistência, que permite a redução da hérnia sem ser necessária intervenção cirúrgica.

A nova terapêutica poderá abrir novas perspectivas no controlo de uma doença tão velha como a Humanidade.

OS MALEFÍCIOS DO ESTETOSCÓPIO

Investigadores do Hospital Charing Cross, de Londres, descobriram que o estetoscópio, aparelho vulgar com que o médico ausculta os seus doentes, pode actuar como transmissor de infecções. Com efeito, após um estudo bacteriológico de estetoscópios recolhidos ao acaso em blocos operatórios, salas de consulta hospitalar, consultórios privados e estojos de urgência de médicos e estudantes de Medicina, provou-se que 17 por cento dos aparelhos provenientes das salas de consulta hospitalar, 31 por cento dos dos consultórios e 26 por cento dos que foram recolhidos aos médicos e estudantes, eram portadores do terrível micróbio que é o estafilococo.Os instrumentos oriundos dos blocos operatórios encontravam-se isentos deste germe. Somente um quarto das estirpes microbianas encontradas eram

"A INFECÇÃO"

Quando um agente infeccioso invade o organismo humano e neste se manifesta doença, o processo diz-se infeccioso e a doença, infecção

O agente infeccioso denomina-se parasita, e o organismo que o alberga hospedeiro

Porém não basta a presença do agente infeccioso no / sobre o hospedeiro para que neste se processem as reacções patológicas próprias de uma infecção São ncessárias diversas condições, umas que dizem respeito ao agente infeccioso (A), outras muito particularmente ao hospedeiro (B)

Pelo prof J. DAVID DE PAIVA

A) — *Em relação ao agente infeccioso* há que ter em conta os factores próprios, que lhe conferem características particulares, a que no seu conjunto se denomina, *Virulência.*

Esta pode definir-se como especial potencialidade que tem determinado agente infeccioso, para induzir no hospedeiro alterações patológicas, não só pela tendência invasiva que manifesta, mas também pela propriedade de produzir substâncias tóxicas (toxinas) ou apresentar particular resistência à destruição.

Além destas propriedades inerentes ao agente infeccioso, importa também ter em conta, por se revestirem de grande importância, o local da penetração do agente infeccioso (porta de entrada) e o maior ou menor número destes.

A porta de entrada é de principal importância para alguns agentes infecciosos. Se estes não encontram a porta de entrada favorável, embora se possam multiplicar activamente e apresentem virulência comprovada, não provocam no hospedeiro o estado de doença.

Também o número de agentes infecciosos tem, como dissemos, grande importância para que se possa estabelecer a infecção. Em igualdade de circunstâncias (virulência, porta de entrada, condições imunobiológicas, etc.) um pequeno número de agentes infecciosos tem menos probabilidades de produzir uma infecção, de que um número de agentes patogénicos cem vezes maior.

B) — *Em relação ao hospedeiro.*

Desde que nasce, o organismo humano está em contacto permanente com um número incalculável de agentes infecciosos. Verifica-se no entanto que o estado de infecção (doença) é relativamente raro.

Este facto deve-se a mecanismos de defesa muito particulares com que a natureza dotou o homem para luta contra os agentes infecciosos que lhe são patogénicos.

Vamos assim examinar muito resumidamente estes meios de defesa.

É clássico distinguir: as barreiras anatómicas (1); os factores celulares (2); os factores humorais (3).

1) — O organismo humano está revestido de uma barreira cutânea e/ou mucosa, conforme os locais considerados, que quando não alterada se comporta como um obstáculo muito importante à penetração de qualquer agente infeccioso. A pele quando normal pode considerar-se quase totalmente impenetrável aos agentes patogénicos. O mesmo não acontece com as mucosas que permitem com certa facilidade a penetração de alguns tipos de agentes infecciosos.

O obstáculo que a pele sã e as mucosas opõem à penetração dos agentes infecciosos, não se deve só ao facto de constituirem um revestimento anatómico continuo, mas também por via de apresentarem condições desfavoráveis brevivência. Essas condições adversas devem-se a numerosos factores tais como: acidez, ácidos gordos não saturados, lizozima, etc.

2) — Os factores celulares de defesa com que o organismo humano está provido, correspondem à existência de tipos celulares com propriedades fagocitárias e dos quais se distinguem: os polimorfonucleares, os monocitos, e os macrófagos.

Todas estas células têm por função ingerir os agentes patogénicos com os quais entram em contacto — fogocitose — e proceder em seguida à sua destruição. Mas nem sempre à fogocitose se segue a destruição do agente infeccioso. Muitos podem mesmo multiplicar-se dentro das células fagocitárias. É o caso de algumas espécies bacterianas para as quais, a virulência que apresentam, está mais dependente da particularidade de se multiplicarem dentro das células fagocitárias, do que de qualquer outro factor.

3) — Os factores humorais de defesa contra os agentes infecciosos, podem ser divididos em dois grandes grupos: os factores específicos e os factores não específicos.

— Os factores humorais específicos são denominados anticorpos.

Estes anticorpos ou imunoglobolinas são substâncias (proteínas) fabricadas por células com actividade específica (linfocitos e plasmocitos), em resposta à introdução no organismo humano de substâncias estranhas a este, chamados antigénios. A um primeiro contacto com determinada substância com características antigénicas, responde o organismo por via das células competentes, com uma produção lenta e relativamente pequena do anticorpo correspondente. Uma segunda estilumação pelo mesmo antigénio provoca uma rápida e intensa produção do respectivo anticorpo.

Este tipo particular de resposta parece ser de importância considerável para a defesa contra certos agentes patogénicos.

Mas como actuam os anticorpos específicos na defesa contra as infecções?

Depende do tipo de anticorpo presente.

É costume distinguir dois grupos: o dos anticorpos antitóxicos (antitoxinas) e o dos anticorpos antibacterianos e antivíricos.

Os primeiros são geralmente eficazes na defesa do organismo humano contra as toxinas produzidas por vários agentes patogénicos (tétano, difteria, escarlatina, etc.), neutralizando-as.

Os anticorpos antibacterianos não parecem ter compartícipação importante nos mecanismos de defesa. São mais uma expressão de doença do que a demonstração de um neutralizantes não têm qualquer acção sobre os vírus respectivos.

— Os factores humorais não específicos, embora importantes, têm sido até hoje mais difíceis de precisar. Lembremos o lizozima (referido nas secreções mucosas), a ß-lisina, o interferon.

Depois da entrada em contacto com o organismo humano, o agente infeccioso por via da sua multiplicação, produção de substâncias tóxicas, das suas potencialidades invasivas ou de disseminação, pode causar alterações patogénicas locais ou gerais a que se dá o nome de infecção.

O tipo de infecção que se pode verificar em dado momento, apresenta grande variabilidade e depende das relações entre os diversos factores próprios ao agente infeccioso em causa e às condições imunológicas apresentadas pelo organismo parasitado.

E assim, entre o não haver qualquer manifestação aparente de infecção e um estado de doença grave que leva à morte, todas as situações intermediárias são possíveis.

Na ausência de sintomatologia local ou geral evidente, é difícil, se não totalmente impossível dizer-se que tal ou tal sujeito tem uma «infecção». É muito provável mesmo que no organismo humano esteja presente com grande frequência, uma infecção, que por assintomática, não é reconhecida como tal, embora os processos reaccionais mais subtis se estabeleçam, como nas infecções sintomáticas. E neste ponto cabe referir o estado de «portador». Este estado pode existir tanto num organismo humano susceptível como num não susceptível. No primeiro caso, que pode ser uma situação transitória, as alterações ambienciais e os «stress» a que está habitualmente sujeito o homem, podem levar a alterações do estado de equilíbrio parasita-hospedeiro, e assim ao estado de doença. No segundo caso, isto é, num indivíduo não susceptível, o estado de portador pode ser a razão da permanência da sua não susceptibilidade.

São quatro os tipos possíveis de infecção sintomática. Esses quatro tipos não se devem considerar perfeitamente individualizaddos, porquanto entre eles não existem limites bem marcados. Servem só como esquema muito geral.

— O tipo mais ligeiro pode chamar-se «infecção local». Neste tipo de infecção o agente infeccioso fica circunscrito a um pequeno sector do tegumento cutâneo-mucoso do indivíduo e por via de condições particulares, a sua acção se limita a essa porta de entrada que apresenta reacção pouco apreciável.

Esta situação é devida a uma ou ao conjunto das se-

1) — baixo poder invasivo do agente patogénico

2) — porta de entrada não favorável ou superficial

3) — pequeno inócuo

4) — grande poder de resistência do hospedeiro.

— O segundo tipo de infecção, é muitas vezes uma evolução do anterior, isto é infecção local acompannhada de reacção geral do organismo. Esta manifesta-se por sindroma febril, dores musculares, cefaleias, arrepios, sensação de mal-estar geral. Neste tipo de infecção, a produção de toxinas na porta de entrada e a sua disseminação pela corrente circulatória ou a passagem de pequenas quantidades do agente infeccioso para o sangue, leva às reacções gerais apontadas.

Este quadro deve-se a um ou mais dos seguintes factores:

1) — poder invasivo do agente infeccioso relativamente deminuto, mas elevada produção local de toxinas;

2) — porta de entrada favorável a uma moderada disseminação do agente infeccioso;

3) — maior inócuo;

4) — menor resistência geral do hospedeiro.

— O terceiro tipo de situação infeciosa resulta quer de um estado de toxémia geral grave quer de um estado de septicémia, seja por disseminação de quantidade consideráveis de toxina e consequentes lesões nos órgãos receptivos, seja por invasão e localização secundária do agente patogénico.

São vários os factores que determinam tal situação. A saber:

1) — grande poder invasivo do agente infeccioso e/ou grande produção de toxinas;

2) — porta de entrada muito favorável;

3) — Inócuo considerável;

4) — resistências do hospedeiro diminuídas.

— Quando as lesões produzidas pela toxina ou toxinas nos órgãos susceptíveis, são irreversíveis, quando a disseminação do agente patogénico e a sua localização nos órgãos vitais progride e são ultrapassadas as resistências naturais do organismo, então, a morte sobrevém.

Neste caso, um ou mais dos seguintes factores estão presentes:

1) — grande poder invasivo do agente patogénico e/ou grande produção de toxina;

2) — porta de entrada muito favorável ao desenvolvimento do agente patogénico, à sua disseminação e/ou à absorção das toxinas;

3) — inócuo muito considerável;

4) — resistências do hospedeiro muito diminuídas ou inexistentes.

Quando o médico diagnostica no seu doente, uma «infecção», contempla os resultados de uma batalha, que mais não é do que uma pequena cena de um vastíssimo conflito, que vem opondo, desde que existem, o homem e o agentte infeccioso.

Tanto um como o outro se encontram dia a dia, minuto a minuto, em luta permanente pela sua sobrevivência. Tanto um como o outro possuem armas especializadas para a defesa e ataque, armas que constantemente vão aperfeiçoando e que lançam, de pronto, na batalha.

Note-se que mencionamos sempre — e agente infeccioso ou agente patogénico — e não

ALCÁCER DO SAL

PEQUENOS CAMPONESES CONTRA AS GRANDES COUTADAS

Noventa e nove camponeses da vila do Torrão, concelho de Alcácer do Sal, enviaram ao presidente da Comissão Venatória Regional do Sul, uma exposição na qual expõem o prejuízo que a existência de coutadas de caça provoca nas pequenas propriedades que com elas confinam. A exposição afirma:

«Vimos apresentar a V. Ex.ª uma situação que consideramos de gritante injustiça para nós, pequenos fazendeiros da Vila do Torrão-Alentejo e para a qual pedimos a melhor das boas vontades na sua resolução.

«Distanciado desta Vila cerca de 3 km no sentido de quem se dirige para Ferreira do Alentejo, existe um conjunto de pequenas fazendas na gíria designado por Vinhas, aonde o povo trabalhador desta terra tem os seus hortejos.

«Tal zona encontra-se circundada por grandes propriedades que por condições criadas no antigo regime foram coutadas (Valbom, Val do Gaio, Carrascais, Janela e Monte da Vinha) e aramadas (Amendoeira, e Val de Solvico).

«Tal procedimento, pela reprodução de caça que originou, traz um prejuízo latente para os pequenos fazendeiros que vêem parte do seu suor transformar-se em benefício e lazer dos grandes senhores das propriedades (engordando-lhes a caça que eles dizimam com a realização de batidas).

«E esta situação de injustiça que pretendemos resolvida, agradecendo antecipadamente e que originou o abaixo-assinado que se segue.»

As relações com a URSS agradam ao P.P.M.

O Partido Popular Monárquico manifesta satisfação pelo cuidado com que o Governo Provisório está a procurar normalizar as relações com todos os Estados, independentemente dos regimes ou sistemas de Governo. Fá-lo num comunicado distribuido à Imprensa e onde explica a sua atitude, por estar de acordo «com os princípios gerais que informam o programa do PPM», ou seja, por «encarar os problemas de política externa numa perspectiva não ideológica».

Nesta base, o Partido Popular Monárquico destaca o estabelecimento das relações diplomáticas com a União Soviética: «Particularmente significativa da disposição de reintegrar o nosso País no convívio das nações é o recente estabelecimento de relações diplomáticas com a URSS. Deste modo se reafirma uma harmonia de interesses nacionais já demonstrada durante os séculos XVIII e XIX, no âmbito do comércio externo».

Em contrapartida, o PPM declara-se contra o confisco dos bens dos cidadãos portugueses na República do Zaire, dizendo até que é de esperar uma atitude firme perante o Governo daquele país.

"O TRABALHADOR" -semanário luandense

LUANDA, 20 — (L.) — No decorrer de uma reunião plenária Intersindical foi decidido constituir-se uma comissão encarregada de promover a publicação de um semanário intitulado «O Trabalhador».

Não se esqueça de verificar antes de partir, se o seu PASSAPORTE se encontra em dia. Lembre-se que a STAR tratará de lho obter, poupando-lhe um tempo que certamente lhe é precioso STAR

Pasta Medicinal Couto Evita e trata doenças da boca PORQUE É MEDICINAL

500 Hermesetas Extra-doce

adoça sem engordar

À VENDA EM TODAS AS FARMÁCIAS

SANA 8 PRÓLOGO

8

FINALMENTE, TAMBÉM EM PORTUGAL " CARTRIDGES STEREO "

SANA (PROFISSIONAL)
FUJI (AMADOR)

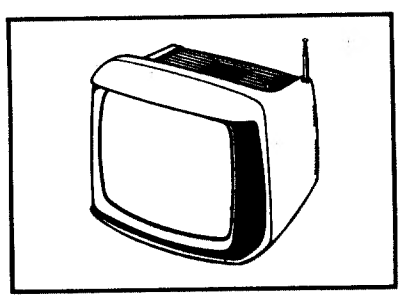
A MARAVILHA DA TÉCNICA JAPONESA DE GRAVAÇÃO E. . . PARA UM SOM VERDADEIRAMENTE PROFISSIONAL, SÓ UMA FITA DE QUALIDADE !

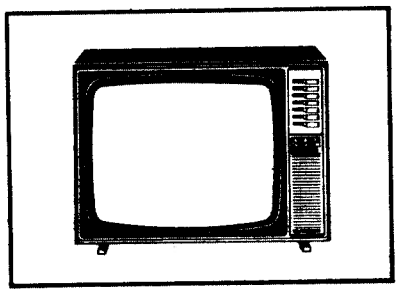
FUJI

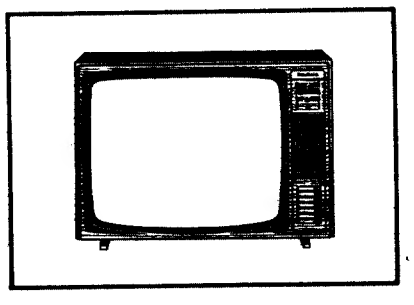
Representante Exclusivo
GERMANO PEDRO & SILVA, LDA.
RUA DA PRATA, 227, 1º D TELS 32 27 35 - 87 11 23 - 86 00 26 LISBOA-2

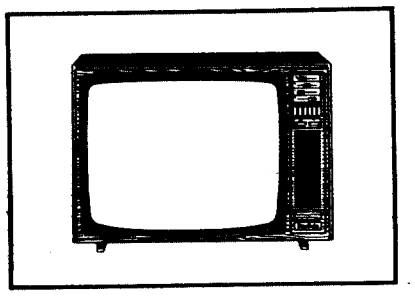
ESPIRAL RT3A-74

Munique-74 mundial de futebol com radiola ...vê melhor a bola!









Radiola

Esta nova gama apresenta 4 modelos construídos com a perfeição que mais de 50 anos de progresso tecnológico conferem à marca radiola

nova gama radiola

FIL-74

decorama

grupo nefil i.c.

apresenta novas formas

novas cores

aconselhamos uma visita aos nossos stands, 368-82 e 35-7 pavilhão 4

mobiliário moderno... diferente

FÉRIAS NA PRAIA

Viagens acompanhadas

Em voos especiais

Palma de Maiorca ..... Partidas todos os Sábados
Preços desde 2.750$00

Canárias

(Las Palmas ou Tenerife) .... Partidas todas as 5as Feiras
Preços desde 3.300$00

Em autocarros de luxo

Torremolinos ..... Partidas todos os Sábados
Preços desde 2.230$00

Mais um programa da nossa Organização.

INFORMAÇÕES E RESERVAS
Rua Rosa Araújo, 2 - Tel: 536971 - LISBOA
Meliá
na sua rota pelo mundo

AVISO

A CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

AVISA QUE, DE FUTURO
TODOS OS SEUS SERVIÇOS
SE ENCONTRAM
ENCERRADOS AOS SÁBADOS

MATERIAL FOTOGRÁFICO

Agora sim, de filmar projectar das famosas marcas Canon, Eumig, Asahi, Olimpus, Mamiya, .rolos col a preços de sensação

«GALERIAS ROLDÃO» — Av.ª Almirante Reis, 13 - E

DL/NACIONAL

O pão em causa no dia 26

«Atendendo às dificuldades postas pelas entidades patronais à aceitação dos vários cadernos reivindicativos e às constantes provocações das entidades patronais no sentido de não acederem àquelas reivindicações», os trabalhadores e operários da Indústria da Panificação dos distritos de Braga, Castelo Branco, Evora, Leiria, Lisboa, Porto, Santarém, Setúbal, Viana do Castelo e Vila Real, reunidos na Intersindical em Lisboa, resolveram enviar uma exposição ao ministro do Trabalho.

Nesta exposição, os trabalhadores salientam que «atendendo a que o prazo para aceitação daquelas reivindicações se encontra prestes a expirar, não tendo sido oficialmente tomadas, até agora, medidas para acorrer à resolução desta situação», e que a classe se encontra exausto de tanta exploração — vêm conjuntamente manifestar «a sua apreensão quanto à urgente resolução dos seus problemas e informar que só a muito custo conseguirão conter qualquer forma de acção por parte dos trabalhadores, a que se tornará inevitável se não forem no essencial, e até ao dia 26 de Junho, satisfeitas as suas reivindicações.»

FLASH ELECTRONICO
Multiblitz
a iluminação perfeita para o fotografo profissional mais exigente.
ASSISTÊNCIA TÉCNICA IMEDIATA
ESTAB M SIMÕES JR S A R L
TRAV DO ALMADA 12 2.º Esq — LISBOA
RUA SANTO ANTÓNIO 264 — PORTO
Peça um folheto ilustrado
Nome
Morada

O LIVRO DA RUA DA CRECHE

Há muitas maneiras de escrever nas paredes. Nas paredes das casas, ao longo das ruas, esquina sim, esquina não. Palavras que desaparecem e palavras que ficam. Ontem, por exemplo, na Rua da Creche, em Alcântara, foi colocada uma lápide com palavras que o tempo não apagará tão cedo. Aí se lê o nome de **José Dias Coelho**, militante do Partido Comunista Português, morto nessa artéria pela P.I.D.E. em 1961. Morto a tiro, ao fim da tarde, ao abrigo legal da «brandura dos nossos costumes...»

Escultor, desde muito jovem antifascista , Dias Coelho, um dia, resolveu **esculpir** um gesto comum de salvação desta nossa Pátria tão desgraçada. Assim, em 1954, sacrifica a vida artística e todo se oferece aos quadros do Partido. Alcança a clandestinidade, actua, é um homem de mãos dadas à causa do povo.

— Oue é feito do Zé? — perguntavam os **distraídos** nos cafés da cidade. E ninguém sabia do escultor desaparecido. Infatigável, Dias Coelho continuava com a sua **escultura**, semana após semana, mês após mês. No silêncio criador, enfim, das grandes coisas.

Vai um ano, vai mais outro, e mais outro ainda. O fascismo foi acertando a pontaria, colocando friamente a arma em posição. E no dia 19 de Dezembro de 1961, ao fim da tarde, o dedo miserável da P.I.D.E. premiu o gatilho: e José Dias Coelho caíu nas pedras da rua, retirando as mãos da **escultura** antifascista a que se dera de corpo e alma.

Foi o fim de tudo? Não. Outras mãos se ergueram e se entregaram a tão árduo trabalho. Hoje a história já principia a ser outra — e os nomes da resistência vão subindo nas paredes da cidade, numa escrita segura e com muita coisa dentro. São como livros e não palavras vãs. Abri-los e lê-los é nascer novo todas as manhãs.

PEDRO ALVIM

MISSÃO EM PORTUGAL

ÁLVARO LINS

Nos bastidores da ditadura Salazarista, Alvaro Lins foi o porta-voz da dignidade brasileira.

Relato dramático do asilo político concedido ao General Humberto Delgado.

CLB CENTRO DO LIVRO BRASILEIRO

LISBOA • PORTO • LUANDA

À VENDA EM TODAS AS LIVRARIAS

Reunião dos trabalhadores da Kodak

Trabalhadores da Kodak Portuguesa, em Linda-a-Velha, reunem-se ao fim da tarde de hoje, em assembleia-geral. Segundo um comunicado da comissão de trabalhadores, o processo reivindicativo, que decorre há mais de mês e meio, encontra-se num impasse.

Falta de «pressão suficiente» por parte dos trabalhadores teria conduzido a administração da empresa a tentar «ganhar tempo». Interessar-lhe-ia (à Kodak) uma greve enquanto durar o congelamento de preços. Mas a greve é um «processo que os trabalhadores não escolheram.»

. O comunicado denuncia, finalmente, «manobras divisionistas, provocatórias e intimidativas» de que a massa trabalhadora e a comissão têm sido alvo.

DL/NACIONAL

Militares na Guiné confiam na paz

BISSAU, 20 (F.P.) — «Aqui estamos muito mais próximos da paz do que os negociantes em Argel», acentua um jovem oficial português, resumindo os sentimentos de todos os seus camaradas, tanto em Bissau como no interior da província.

Todos os militares portugueses estão persuadidos, segundo se diz aqui de que nunca mais usarão armas na Guiné, contra os combatentes do P.A.I.G.C.

«A hipótese de um ataque do P.A.I.G.C. parece-me altamente improvável, apesar da paragem das negociações» — declarou-nos o general Carlos Fabião.

«E preciso não esquecer que a paz é o desejo de todos e que o P.A.I.G.C. deixou de ter razões para continuar uma guerra que travava com o Governo fascista anterior a 25 de Abril». «O P.A.I.G.C. — prosseguiu — considerou o povo português seu irmão nos sofrimentos causados pela opressão do antigo regime».

Mas à medida que se prolongam as conversações oficiais, que a lentidão se manifesta, esses militares, que querem voltar para casa sentem uma certa impaciência.

«Não pegaremos em armas» — repetem os militares portugueses que, de facto, vivem muito perto da população africana e se recusam a encarar a possibilidade de um ataque do P.A.I.G.C. «Isso não é possível. O P.A.I.G.C. nada teria a ganhar».

Tal como no Vietname, o cansaço favorece a politização dos soldados, que só têm uma aspiração: a paz.

O interlocutor é o P.A.I.G.C., que dá provas de boa vontade e não os movimentos políticos, como a Liga Popular, ou o Movimento Democrático da Guiné que, segundo numerosos militares, procuram semear a confusão.

«O que parece verdadeiro é que a ideologia do P.A.I.G.C., que tem uma grande adesão popular, domina o panorama político» — afirma também o general Fabião.

«A Fling (Frente para a Independência da Guiné) não é reconhecida como interlocutor válido e a sua propaganda» — prossegue o general — « não esta autorizada localmente, pois a frente não tentou legalizar a sua situação como fizeram os outros movimentos».

«O que mais preocupa, oficialmente, as autoridades é a situação económica resultante da guerra, que provocou uma baixa da produção agrícola e uma economia dependente dos militares. Devemos aumentar essa prpdução agrícola e favorecer a descentralização», disse ainda o genral Fabião.

A FLING VIGIADA

DACAR, 20 (F.P.) — A imposição do regime de residência vigiada a muitos dirigentes da Fling (Frente de Luta para a Independência Nacional da Guiné-Bissau) anunciada ontem por Leopold Sedar Senghor, presidente da República do Senegal, põe termo a um equívoco.

Num texto de 23 de Maio último, a Fling declarava-se pronta a pegar em armas se fosse concluído um acordo entre Lisboa e o P.A.I.G.C. Num telegrama ao general Spínola, a 7 de Junho, avisava o chefe do Estado português contra as consequências das «fraquezas» manifestadas por Portugal, em relação ao P.A.I.G.C. quando das negociações em Londres.

A 7 de Junho, o P.A.I.G.C. denunciara num comunicado o transporte de mercenários africanos em dois barcos, para criar uma «terceira força» em Bissau, onde iriam juntar-se a certas unidades africanas do Exército colonial. A 9 de Junho, o Senegal respondia, afirmando que não toleraria qualquer mercenário no seu território.

Os dirigentes do Senegal afirmam que reconhecem apenas o Estado da Guiné-Bissau, proclamado pelo P.A.I.G.C. em Setembro passado.

Moçambique: Governo em equipa

LOURENÇO MARQUES, 20 — (R.) — O novo governador geral de Moçambique anunciou a formação de uma equipa governamental que o ajudará a governar o território.

A equipa de 13 membros, na sua maioria de tendências moderadas, governará até que um referendo sobre o futuro do território tenha lugar dentro de um ano.

A maior parte dos colaboradores do dr. Soares de Melo são advogados, tendo muitos deles nascido em Moçambique.

A nova equipa inclui apenas um membro militar — o secretário dos Transportes e Comunicações, tenente-coronel Eugénio Picolo.

Nenhum dos oito milhões de africanos de Moçambique, que constituem a grande maioria do território, foi incluído na equipa governamental.

O único não branco que faz parte é o dr. Willem Pott, um mestiço, que foi nomeado secretário para as Comunicações Sociais e Turismo.

EDMUNDO MELO DO CRUZEIRO

FALECEU

Sua mulher M. Lisete Henriques Melo do Cruzeiro, seus filhos Edmundo José Henriques Melo do Cruzeiro e Eduardo José Queiroz do Cruzeiro, sua cunhada, sobrinhos e mais família, cumprem o doloroso dever de participar o seu falecimento, realizando-se o funeral 6.ª feira, dia 21, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para cemitério a determinar.

ALFREDO MAGNO & JAIME GOMES, LDA.
Av. Almirante Reis, 129-A
Telef. 571586

POR DECISÃO DOS DELEGADOS

O pessoal dos C.T.T. retomou o trabalho

Continuação da pág. 1

argumentação dos «defensores dos interesses gerais».

Desejamos deixar ficar bem claro que este comunicado se destina apenas a manifestar publicamente o apoio do M.E.S. a uma luta pensada, decidida e conduzida pelos próprios trabalhadores».

SOLIDARIEDADE DA L.U.A.R.

«A L.U.A.R., Liga de União e Acção Revolucionária, vem manifestar o seu apoio e a sua solidariedade aos trabalhadores dos C.T.T. que têm conduzido exemplarmente a sua luta, por um salário digno e uma vida melhor, apesar de todas as tentativas de forças governamentais e políticas no sentido de confundirem a opinião pública sobre a justeza da mesma» — afirma-se num comunicado daquela organização.

«Os trabalhadores dos C.T.T. — lê-se aí —, os pescadores de Matosinhos, os operários da Timex, entre outros, puderam ver na prática quem na realidade está com a classe trabalhadora, puderam ver ainda que só podem e devem contar com as suas próprias forças.

O caos económico já existente é provocado pela burguesia, pela sua guerra colonial, pela sua exploração desenfreada. As condições de vida e os salários dos trabalhadores podem ser transformados radicalmente, se se retirarem aos burgueses os seus privilégios e superlucros.

E preciso que se torne do conhecimento geral que, ao contrário do que se pretende fazer crer e como nos explicam os trabalhadores dos CT.T. nos seus comunicados:

1.º A greve foi decidida e aprovada democraticamente numa reunião de delegados vindos de todo o país, realizada em 12/6;

2.º As suas reivindicações são justas e plenamente realizáveis;

3.º A imensa maioria tem-se mantido solidária da decisão tomada, apesar das tentativas de elemntos estranhos que pretendem dividir e desmobilizar;

4.º A Comissão Pró-Sindicato é a única representante válida e reconhecida pelos trabalhadores.»

A L.C.I. CONTRA A DIFAMAÇÃO

«Dois meses após o golpe militar de 25 de Abril (...) os principais problemas que afectam milhões de trabalhadores continuam por resolver» — assim principia um comunicado da Liga Comunista Internacionalista, apoiando as lutas da classe trabalhadora e em particular as greves na Timex e nos C.T.T.

Depois de recordar que, embora o fascismo tenha caído, a exploração e a guerra continuam, o comunicado afirma que «através dos despedimentos, da vida cara, dos salários de miséria, dos ritmos de trabalho infernais, os capitalistas procuram fazer com que sejam os próprios trabalhadores a pagar os custos da guerra colonial e todas as medidas que procuram modernizar a indústria.» E noutro passo:

. O Governo Provisório e a Junta continuam com a sua campanha contra as greves e lutas dos trabalhadores; depois da carga policial da Estrela, da censura ao Rádio Clube Português e Renascença, da ameaça de prisão de soldados e marinheiros, da prisão de Saldanha Sanches, o Governo Provisório pôs agora sob seu controlo a Rádiotelevisão Portuguesa e procura difamar a luta de cerca de 35 mil trabalhadores dos C.T.T. Especificamente sobre esta greve, a L.C.I. protesta contra «as calúnias e manobras do P.C.P. e da Intersindical, que dizem que as greves são obra de provocadores e fascistas, mentindo descaradamente sobre a luta da Carris e agora sobre a dos trabalhadores dos C.T.T.»

. As lutas travadas pelos trabalhadores da Timex, da Citröen em Mangualde, da Sogantal são igualmente citadas e apoiadas pela Liga Comunista Internacionalista, que exorta o povo a continuar a lutar «contra a exploração e a guerra».

No Porto, o público procurou, ontem à tarde, invadir a estação dos C.T.T. da Batalha e obrigar os grevistas ao trabalho.

Contactada telefonicamente pela nossa reportagem aquela estação, a telefonista que nos atendeu informou que a manifestação de muitas pessoas tinha começado por volta das seis da tarde, gritando numerosas pessoas: «Fascistas!», «Durante 48 anos não fizeram greve» e outras frases.

O representante daqueles empregados também esclareceu que o pessoal feminino da Telefónica não manifestou intenção de recolher às suas residências quando, em face da situação, foi feita a proposta para saírem protegidas pela P.S.P.

Uma outra afirmação que registámos foi a de que o pessoal tinha aceitado aquela forma de luta pois segundo o economista Silva Pereira, que pertence à Comissão Pró-Sindicato, a situação económica dos C.T.T. era favorável ao pagamento dos salários exigidos.

OCUPADA A ESTAÇÃO DE BRAGANÇA

No prosseguimento da conversa telefónica informou que a estação de Bragança tinha sido ocupada por populares mas que o pessoal continuava a manter a sua posição de não regressar ao trabalho.

Entretanto, em várias localidades do País decorreram manifestações de protesto contra a greve dos C.T.T., nomeadamente em Viseu, Marinha Grande, Ermesinde e Espinho, surgindo por vezes a sugestão de que deveriam ser criadas brigadas de populares para a distribuição da correspondência, a exemplo do que sucedeu em Inglaterra durante a greve dos correios.

Eleição da secção Sul da Ordem dos Médicos

A Comissão Directiva da Secção Sul da Ordem dos Médicos (Sindicato dos Médicos) informa que, tendo sido decidido na Assembleia de 15-6-74 a realização próxima de eleições dado o termo do mandato da actual gerência, se estabeleceu a data de **1 de Julho como prazo da apresentação das listas e respectivos programas.**

A campanha eleitoral decorrerá de 1 a 31 de Julho, data do acto eleitoral.

As listas, necessariamente subscritas por um número de **100 proponentes** constarão do número de membros que os participantes das listas entendam necessário para a execução do seu programa.

A Comissão Directiva.

Reunião de professores secundários

Na Escola Industrial Marquês de Pombal prossegue hoje, às 21.30, a reunião de professores do ensino secundário com habilitação completa.

Anteontem, aqueles professores aprovaram uma exposição dirigida ao ministro da Educação e Cultura, a quem será entregue amanhã, em que além de reivindicarem melhores condições de trabalho, afirmavam não se considerarem representados eficazmente na actual organização sindical dos docentes de todos os graus de ensino.

ORDEM DOS MÉDICOS -convocatória

A Comissão Directiva da Secção Regional de Lisboa do Sindicato Médico e os restantes Corpos Gerentes, comunicam que a Assembleia Regional do passado dia 15, continua no próximo dia 21 (sexta-feira) do corrente, pelas 21 e 30 horjs na Sala de Conferências do Hospital de D. Estefânia, com a seguinte ordem de trabalhos:

1. Preparação de novas eleições;
2. Estruturação do Sindicato Médico — Debate das propostas de orgânica provisória e linhas gerais de estrutura apresentadas pelas Reuninões Inter-Regionais;
3. Caixas de Previdência — Modificações ocorridas e a ocorrer na sua estrutura. Atitude dos médicos;
4. Comissões eleitas e a eleger — Eeleição da Comissão da Informação e outras. Actividade das Comissões designadas.

Pelo Sindicato Médico (Secção Sul), o Presidente da Assembleia Regional a) Orlando Leitão

Portugal-R.D.A. Relações diplomáticas

. Em Lisboa e Berlim-Leste foi ontem divulgado o estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a Alemanha Oriental. Ao mesmo tempo que o Ministério dos Negócios Estrangeiros distribuía em Lisboa um comunicado sobre o assunto, onde se afirma que «este acto se insere na linha de orientação internacional, definida pelo Programa das Forças Armadas» a agência alemã ADM informava que o acordo fora assinado pelo embaixador alemão oriental em França, Ernest Scholz, e o embaixador português em Paris, Alfredo da Veiga. O comunicado conjunto emitido pelos representantes dos dois países é do seguinte teor: «Em protocolo assinado pelos embaixadores de Portugal e da República Democrática da Alemanha na França, os dois países concordaram em estabelecer relações diplomáticas a nível de embaixadores, em conformidade com os princípios da Carta das Nações Unidas».

Durante a cerimónia de assinatura, o embaixador português entregou uma carta do dr. Mário Soares, ministro dos Negócios Estrangeiros de Portugal, para o seu homólogo da RDA, Otto Winzer. A carta exprimia a convicção do Governo de Portugal de que «o estabelecimento de relações diplomáticas entre ambos os países contribuirá decisivamente para o fortalecimento da paz e segurança, assim como da cooperação na Europa e no mundo» — acrescentou a ADN. (R. e DL).

A reacção em Moçambique

LOURENÇO MARQUES, 20 — (Especial para o «D.L.») — A impressão que corre, com cada vez mais insistência, é a de que se está a verificar uma movimentação subterrânea de forças da extrema-direita.

A Imprensa tem dado grande relevo ao facto, que parece confirmar-se, de que Jorge Jardim se encontrará em Joanesburgo, hospedado no Hotel Carltown. O seu nome consta do livro de registos, como tendo aí dado entrada anteontem. Jorge Jardim, sobre o qual pende um mandato de captura, terá chegado à África do Sul num avião da companhia espanhola Ibéria e foi transportado até ao hotel por uma furgoneta do mesmo. Confirmando este facto, tem-se verificado uma movimentação, com destino à África do Sul, de seguidores daquele colonialista. Carlos Jardim, seu filho, foi já para Joanesburgo, o mesmo tendo feito Álvaro Récio, «leader» da Convergência Monárquica de Moçambique, obediente seguidor de Jorge Jardim. Este foi visto naquela cidade e muita gente está convencida de que «qualquer coisa se está a passar.»

Chamou também a atenção a convocatória publicada pelo grupo (de extrema-direita) «Fico» que marcou para dia 27 uma reunião para a qual «são especialmente convocados ex-combatentes e ex-militares».

Outro elemento que faz pensar numa movimentação de colonialistas foi a publicação, há dias, de um anúncio detectado no «Notícias» de Lourenço Marques, que pedia indivíduos do sexo masculino, dos 17 aos 40 anos, indicando que os interessados deveriam contactar com a «Revol», de que se indicava apenas a caixa postal.

CONFIE NA

Ourivesaria da GUIA

COMO O FAZ HÁ QUASE 100 ANOS, UMA CLIENTELA CADA VEZ MAIS NUMEROSA

RUA D. DUARTE, 4-B (Edifício do Hotel Mundial) Fundada em 1875

DL/ESTRANGEIRO

Nixon regressou a Washington anunciando "profunda" mudança nas relações com o mundo árabe

WASHINGTON, 20 — (UPI/ANI) — O presidente Nixon, cansado mas satisfeito com a recordação de multidões que o ovacionavam e com as conversações de paz efectuadas, regressou ontem à Casa Branca, de uma viagem a cinco nações do Médio Oriente, anunciando uma «profunda» mudança nas relações entre os Estados Unidos e o mundo árabe.

Centenas de funcionários da Casa Branca, membros do gabinete e outras pessoas saudaram Nixon com aplausos, quando este descia de um helicópero dos Fuzileiros, que aterrou no relvado da Casa Branca, terminando assim a viagem de 2400 quilómetros, que designou como «muito longa e árdua».

Nixon partirá hoje para a «Casa Branca da Flórida», a fim de repousar, preparando-se assim para a Cimeira com Leonid Brejnev, que se realizará na quinta-feira em Moscovo. Na sua viagem à URSS, Nixon fará escala em Bruxelas, na terça-feira para uma reunião de dois dias com os chefes de Estados membros da NATO, os quais assinarão a Declaração de Princípios aprovada em Otava.

DECLARAÇÃO EUA-ESPANHA

OTAVA, 20 — (UPI/ANI) — Os Estados Unidos estão prontos a assinar com a Espanha uma «declaração paralela» à declaração sobre as relações atlânticas da Organização do Tratado do Atlântico Norte» — declarou ontem o secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger.

«O ministro espanhol dos Negócios Estrangeiros visita esta semana os Estados Unidos e espero encontrar-me com ele na sexta-feira» — afirmou aos repórteres.

O JAPÃO, FUTURO MEMBRO DA NATO?

O secretário de Estado norte-americano, Henry Kissinger, reiterou ontem que o seu Governo gostaria de ver o Japão aliar-se à NATO.

Respondendo a uma pergunta numa conferência de Imprensa, Kissinger recordou que no discurso em que propôs uma nova Carta Atlântica, em Abril do ano passado, sugeriu que o Japão fosse integrado na NATO.

«A necessidade de dar ao Japão o sentido de pertencer a uma estrutura maior do que si próprio continua a ser uma das preocupações da nossa política» — sublinhou.

RELAÇÕES WASHINGTON-PARIS

PARIS, 20 — (UPI/ANI) — Alguns observadores disseram que o anúncio das conversações de Kissinger com Valéry Giscard d'Estaing pode acelerar o degelo nas relações franco-americanas que se tinha iniciado pouco depois da eleição do político conservador como novo chefe de Estado da França, em 19 de Maio.

O anúncio da visita de Kissinger a Paris veio depois do novo ministro dos Negócios Estrangeiros da França, Jean Sauvagnargues, e Kissinger resolverem as divergências que existiam acerca do estabelecimento de uma Nova Carta Atlântica no encontro ministerial da NATO em Otava.

A afirmação do Palácio do Eliseu foi o primeiro indício de que Kissinger planeava uma visita à Europa no princípio de Julho — disseram observadores diplomáticos.

COMBATE NAVAL AO LARGO DE UM PORTO DO VIETCONG

SAIGÃO, 20 (R) — Foi afundada hoje uma vedeta naval comunista numa batalha ao largo do pequeno porto de Cua Viet, do Vietcong, na costa norte do Vietname do Sul, segundo anunciou o comando de Saigão.

Um informador disse que o barco explodira ao ser atingido a cerca de 12 milhas marítimas daquele porto e que deflagrações continuaram a registar-se debaixo de água.

Círculos militares disseram julgar que a vedeta, de fundo chato e tendo entre 30 a 40 toneladas, estava carregada com munições. Ignorava-se se o barco era do Vietcong ou do Vietname do Norte.

Fontes afectas à força aérea disseram que a batalha naval ocorrera após jactos e vedetas governamentais entrarem em acção quando um barco comunista disparou contra um avião de reconhecimento sul-vietnamita. Contudo, não houve confirmação imediata dessa versão.

Cua Viet é uma área onde ambos os lados têm mantido geralmente um cessar-fogo convencional desde o acordo de paz de 1973, com grandes forças enfrentando-se através do rio Thach Han, ao sul do porto.

Não se soube imediatamente quantos barcos governamentais participaram na batalha, a primeira que se regista ao largo da costa vietnamita, desde que uma flotilha chinesa expulsou a marinha sul-vietnamita das disputadas ilhas Paracel, após breve mas violenta luta, em Janeiro.

"Emigração" clandestina de Namíbia para Angola?

WINDHOEK (SUDOESTE AFRICANO), 20 — (R) — Cerca de 50 africanos atravessaram clandestinamente a fronteira Norte deste território e foram para Angola, a fim de receberem ali treino de guerrilha, segundo afirmou nesta cidade um dirigente governamental.

Jannie de Wet, o comissário geral para os povos indígenas do Sudoeste, comentava os boatos que circulam nesta cidade segundo os quais centenas de africanos estariam a fugir através da fronteira para campos de treino militar instalados por nacionalistas africanos em Angola.

Segundo de Wet, as autoridades apenas têm conhecimento de 48 casos em que africanos do Sudoeste abandonaram a sua região tribal, na Ovambolândia, e partiram clandestinamente para Angola, por instigação de militantes da organização clandestina SWAPO.

O dirigente sul-africano salientou que devido à falta de um controlo rigoroso na fronteira, não é possível às autoridades saberem se o número de emigrantes clandestinos atinge realmente 400 ou mais.

A Ovambolândia é uma das regiões mais agitadas da Africa do Sul, onde se têm registado greves e lutas de vária ordem, na medida em que os militantes da SWAPO procuram ali organizar as populações para lutarem pela independência.

APELOS PARA NOVAS ELEIÇÕES APÓS A PRIMEIRA DERROTA DE WILSON NO PARLAMENTO

LONDRES, 20 — (U.P.I.-A.N.I.) — O Governo trabalhista de minoria de Harold Wilson sofreu ontem a sua primeira grande derrota no Parlamento e deputados de todas as tendências começaram a lançar apelos de novas eleições.

A oposição principal do Partido Conservador, juntou-se a dos liberais, dos nacionalistas escoceses e de uma série de pequenos grupos, a fim de derrotar o Governo por 308-299 no projecto de lei que autorizava os planos de despesas do Governo trabalhista.

Os observadores políticos afirmaram duvidar de que Wilson expusesse já nesta altura este problema ao país. Mas isso veio marcar o princípio dos ataques directos de uma campanha dos conservadores, que durante quatro meses têm tentado derrubar o Governo.

Especificamente, os partidos não governamentais uniram-se para derrubar um plano governamental de devolução de 10 milhões de libras cobradas aos sindicatos por eles se terem recusado a registarem-se segundo a antiga lei governamental de relações industriais.

Quando o resultado foi anunciado, o chanceler do Tesouro, Dennis Healey, gritou para os conservadores: «As eleições virão mais cedo do que julgam.»

Mas círculos políticos afirmaram não acreditar que Wilson queira fazer as eleições já neste Verão. Segundo as mesmas fontes, Wilson teria tornado claro no passado, que o Partido Trabalhista só abandonaria por uma questão de confiança, e têm havido poucos indícios de que depois de alguns meses do Governo de Wilson esteja disposto a ir de novo às urnas.

Embora a derrota tenha atingido uma das partes de um projecto financeiro, as outras secções do programa foram aprovadas.

Partido das prostitutas romanas

ROMA, 20 (FP) — As prostitutas romanas acabam de criar mais um partido, dirigido por homens, o P.P.P., que apresentará candidatos às próximas eleições legislativas.

O programa do P.P.P. comporta a criação de centros de erotismo, assistência sanitária às prostitutas e melhoria da sua segurança.

O P.P.P. saiu de uma cisão do L.I.P.P., outra organização de defesa das peripatéticas.

SINDICATO DOS PROFISSIONAIS DE ESCRITÓRIO DE LISBOA

MÁQUINAS E ACESSÓRIOS E FERRO, FERRAGENS E METAIS

A fim de informar todos os profissionais de escritório da ex-17a. Secção de Actividade (Máquinas e Acessórios e Ferro, Ferragens e Metais) sobre o Contrato Colectivo que deve ser homologado dentro de dias, realiza-se uma reunião com os associados no próximo dia 25 de Junho, pelas 21.30 h., nas instalações da Rua do Alecrim, 46 - 1.º

A DIRECÇÃO

CAIXA SINDICAL DE PREVIDÊNCIA DOS TIPÓGRAFOS, LITÓGRAFOS E OFÍCIOS CORRELATIVOS

RUA DAS TAIPAS, 1 — LISBOA

AVISO

Avisam-se os beneficiários de que enquanto se verificarem as condições anormais de funcionamento dos C.T.T., os avisos-recibos de abono de família, subsídios, pensões e outros subsídios serão entregues na Caixa, nas horas normais de expediente devendo, para o efeito, os beneficiários terem presente:

— **Abonos de família e subsídios complementares**: Os recibos serão entregues a partir da data da comunicação telefónica, feita para a empresa, de que se encontram a pagamento.
— **Subsídios na doença**: Os recibos serão entregues a partir do 7.º dia a contar da data da baixa.
— **Pensões de reforma**: Os recibos serão entregues como habitualmente a partir do dia 25 do corrente mês.
— **Outros subsídios**: Podem ser procurados na Caixa sempre que os beneficiários o julguem conveniente.

Lisboa, 18 de Junho de 1974

A DIRECÇÃO

QUE PROFESSORES? QUE ENSINO?

Continuação da pág. 3

meios, mas compensativamente dirigido à recusa da manipulação, sim à busca da informação objectiva e ao tratamento da mesma através de métodos críticos e não só.

— Se a civilização científico-técnica não pôs termo à época de produção industrial que a antecedeu e que no reverso se traduz por uma civilização de consumo, há que educar o homem, como produtor e como consumidor. Como produtor, em métodos racionalizados e económicos de trabalho, como consumidor, no uso das próprias actividades criadoras em horas deixadas mais livres e participativas.

A enumeração desdobrada deste leque de objectivos gerais poderia ir mais longe, mas só pretendemos exemplificar alguns.

Dispensar-nos-ão, também, duma referência detalhada aos recursos duma tecnologia do ensino, posta ao serviço dos seus objectivos: os processos da organização dos currículos, da avaliação dos seus resultados, da massificação do ensino permitida através dos «mass media» e da diferenciação correctiva através do ensino programado, etc.

Enfim, com tantas ambições e tantos recursos tecnológicos, o ensino terá de ser a profissão de alguém que o aprenda e o ame, mas não a do amador que a ele recorre para resolver situações meramente pessoais.

ITÁLIA

Medidas contra a inflação e o desemprego

ROMA, 20 — (UPI/ANI) — O Governo de coligação do primeiro-ministro Mariano Rumor ultrapassou ontem as divergências internas que quase causaram a sua queda e aprovou uma série de medidas contra a inflação e o desemprego.

«Conseguimos chegar a uma conclusão positiva e parece-nos que as reivindicações-base do Partido Socialista foram satisfeitas, tanto no campo económico como na luta contra a nova vaga de fascismo» — declarou aos jornalistas o chefe do Partido Socialista, Francesco de Martino, depois de uma reunião dos chefes dos partidos da coligação.

Os participantes afirmaram que os democratas-cristãos de Rumor, os socialistas e os outros membros da coligação concordaram em elevar os impostos e as taxas de electricidade, a fim de evitarem um poder excessivo de compra, capaz de fazer com que os italianos vivessem além das suas possibilidades.

Ao mesmo tempo, decidiram financiar especialmente as indústrias de exportação.

Os socialistas opuseram-se insistentemente a esta medida, afirmando que isso significaria a falência para milhares de pequenas empresas e desemprego para possivelmente dois milhões de trabalhadores.

«O aumento dos impostos e do preço da electricidade representa um considerável sacrifício para aqueles que têm salários fixos, ou seja, a maioria dos italianos» — declarou, depois da reunião, o chefe dos deputados sociais democratas, António Cariglia.

«O Governo sabe disso com certeza, mas na minha opinião este sacrifício será aceite, se os cidadãos sentirem que estão a ser mais bem governados» — acrescentou Cariglia.

O ministro do Orçamento, António Giolitti, afirmou que os impostos e os aumentos dos preços eram destinados a conseguir um extra de três triliões de liras.

Necrologia

Edmundo Melo do Cruzeiro

Faleceu o sr. Edmundo Melo do Cruzeiro, de 61 anos, natural de Lisboa, empregado bancário, casado com a sr.ª D. Maria Lisete Henriques Melo do Cruzeiro, pai dos srs. Eduardo José Queiroz do Cruzeiro e Edmundo José Henriques Melo do Cruzeiro. O seu funeral a cargo da Agência Alfredo Magno & Jaime Gomes, Lda., da Av. Almirante Reis, realiza-se amanhã, 6.ª feira, da Igreja de S. Sebastião da Pedreira, para cemitério a determinar.

DL/ESTRANGEIRO

Satisfação da França após a reunião da N.A.T.O.

OTAVA, 20 — (Por Edwin Forte, da France Press) — A representação francesa à conferência da NATO declara estar satisfeita com o desfecho desta: em sua opinião, obteve 95 por cento do que pedira.

Também a representação americana não tem motivos de queixa. O seu objectivo era a redacção de uma declaração atlântica que não se afastasse das suas posições e, sobretudo, obter um instrumento diplomático precioso, solenemente assinado em Bruxelas pouco antes do intercâmbio planetário que a partir de 27 de Junho Nixon e Brejnev se proporão iniciar em Moscovo.

A formulação do parágrafo relativo às consultas mostra bem que, conforme pretendia a França, os aliados não ficam assim com qualquer novo compromisso e não têm a obrigação de se consultarem. No entanto estão «firmemente dispostos» a manterem-se «plenamente» informados, «por todos os processos» ao seu alcance, fórmula que, supõe-se, satisfará Washington.

Quanto ao alcance das consultas, a conferência decidiu que todos os «interesses comuns» poderão constituir motivo, o que pode levar a pensar que todos os assuntos servirão para consulta. No entanto, uma atenuante ataca essa fórmula: «na qualidade de membros da Aliança». Isto significa que aos assuntos relacionados com a defesa e a segurança se dá uma atenção particular. Mas esta segurança apoia-se em «relações políticas e económicas harmoniosas», fórmula que torna possíveis consultas provocadas por problemas desses domínios: o político e o económico.

E opinião da maior parte das representações que a Aliança se reforma com a adopção da «Declaração Atlântica». O objectivo desta — note-se — é adaptar defesa comum, a dados que nos últimos dez anos sofreram profundas alterações.

Os compromissos anteriormente assumidos são reafirmados e até reforçados. Os aliados verificam, por exemplo, que a presença das forças americanas na Europa desempenham um papel insubstituível no âmbito da própria defesa da América do Norte e também no âmbito da defesa da Europa. Em caso de ataque todas as forças seriam empregues. E, o que é novo, e, por isso, de acentuar, os Estados Unidos reconhecem que as forças nucleares da França e da Grã-Bretanha têm poder suficiente para desempenhar «um papel dissuasivo próprio, contribuindo para o aumento do nível global de dissuação da Aliança».

PRINCIPAIS PONTOS DO COMUNICADO

Principais pontos do comunicado do Conselho Ministerial da Aliança Atlântica:

— Os ministros reafirmaram a determinação de prosseguirem a sua política a favor do apaziguamento.

— No que respeita à conferência para a segurança e a cooperação na Europa, os ministros reafirmaram que importa desenvolver mais «a cooperação entre os países participantes em todas as esferas de actividade».

— Os ministros declaram que os seus Governos estão decididos a prosseguir as negociações com a C.S.C.E. com paciência e de maneira construtiva, numa busca permanente de resultados equilibrados e substanciais.

— Congratularam-se com os progressos realizados no Médio Oriente, particularmente no que respeita ao acordo de sepração das forças sírias e israelitas.

— Os ministros significaram o seu apreço pelos esforços dos Estados Unidos no sentido da limitação dos armamentos estratégicos (SALT), manifestando a esperança de que esses esforços se traduzam em resultados satisfatórios.

— Os ministros que participam no programa de defesa integrado da NATO (os «quinze» menos a França) mantêm a convicção de que a redução mútua e equilibrada de forças conseguida através da solidariedade aliada contribuirá para reduzir a tensão na Europa.

— Declaram-se favoráveis a uma partida aproximativa das forças entre os dois campos e à conclusão de um acordo sobre reduções das forças terrestres soviéticas e americanas no âmbito da primeira fase.

Habitantes da Toscânia manifestam-se em Roma em frente do Parlamento, reclamando o cumprimento do programa de assistência governamental, que, em 1971, foi prometido para remediar os efeitos dos tremores de terra, que nesse ano devastaram aquela região italiana. (Telefoto UPI-Telimprensa)

Smith anuncia debate sobre a participação dos negros no Poder

SALISBÚRIA, 20 — (R.) — Numa medida destinada a pôr termo à incerteza política que reina na Rodésia, o primeiro-ministro Ian Smith anunciou eleições legislativas e a organização de uma mesa-redonda para debate da participação dos negros no Poder.

Smith disse ao Parlamento que as eleições se efectuariam em breve para dissipar o clima de insegurança que se instalou no País em consequência de recentes acontecimentos internacionais e internos.

Deve permitir-se que o povo da Rodésia se decida quanto «ao caminho que deseja seguir e quanto à maneira como gostaria de ser governado» — acrescentou.

Normalmente, as eleições só deveriam realizar-se no princípio do próximo ano. O partido da frente rodesiana de Ian Smith, que ocupa 49 dos cinquenta lugares reservados aos brancos na Assembleia, a qual comporta também dezasseis deputados negros, parece de antemão assegurado da vitória.

MAIS IMPORTANTE DO QUE AS ELEIÇÕES

Em vista desta posição de força, a mesa-redonda sobre o futuro do país poderá revelar-se mais importante do que as eleições.

Smith garantiu que vários grupos de opinião africana seriam plenamente representados na conferência, cujo propósito será encontrar solução para o actual impasse sobre a posição política dos negros nêste país governado por minoria branca.

A iniciativa sucede-se à rejeição no princípio do mês, das últimas propostas do Governo pelo Conselho Nacional Africano (agrupamento político negro da Rodésia.

Em dez meses de conversações secretas com o dirigente do CNA, bispo Abel Muzorewa, o primeiro-ministro acedeu em criar seis novos lugares para negros na Assembleia. O CNA alega que isso está longe de ser suficiente e tem vindo recentemente a exigir a paridade imediata entre negros e brancos no Parlamento.

Julga-se que Smith tinha em mente a rejeição das condições adiantadas pelo Governo ao falar da incerteza criada por acontecimentos internos recentes.

Um dos factos externos a que se referiu foi o golpe militar português de 25 de Abril, que conduzirá quase seguramente à instalação de um Governo negro no vizinho Moçambique.

Giscard procura "amaciar" o impacto da inflação

PARIS, 20 — (R) — O Governo francês aumentou os abonos de família e benefícios destinados aos pobres e às pessoas de idade a fim de lhes «amaciar» o impacto da inflação, que presentemente está a subir quase 20 por cento ao ano.

Os subsídios às famílias com crianças aumentarão 12 por cento e as pensões às pessoas idosas serão aumentadas até 20 por cento. O salário mínimo, para os trabalhadores mais mal pagos, será também aumentado em cerca de 7,5 por cento.

As medidas destinadas a auxiliar os menos favorecidos pela fortuna seguem-se a ter sido anunciado na semana passada um programa de austeridade — incluindo aumentos de impostos sobre rendimentos até 15 por cento — para reduzir a inflação e o amplo deficite na balança de pagamentos.

O presidente Valery Giscard D'Estaing, disse que — algumas — pessoas poderão perguntar se o país está na situação de fazer tais aumentos em benefícios sociais com a economia francesa no seu actual estado deficitário.

O presidente frisou: «Posso dizer que as coisas foram consideradas pormenor pelo Governo, e atrevo-me a garantir que a economia francesa tem suficiente capacidade para suportar as medidas tomadas».

O presidente Giscard D'Estaing disse que dois milhões e meio de franceses com mais de 65 anos passarão de agora em diante a receber uma pensão do Governo de 17 francos, pelo menos, diariamente. Reafirmou aquilo que prometeu na campanha eleitoral de aumentar o mínimo de pensões às pessoas idosas para 20 francos diários dentro de um ano.

No âmbito das novas medidas governamentais, as quais não precisam de aprovação do poder legislativo, a tabela mínima horária de salários aumentará de 5,95 francos para 6,40 francos.

O primeiro ministro Jacques Chirac, numa conferência de Imprensa, lançou um apelo às organizações trabalhistas para moderarem as suas exigências salariais, Disse que o Governo espera que os salários aumentarão numa proporção que venha apenas a fortalecer ligeiramente o poder de compra do povo, dado que a economia francesa não pode suportar presentemente

Mensagem dos comunistas espanhóis

BERNA, 20 — (R.) — O Partido Comunista Suiço (PDT) assegura que os dirigentes comunistas espanhóis no exílio Dolores Ibarruri e Santiago Carillo assistirão ao comício que se realiza em Genebra no próximo domingo, embora proibidos pelo Governo suiço de tomarem a palavra.

O PDT anuncia que durante o encontro «será ouvida a mensagem dos comunistas espanhóis. Dolores Ibarruri e Santiago Carillo estarão presentes a esta manifestação que marcará a solidariedade para com a luta do povo espanhol pela liberdade e pela democracia».

O Governo suiço decretou que a senhora Ibarruri, a lendária «passionária» da Guerra Civil de Espanha, e Carillo não discursariam no comício, que reunirá milhares de trabalhadores espanhóis de todos os países da Europa no «Estádio de Gelo» de Genebra, de onze mil

As autoridades genebrinas tinham inicialmente autorizado que Dolores Ibarruri, actualmente residente em Moscovo, e Carillo, instalado em Paris, figurassem entre os oradores, com a condição de respeitarem a neutralidade suiça e de não atacarem Governo ou chefes de Estado estrangeiros.

No entanto, um artigo recente do presidente do PDT, Jean Vincent, revelou que o comício tomaria a forma de uma vasta manifestação internacional contra um Governo estrangeiro — diz o comunicado do Governo suiço.

Dolores Ibarruri e Santiago Carillo são respectivamente o presidente e o secretário-geral do Partido Comunista Espanhol no exílio.

O PDT exprimiu o seu «vigoroso protesto» contra a medida do Governo suiço, que acusa de ter sido «claramente inspirado pelas repetidas intervenções do

ATELIER

CEDE-SE ESPAÇO

casa moderna, cerca 75 m2, zona Príncipe Real, bom preço, resposta a este jornal ao n.º 1114.

MÓVEIS CANDEEIROS

(IMPORTAÇÃO DIRECTA)

Em exposição na FIL

CONDIÇÕES PARA REVENDA

ENTREGAS IMEDIATAS

Soc. de Representações

Marques Neto, Lda.

Escritórios
Avenida Almirante Reis, 15-1º
Telefone 53 77 41 • LISBOA
Armazéns
Rua Heróis de Chaimite, lote 7
OLIVAL BASTO
Instalações futuras e Salão de Exposição
Av. Infante D. Henrique, lote 4
LISBOA - 6

Em ÁGUEDA o «DIÁRIO DE LISBOA» vende-se na Agência Oliveira Salazar, 54.

DL/GERAL

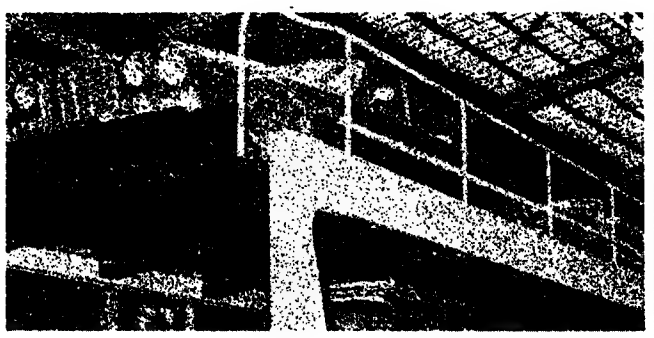
pontualidade com
Memomatic Omega

Omega Memomatic

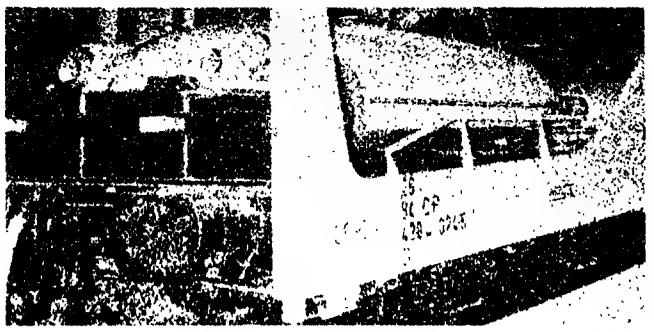
O relógio de pulso que o ajuda a ser pontual, que o previne, com um sinal sonoro, da hora a que terá de satisfazer o seu próximo compromisso. É, por isso, de uma utilidade incomparável.

Omega Memomatic Ω
a sua memória automática

AGÊNCIA OFICIAL
RELOJOARIA MAURY
Rua do Ouro, 202
LISBOA



Lisboa-Madrid
Madrid-Lisboa



serviço diário AutoExpresso

Lisboa-Madrid de 29/6 a 14/10
Madrid-Lisboa de 28/6 a 13/10

Caminhos de Ferro Portugueses

SINDICATO DOS ENGENHEIROS AUXILIARES, AGENTES TÉCNICOS DE ENGENHARIA E CONDUTORES

CONVOCATÓRIA

Convocam-se os associados para uma Reunião Geral no dia 21/6/74 pelas 21.30 h. no Anfiteatro do Instituto Industrial de Lisboa, para prosseguimento do Programa de Trabalhos iniciado na Reunião Geral do dia 7/74.

AVISO

1 — Que todos os colegas procedam o mais rápidamente possível à sua inscrição.

2 — Funcionará uma mesa de inscrição de sócios à entrada do Anfiteatro a partir das 20.30 h. de 21/6/74.

3 — O controlo do acesso à Reunião far-se-á pela Carteira Profissional ou documento que comprove a inscrição, acompanhado do B. I.

Pel'A Comissão Executiva
a) **Santos Vieira**

COMPANHIA DOS CAMINHOS DE FERRO PORTUGUESES (S. A. R. L.)

AVISO

CONCURSO

Até às 16 horas do dia 26 de Junho de 1974, esta Companhia aceita propostas para a adaptação e exploração de uma dependência na estação de Lavradio, para venda de tabaco, livros, jornais, revistas e artigos afins, água, café, refrigerantes, gelados, bolos, cervejas, sanduíches, chocolates e rebuçados, sendo todas as despesas a cargo do interessado.

A anuidade mínima a oferecer pela ocupação de dependência é de 6000$00 e as respectivas propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais, que os interessados poderão consultar nas seguintes estações e locais:

Lavradio	Sector Comercial da Região Sul
Barreiro	BARREIRO
Pinhal Novo	Serviço Comercial de Passageiros da Companhia
Setúbal	Rua Victor Cordon, 45
	LISBOA - 2

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida ao Serviço Comercial de Passageiros da Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses, Rua Victor Cordon, 45 — Lisboa - 2, acrescentando-se àquele endereço, no invólucro, o seguinte:

«Proposta para a adaptação e exploração de uma dependência, na estação de Lavradio».

EXCURSÕES CP

MADRID
VIAGENS LIVRES...

- Não se preocupe em coordenar as datas das suas férias para poder visitar Madrid.
- O caminho-de-ferro oferece-lhe o sistema de VIAGENS LIVRES, sem ter de integrar-se em grupos com dias de partidas fixos.
- APROVEITE AS NOSSAS EXCURSÕES INDIVIDUAIS, com saídas DIÁRIAS nos comboios Ter (partida às 8.35) e Lusitânia-Expresso (partida às 21.10).
- Hotéis centrais de 2.ª e 1.ª classes. Assistência em Madrid.
- Partidas de Lisboa e Porto e das principais estações da CP.

Preços desde 960$00

Programas e informações:
LISBOA — Estações de Lisboa-Rossio e St.ª Apolónia.
— E. G. T., Rua do Arsenal, 124.
Reservas rápidas — LISBOA: Telef. 36 75 29
Reservas rápidas — LISBOA: Telef. 36 75 61
» » — PORTO: Telef. 5 70 61
OU NA SUA AGÊNCIA DE VIAGENS

COMUNICADO DA COMISSÃO INSTALADORA DA ASSOCIAÇÃO LIVRE DOS RESTAURANTES TÍPICOS

A Comissão Instaladora da Associação Livre dos Restaurantes Típicos (Restaurantes Típicos Faia, Machado, Luso-Forcado e Severa), constituida em grupo de trabalho, democráticamente eleita pelos Industriais do Sector, assistida pelo seu advogado Dr. Marques Farinha, informa que tem vindo a proceder ao estudo dos problemas reais que afectam a actividade com a finalidade de conseguir a sua eliminação, a bem da Indústria e do Turismo Nacionais.

A mesma Comissão denuncia a toda a classe e restantes interessados a inoportunidade das eleições dos Corpos Gerentes recentemente levadas a cabo no Grémio dos Restaurantes e Cafés do Sul, com o desconhecimento da totalidade dos Restaurantes Típicos. Haveria, primeiro, que instituir uma Comissão Instaladora duma futura Associação Livre dos Restaurantes e Cafés do Sul, a qual, com base na consulta à vontade dos associados, e bem, assim, com o conhecimento real dos seus problemas, faria um projecto de novos Estatutos a aprovar por toda a classe reunida em Assembleia Geral.

Só então se poderia proceder a eleições verdadeiramente representativas e com interesse para o vasto conjunto económico que constitui a indústria hoteleira.

Os Estatutos actuais do Grémio inspiram-se numa ideologia diferente da do 25 de Abril, e por isso não servem nem permitem servir os actuais interesses da indústria, agravada agora nos seus problemas.

A mesma Comissão denuncia ainda o carácter não colaboracionista de algumas das medidas reivindicativas constantes do programa da Lista B (a eleita) designadamente a referida sob o n.º 26: «Abolição dos descontos respeitantes ao pessoal: a entidade patronal não deve descontar por qualquer forma para a Previdência, Desemprego, Sindicatos, visto que os empregados é que usufruem das regalias».

E pergunta, por fim esta Comissão: necessitará Sua Excelência o Ministro do Trabalho do «voto de confiança» emitido a final do mesmo programa ?

Lisboa, 11 de Junho de 1974

Pelo Restaurante «Faia» Carlos do Carmo Almeida
Pelo Restaurante «Adega Machado» Armando José Machado
Pelo Restaurante «A Severa» Júlio de Barros
Pelo Restaurante «O Forcado» Joaquim Mourão

SIM AO DIVÓRCIO
FILHOS ILEGÍTIMOS NÃO

Todos ao Pavilhão dos Desportos em Lisboa no dia 21 às 21,30 horas.

Iniciativa do Movimento Nacional Pró-Divórcio.

AVENIDA ROVISCO PAIS, 24-1.º — LISBOA

Novo modelo «MZ»

MZ TS 250
FABRICO ALEMÃO
MAIS POTENTE!!!
MAIS BONITA!!!
MAIS ROBUSTA!!!
PREÇO EXCEPCIONAL!!!
Um cilindro a dois tempos
Cilindrada: 243 c. c.
Assistência técnica assegurada
Por 64 Agências em todo o País
Representantes gerais para Portugal Continental, Insular e Ultramarino
MOTAUTO, LIMITADA
Rua D. Estefânia, 81-A
LISBOA

SINDICATO LIVRE DOS TRABALHADORES PUBLICITÁRIOS

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os Colegas já inscritos, ou que se venham a inscrever até à hora do seu início, para uma Assembleia Geral, a realizar no próximo dia 24 de Junho, pelas 21,30 h., na sede do Clube Português dos Publicitários, Estrada de Benfica, 239, com a seguinte Ordem de Trabalhos:

1 — Informações
2 — Alargamento do número de membros da Comissão
3 — Programa do Sindicato
4 — Âmbito do Sindicato
5 — Declaração de Princípios Éticos.

Lisboa, 17/6/74

A Comissão Instaladora

À VENDA

ORLANDO DIAS AGUDO NO "MUNDIAL"

"Eu ganho, nós empatamos, eles perdem..."

FRANKFURT — (Especial para o «DL») — Já depois de ter enviado o meu último trabalho aí para Lisboa, tive a sorte de encontrar aquele que seria (tavez) o único escocês descontente com o empate da sua selecção contra o Brasil. E justificava assim a sua amargura: **Já reparou que, não marcando nenhum golo, ainda, a seleção do Brasil é a que tem mais hipóteses de se qualificar para a fase final deste campeonato? Ora veja: basta que os avançados brasileiros ganhem ao Zaire por uma margem superior a dois golos, para se sentarem, tranquilos, à espera do senhor que se segue. Enquanto isto, os jogadores da minha selecção e os da Jugoslávia, terão que forçar a vitória por qualquer preço. Porque qualquer resultado serve ao Brasil, desde que ganhe por mais de dois. E repare: esteve a um passo de perder frente à Jugoslávia e também connosco. Ora diga-me lá se é preciso, ou não, ter (Za)galo...**

E assim o futebol quando se tem um técnico que trata a sorte por tu. Zagalo é um deles e isso é a única coisa que o salva (para já) das maiores tareias escritas e faladas dos especialistas brasileiros aqui presentes. Perante a oportunidade de a turma se qualificar para a final (embora não tenha marcado ainda um único golo), os críticos não arriscam em colocar o carro à frente dos bois, não vá acontecer aquilo que é mais provável: o «team» de Mário Zagalo desforrar-se dos zeros que o perseguem e ganhar por muitos. E pode muito bem acontecer que o guarda-redes do Zaire (Muamba Kazadi) tenha uma tarde tão inspirada como quando jogou com a Jugoslávia. Vocês, decerto, viram aí o resumo do jogo e tiveram oportunidade de ver os seus «frangos» monumentais. Até teve de ser substituído... mas, mesmo assim, continua a ser o jogador mais caro dessa selecção que já não deve regressar ao seu país, porquanto os clubes franceses já contrataram quase todos os jogadores zairenses.

AS SOLTAS DESTE MUNDIAL

Como já tive ocasião de contar, os comentaristas da Rádio, Televisão e jornais do Brasil, presentes neste Mundial, não popupam as palavras nas críticas que fazem ao trabalho da equipa da CBD. Um deles, depois do 0-0 frente à Escócia e vendo-se livre de uma derrota, não se conteve e desabafou ao meu ouvido: «Não há dúvida, estamos a trabalhar muito bem para o êxito dos nossos fracassos...

Para quem viu, pela TV os jogos do Zaire, ficou sem ver a equipa jogar, por uma razão muito simples: o seu equipamento é exactamente da cor da relva...

O árbitro (holandês) do Brasil-Escócia surgiu em campo todo vestido de encarnado. Um português, a meu lado, comentou logo: «Este juíz é do Benfica. Parece uma papoila saltitante...

No Alemanha Ocidental-Austrália, de 3.ª-feira última, o público presente ao jogo manifestou-se ruidosamente contra o «capitão» Beckenbauer. E que chegou aos ouvidos da multidão que era ele quem não queria Netzer na turma, e a malta não gostou. Mas, a verdade, é que parece que Netzer está mesmo a atravessar uma grave crise: não entra na selecção nem Milijanic o quer no Real Madrid.

Sabem que os símbolos deste campeonato, os já celebres bonecos Tip e Tap, vão render um terço das receitas previstas pela organização? Realmente, o boneco tem sido explorado sob todas as formas. Todos estão trabalhando para o boneco...

Os jogadores do Zaire foram proibidos pelo seu treinador (Vidinic) de falarem para a Imprensa. Só ele pode falar. Já há quem diga que Vidinic é um dos muitos técnicos que conjuga o verbo: «Eu ganho, nós empatamos, eles perdem...»

O tento de Houseman.

CURIOSIDADES

DESILUSÃO BRASILEIRA

Que bando de cobardes! Foi o destemperado desabafo de um carioca que, com outros, via num televisor, posto na montra de um estabelecimento, o jogo Brasil-Escócia, que terminou com mais um empate para os tri-campeões do Mundo.

Era bom que esse Zagalo e todos os outros ficassem lá pela Europa alguns anos, até que a nossa indignação arrefeça — declarou um crítico desportivo de um jornal do Rio, enquanto o proprietário de um bar dizia: **Aposto que o Exército já arranjou um sítio especial para proteger a equipa das iras da multidão que irá esperá-la ao aeroporto.**

Estas reacções dão ideia do profundo desapontamento dos brasileiros perante a inoperância da selecção, no actual campeonato do Mundo, pois, se nos dois jogos que já disputou, não foi derrotada e não sofreu nenhum golo, também é certo que não ganhou e não marcou um único tento.

E sobre Zagalo que chovem os piores comentários, assim como os poucos elogios vão para o guarda-redes Leão, que mais de uma vez salvou a equipa da derrota.

A indignação e a desilusão têm-se manifestado de várias formas, até em cenas de pugilato: na praia de Copacabana, onde foram colocados vários televisores, houve uma feroz desordem quando alguns dos presentes se atreveram a defender Zagalo.

Não foi ainda desta vez que os muitos milhares de cariocas que, para isso se prepararam, puderam entregar-se às manifestações de jubilo da vitória que aguardavam. As bandeiras, os petardos os «confetti» ficaram à espera de melhor ocasião, uma ocasião da qual já se começou a descrer...

WILSON COMENTA

Os escoceses mereciam a vitória. O resultado foi contra a corrente do jogo. Esta foi a opinião do primeiro ministro Harold Wilson, que viu na televisão britânica o encontro contra o Brasil.

Wilson, que considera que sabe mais de futebol do que de política, disse que tinha sido em todo o caso um grande jogo e declarou-se fervente admiradores de Lorimer e Billy Bremmer. Na sua opinião, o treinador escocês Willy Ormond deve fazer jogar Lorimer mais no centro do terreno pois **trata-se** (acrescentou) **de um «canhoeiro marcador de golos».**

CHILENO EXCITADO

Em Santiago do Chile, Lorenzo Pardo ficou tão excitado, quando a selecção do seu país empatou com a República Democrática Alemã, que deu um pontapé num calorífero, provocando um incêndio que destruiu completamente a sua casa num **bairro de lata.** Lorenzo foi conduzido a um hospital, sofrendo de queimaduras no estomago.

Continua na pág. 17

O auto golo de Perfumo.

ARGENTINA-ITÁLIA

Sob arbitragem do russo Kasakov, as equipas alinharam:

ITÁLIA: Dino Zoff, Burgnich, Capello, Spninosi e Morini (Wilson); Facchetti; Mazzola, Benetti e Rivera (Causio); Anastasi e Riva.

ARGENTINA: Carnevali; Wolff (Glaria), Perfumo, Heredia e Sa; Babington, Telch e Ayala; Kempes, Yazalde e (Chazarreta) Houseman.

Golos de Houseman e de Perfumo (na própria baliza).

CALENDÁRIO

. Hoje e amanhã não haverá jogos para o «Mundial». O campeonato prossegue no próximo sábado, com os encontros Chile-Austrália e Alemanha Ocidental-Alemanha Oriental (Grupo 1), Brasil-Zaire e Escócia-Jugoslávia (Grupo 2).

No domingo efectuam-se os embates referentes aos grupos 3 e 4.

O JOGO PELA TV

ADIÕS, PAMPA MIA

Por NEVES DE SOUSA

Monotonia, lentidão, receio mútuo. Expectativa nos dois campos, com Yazalde a não tocar na bola ou a vê-la surripiada pelos contrários. De súbito, o golo de Houseman («chapéu» em Dino Zoff, tardio a partir ao encontro do couro).

— **Em teoria, a Argentina tem melhor ataque** (proclama o enstusiástico «comentador» da RTP).

«Banheira» para o sujeito. Aliás, se pudessemos transcrever aqui todos os dislates ou considerações erradas que o pobre homem atirou do televisor para fora, ficaria reunido o mais completo compêndio de asneiras que algum dia acompanhou qualquer comentário a futebol feito nos estúdios do Lumiar.

— **A Itália pode resolver tudo numa única descida, num único contra-ataque...** (garante o «comentador»).

Senhores da TV: vão lá poupar dinheiro para outro lado. Já experimentaram pensar um bocadinho e descobrirem que, para substituirem a ausência de som original (e a palavra de Alves dos Santos ou Amadeu José de Freitas) tinham, mesmo à mão, o Fernando Correia?

— **Extraordinário golo de Benetti, metido com o peito!** — vocifera o «comentador».

Evidentemente que o leitor (como toda a gente, aliás) viu bem que se tratou de um autogolo de Perfumo e nunca de um «extraordinario» lance de Benetti...

Lá «apanhámos» com mais uma dúzia de «extraordinários» por dá-cá-aquela-palha. Mais um monte de «preciosos toques», mesmo quando o Rivera pisou a bola e se estatelou no solo. Um portento de palermices, como se nota: abriram o micro ao «comentador» e passámos a ficar siderados com tanta parvoeira desaguada em nossas casas.

Mas, lá ia seguindo o jogo, de vez em quando com o som ligado para as pessoas se divertirem com os «comentários». Yazalde é um outro zero à esquerda: nem um passe, nem um toque, nem um remate em termos. Nulo como o «comentador»: só que o argentino está lesionado e sabe jogar a bola, só que àquele «comentador» ninguém é capaz de explicar (sequer) o que é futebol...

O homenzinho continuava numa confusão dos diabos: chamava Brindisi ao Perfumo, Ayala ou Herédia a todos quantos iam passando pelo «écran», confundia o Rivera com o Riva e só não se enganava com os guarda-redes porque estava um de cada lado.

Enfim: o tormento acabou. Um-um no «placard» e zero cá por nossa terra. Zero, claro, em comportamento do «comentador». E vale a pena concluir este mais que péssimo trabalho da RTP, pedindo, por todos os santinhos e a quem quer que lá mande (major, capitão, alferes, doutor, engenheiro, director, senhor, amigo) que coloque imediatamente em estado de interdição eterna aquele «comentador» que ontem exportou no acompanhamento das imagens do Argentina-Itália. Depois de proibirem o Vítor Direito, só faltava admitir este novo «Ruano», este «extraordinário comentador» de quem queremos desconhecer para sempre o nome glorioso.

À refeição LUSO
água puríssima

REGISTO

. CACO: no sábado, pelas 21.30, realiza-se no pavilhão da colectividade de Campo de Ourique um sarau de ginástica para apresentação das classes desportiva e educativa, encerrando-se o ano da prática da modalidade.

DEMISSÃO: o vice-presidente sportinguista eng.º Gomes Nunes, directamente responsável pelas actividades amadoras da colectividade de Alvalade, pediu escusa do lugar que ocupava.

OPERAÇÃO: o treinador Fernando Caiado foi submetido a uma intervenção cirúrgica, devendo manter-se alguns dias no leito.

HOQUEI EM PATINS: Foi divulgada a constituição das caravanas das selecções da Argentina e da Holanda presentes ao «Mundial» de hóquei em patins, a efectuar em Luanda. Os argentinos trazem três dirigentes, treinador, preparador físico, médico e onze jogadores (Velasquez, Gonzalez, Martinazzo, Gil, Peres, Colome, Cozzi, Andino, Martinazzo II, Moreno e Carrin). A Holanda trará, além de dirigentes e técnicos, oito jogadores (Dirks, Zuidgeest, Wil Van Gemert, Trudo van Gemert, Habraken, Tammens, Slootweg e Waterschoot). A Alemanha, entretanto, confirmou também a sua vinda, trazendo até Luanda sete dos elementos que constituiram a selecção que recentemente empatou com a portuguesa.

Efectuou-se ontem o último Sporting-Benfica em basquetebol, com jogadores americanos ao serviço de portugueses: «leões» e «águias» resolveram (muito bem) restituir a condição de «amadoras» a modalidades desportivas sem bilheteira capaz de sustentar caprichos financeiros de intervenientes. Por curiosidade, regista-se que o resultado deste derradeiro embate foi (como se tornou constante na temporada) um êxito para os «encarnados» (83-73).

MARCADOR AUTOMÁTICO DE CHAMADAS TELEFÓNICAS

Não é um «objecto de luxo» mas sim um aparelho de TRABALHO. CHEGOU NA ALTURA PRÓPRIA.

"AM-3"

Informações pelo telef. 327475

Sobre futebol

SECUNDÁRIOS

Desfechos dos jogos de ontem: Tirsense, 1-Braga, 0 (2.ª Divisão) e Vianense, 5-Valpaços, 0 (3.ª).

ÁRBITROS

A Direcção da Comissão Regional dos Arbitros de Futebol de Lisboa, recentemente empossada, comunica aos seus filiados que se realiza hoje, 5.ª feira, pelas 21 horas, nas instalações da Associação dos Bombeiros Voluntários da Ajuda (Praça da Alegria), o Plenário Regional para alteração ao «Estatuto dos Arbitros de Futebol».

COIMBRA

A secção de futebol da Académica de Coimbra passa a chamar-se Clube Académico de Coimbra, ficando totalmente dissociada do emblema e do equipamento dos «estudantes».

CASTIGOS

Na extensa lista de castigos aplicados esta semana pelo Conselho de Disciplina da Federação, destacam-se as multas a 8 clubes: Alhandra, Sesimbra, Ala Arriba, Riopele, Paços de Brandão, Alferrarede, Seixal e Leça.

RELAÇÕES

Com a ideia de discutir com o Sindicato dos Jogadores o problema levantado pelo caderno reivindicativo dos praticantes profissionais, foi constituída uma comissão «ad hoc» dos clubes, que volta a reunir-se no sábado com representantes sindicais.

ÁFRICA

Em Angola, o Futebol Clube do Porto bateu o Benfica de Luanda por 4-1: golos de Ronaldo, Cubillas, Marco Aurélio e Oliveira (pelo lado portista) e de Arnaldo (Benfica).

BENFICA

Parece certo o reforço, para a Luz, o vimaranense Ibraim. O jogador deve ficar ao serviço do Benfica ao abrigo da lei militar.

SPORTING

Yazalde confirma publicamente que jogará durante mais três épocas no Sporting. No regresso da Alemanha, ficará com gesso em torno do joelho lesionado durante 15 dias.

O Belenenses deslocou-se a Leon (Espanha) para tomar parte num torneio. Viajaram os seguintes jogadores: Ruas, Murça, Calado, Freitas, Pietra, Quaresma, Godinho, Eliseu, Quinito, Pincho, Gonzalez, Melo, Parreira, Cardoso e Tó Zé. Na digressão estão ainda incluídos os dirigentes Mário Coelho e Agostinho Carolas, o médico dr. Camacho Vieira, o massagista João Silva, o roupeiro Sousa e o técnico Alejandro Scopelli.

CIESA-NCK adapt

Aí está o novo Ford Capri II.

Uma forma nova cheia de novas ideias práticas.

Novo estilo de um aerodinamismo eficiente

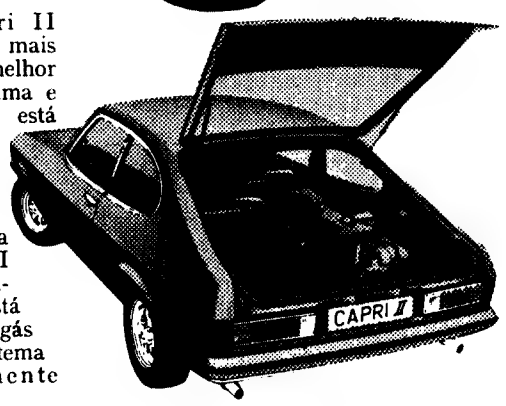
O Capri II tem agora linhas mais suaves, é mais baixo e mais funcional. Razões de estilo e não só. Os testes em túnel de vento provaram que a concepção do Capri II é inultrapassável em performance e em aceleração: oferece menos resistência ao vento. Dispõe, além disso, de mais 14% de área envidraçada, para maior visibilidade em toda a volta.

Novo no comportamento em estrada e novo na condução

Aumentando a largura da via traseira 6 cm e melhorando a distribuição do peso, o Capri II garante uma condução ainda mais precisa, mais estabilidade e melhor aderência. A condução é calma e repousante pois o Capri II está eficazmente isolado de ruídos e vibrações.

Nova porta traseira

Para mais fácil acesso à zona de bagagem, o Capri II possui uma ampla porta traseira. Para seu conforto, está munida de amortecedores de gás facilmente manejáveis e sistema de vedação absolutamente estanque.



Novos bancos traseiros rebatíveis

No Capri II, o banco de trás dobra-se totalmente, dando 3 vezes mais espaço para bagagem (640 dm3). Para ainda maior espaço, o banco ao lado do condutor dobra-se também para a frente. Nos modelos GT, os bancos traseiros dobram-se separadamente de modo a ganhar a versatilidade de um carro de um, dois, três ou quatro lugares, dependendo das pessoas e da bagagem que V. levar.

Motores económicos e de elevada performance

A eficiência e duração dos motores do Capri II foram testadas em centenas de corridas e rallies e a sua segurança e economia em milhões de quilómetros feitos no tipo de condução do dia-a-dia.
Você pode escolher entre um 1.300 L com 75 BHP e consumo de 8,4 l., um 1.600 XL com 82 BHP e consumo de 9,1 l., ou um 1.600 GT com 100 BHP e consumo de 9,2 l., ou ainda um 3.000 GT com 159 BHP e consumo de 10,5 l.

Assistência fácil Manutenção económica

O Capri II trabalha com um rendimento e economia máximos durante os 10.000 quilómetros entre as revisões. Encontrará uma assistência impecável e económica em qualquer dos 32 concessionários Ford na Metrópole (6.000 por toda a Europa).

O que é que não mudou?

Essencialmente o «nervo» do Capri. Quisemos que ele continuasse a ser o carro de resposta pronta que sempre foi. Porque esta é uma constante das preferências dos que escolhem Capri. A outra é o seu alto valor de revenda.

Vá já ver o Capri II ao seu Concessionário Ford!

CAPRI II

o compromisso mais arrojado entre o belo e o funcional

Ford

FORD À FRENTE!

A alegria do argentino Houseman.

A tristeza do italiano Mazzola.

RESULTADOS E PONTUAÇÃO

Resultados e classificações, após os jogos de ontem, no grupo 3: Holanda-Suécia, 0/0 e Bulgária-Uruguai, 1/1.

Classificação: 1.º Holanda, 3 pontos (2 golos marcados e zero sofridos); 2.º Bulgária, 2 (1/1) e Suécia, 2 (0/0); 4.º Uruguai, 1 (1/3)

. Grupo 4: Polónia-Haiti, 7/0 e Itália-Argentina, 1/1.

Classificação: 1.º Polónia, 4 pontos (10 golos marcados e 2 sofridos); 2.º Itália, 3 (4/2); 3.º Argentina, 1 (3/4) e 4.º Haiti, (1/11).

A Polónia está já classificada para as meias-finais, pelo que são já dois os países apurados para a etapa seguinte dado que a R. F. A. o primeiro país a classificar-se para as meias finais pertence ao grupo número.1.

Curiosidades

Continuação da pág. 15

MELHORES GOLEADORES

Dos melhores marcadores: Grzegorz Lato (Polónia), 4 golos; Andrzej Szarmach (Polónia), 4; Dusan Bajevic (Jugoslávia), 3; Jonny Reep (Holanda) 2. Com um golo, há 26 outros jogadores.

UM BRASIL DIFERENTE

A equipa brasileira sofrerá alterações profundas na sua estrutura, para se tornar mais ofensiva, afirmou em Essen, para onde se transferiu a selecção, o treinador Mario Zagalo, acrescentando que, contra o Zaire **só nos interessa a vitória por mais de quatro golos de diferença.**

Analisados os resultados decepcionantes do Brasil neste campeonato, Zagalo disse que, agora, os jogadores já estão mais conscientes do futebol que se joga na Europa «**mas** (sublinhou) **não é fácil mudar uma concepção de jogo em poucos meses.**

A primeira modificação a introduzir na equipa será a entrada do defesa José Maria Rodrigues Alves (Zé Maria) em substituição de Manuel Mattos Cabral (Nelinho). Contudo, o treinador admitiu que, com a alteração táctica que fará contra o Zaire, deverá colocar Paulo Lima no meio-campo e entrar Edu no lugar de Sebastião Miranda Filho (Mirandinha).

Hoje, à tarde, no «Parkstadion» (de Essen), Zagalo dirigirá um treino colectivo da equipa. Segundo consta, deverá fazer outras modificações no quadro, pois a maioria dos jogadores queixaram-se ontem de dores musculares e alguns estão lesionados.

Projecção internacional dos vinhos verdes

— De acordo com os secretários de Estado do Comércio Externo e Turismo e da Agricultura, partiu para a República Federal da Alemanha o presidente da Comissão Executiva da Comissão de Viticultura da Região dos Vinhos Verdes, sr. António José da Costa Leme, que vai tratar, junto das autoridades daquele país, de assuntos relacionados com o registo da marca colectiva Vinho Verde, já internacionalmente aceite e registada como denominação de origem.

Os contactos serão estabelecidos com a Repartição Alemã do Registo de Marcas e o processo desenrola-se em consequência do Registo Internacional de Denominação de Origem e Marca Colectiva Vinho Verde, conseguido em Genebra em Fevereiro de 1973. O assunto tem especial relevância, na medida em que a República Federal é um dos principais importadores de Vinho Verde de entre os países da CEE e se considera um mercado potencial de destacada importância.

LISBOA JÁ TEM HORTALIÇA

A movimentação dos produtores de hortaliça da zona periférica de Lisboa que há dois dias tem paralisado o abastecimento de produtores hortícolas à população da cidade terminou hoje com a venda normal nos mercados abastecedores e retalhistas da capital.

A greve estava prevista apenas para terça e quarta-feira e foi cumprida pela grande maioria dos produtores de Vila Franca, Setubal, Sintra e Mafra.

Luzia Maria Martins na RTP

Uma das rubricas da nova programação da RTP que poderá vir a constituír — este o seu objectivo — uma tribuna de opinião pessoal, susceptível de despertar controvérsia, ep «Encontro», a apresentar hoje no I Programa às 13 horas e no II Programa às 20 e 40.

Luzia Maria Martins é a entrevistada.

A ECONOMIA CHAMA-SE...

Utilizado em pequenos percursos ou permanentemente, chega ao fim do dia quase tão fresco como quando partiu.

Um pequeno e económico carro de alta qualidade que reúne tudo o que um hábil e sensato condutor deseja: fácil condução, conforto, baixo custo de manutenção (em 600 km consumo aprox. de 30 litros gasolina super, custo total Esc. 330$00 — custo por cada um dos 4 passageiros — Esc. 82$50), características completas de segurança. Motor em liga de alumínio, arrefecido por ar — 4 tempos. 2 cilindros paralelos com árvore de cames à cabeça. 598 c.c. — 4 velocidades directas. Tracção às rodas da frente. Travões de disco com servo-freio e de tambor atrás. Potência 38 HP SAE/6000 r.p.m. Velocidade máxima 135 km/h. Capacidade do depósito — 26 litros. Consumo Médio — 5 lit./100 km.

Comprove por si as afirmações. Informe-se sobre as vantagens adicionais. Venha hoje mesmo visitar-nos. Honda N 600 confiança total.

HONDA — Um gigante na economia

SANTOMAR, SARL — Av. Casal Ribeiro, 46-C em Lisboa. Honda — Agentes em todo o País.

AVISO GREGO

ATENAS, 20 (R) — O jornal «Acropolis», pró-governamental, avisa hoje que as Forças Armadas gregas reagirão a qualquer tentativa da Turquia para violar os direitos de soberania da Grécia no Mar Egeu.

PEQUENOS PRODUTORES E RETALHISTAS

Uma guerra que é preciso aclarar

Dos 539 quilogramas de feijão verde que o produtor João Inácio fôra, na madrugada passada depositar no Mercado Abastecedor do Campo Grande, para vender durante a manhã de ontem, 287 kg foram declarados impróprios para consumo por terem sido regados com gasóleo. O incidente ocorreu entre as 20.30 de terça e as seis da manhã de ontem, altura em que o feijão estragado foi descoberto.

O acontecimento parece ser considerado pelas pessoas que trabalham no mercado como uma represália dos produtores de hortaliça que anteontem e ontem se recusaram a vender as suas mercadorias como forma de protesto pelo encerramento dos mercados ao domingo. Não aderindo a esta espécie de greve, João Inácio sujeitou-se, bem como outros produtores que também compareceram às vendas, a um tipo de justiça «feita pelas próprias mãos» com que são normalmente castigados os «fura-greves».

Mas a questão é aqui um pouco complicada demais para que tudo seja reduzido a um mero castigo aplicado a «amarelos» por trabalhadores em luta. A luta, aqui, embora não tenhamos conseguido ouvir nenhum dos produtores em greve, não é objecto duma análise que possamos fazer com facilidade.

Enquanto conversávamos com os funcionários da C.M.L. encarregados da limpeza do Mercado do Campo Grande, com os fiscais presentes, com alguns vendedores e produtores que, à volta do local do acidente, se concentravam observando as operações que peritos das Actividades Económicas orientavam para a selecção do feijão aproveitável para consumo, um dos produtores presentes pareceu, pela primeira vez desde que o conflito começou (domingo passado), pôr o dedo na ferida e dar aos acontecimentos a sua verdadeira origem.

— **Os produtores estão chateados porque ninguém os consultou quando foi desta decisão de fechar os mercados ao domingo. E tinham direito a ser consultados. O que aconteceu é que os produtores não são obrigados a vir ao mercado. Podem estar um ano sem cá pôr os pés. Mas os mandatários e os moços, por exemplo, são obrigados a vir cá, não podem dar mais duma falta por mês. Em consequência, foram os que têm de trabalhar obrigatoriamente quando o mercado está aberto que foram chamados a decidir quando é que queriam ter o dia de folga. E os produtores dos arredores, embora tivessem também esse direito, porque afinal são eles que vêm cá vender, não foram sequer chamados a pronunciar-se. Não foi por mal, mas é um facto. E isso deve tê-los revoltado. Isso é que deve estar na origem de todo este conflito que depois desencadeia acções e reacções que nem sempre estão correctas. Neste caso não estão.**

O conflito pode ter tido, efectivamente, a sua origem aí. Depois, da lei sair, os produtores de hortaliça, normalmente pequenos, viram continuar o seu regime de trabalho de sol a sol, sem feriados nem domingos, enquanto todos os outros ganhavam o domingo para descanso. Até aqui é compreensível. Mas durante a conversa, a nossa compreensão da insistência de fechar à segunda e abrir ao domingo foi sendo cada vez menor.

Se os produtores querem descansar ao domingo, diziam-nos no Mercado do Campo Grande, estando o mercado aberto ao domingo não podem descansar porque vêm para cá vender e só descansam da parte da tarde. E durante a própria segunda-feira, dia em que o mercado estaria fechado, eles teriam de trabalhar também para apanhar a venda de segunda-feira.

«Além disso, (acentuaram), sendo o Campo Grande o único mercado aberto em Lisboa e estando todos os retalhistas (comércio) fechados desde as 13 horas de sábado, vimos cá vender no domingo para quem? Se o retalhista tem sobras de sábado, vende-as no domingo, não vem cá buscar mais». E que sábado, só abertos ate às 13 horas, os retalhistas têm muito pouco tempo para vender a mercadoria. Além disso, estando fechados ao domingo os retalhistas não vêm ao mercado abastecer-se para fechar as mercadorias na loja até segunda-feira quando podem, na própria manhã de segunda-feira, ter abastecimento fresco.

«**Estando o mercado fechado ao domingo e aberto à segunda-feira, como agora estão todos menos o do Campo Grande, experimentalmente, os produtores podem, na sexta-feira, colher para dois dias e no sábado trazer a mercadoria para a vender de manhã deixando-a cá guardada para segunda-feira. Parece mais lógico. E assim poderão na mesma descansar ao domingo ou trabalhar nas suas hortas. Porque não se esqueça duma coisa: a maioria dos produtores de hortaliça, pequenos agricultores, são descendentes dos mouros: por mais que façam têm no sangue o trabalho e não conseguem deixar de trabalhar naquilo que é seu nem mesmo ao domingo.**

Houve também quem nos falasse dum grande produtor fomentador desta greve de pequenos, mas nada disso foi provado ou sequer comprovado por nós.

Por isso aqui fica o nosso pedido para o esclarecimento da população interessada: é preciso que os produtores-grevistas expliquem as suas razões para que a população os compreenda e a situação se resolva.

M.S.D.

ESTUDANTES-TRABALHADORES QUEREM OS EXAMES NOS LOCAIS DE ESTUDO

Estudantes-trabalhadores reunem-se, esta tarde, com o ministro da Educação e Cultura para assentarem no «modus faciendi» dos exames do ensino secundário, nos externatos que os abrangem. Para preparar este encontro realizou-se, ontem à noite, uma Reunião Geral de Alunos, na cantina do Instituto Superior Técnico, a que compareceram dois mil estudantes-trabalhadores e onde se votou, já depois da meia-noite, a proposta a apresentar hoje.

A Comissão que vai ser recebida no Ministério convocou, igualmente, uma concentração de estudantes a partir das 15 e 30 junto do edifício do M.E.C. para apoiar as reivindicações.

A este respeito um grupo de cinco estudantes-trabalhadores do ensino secundário, de Lisboa, estiveram na nossa Redacção manifestando o seu apoio à luta dos companheiros e reafirmando as posições da classe quanto aos testes de avaliação **que devem ser feitos nos externatos, onde temos estudado e onde existe material para as provas práticas.** Mais acentuaram que não pretendem cortes de matéria como acontece no ensino oficial, pois não fizeram «greves nem faltámos às aulas.»

No entanto, como alternativa para este não-corte na matéria e como consequência da natural efervescência da actual situação sugerem que os testes sejam variados e com perguntas de opção.

Continuação da pág. 8

A infecção

«organismo» infeccioso ou patogénico e esse facto deve-se a que, se em dado momento dos conhecimentos médicos, se podia dizer que a infecção era causada por «oragnismos vivos», parece agora evidente que muitas infecções, ou como tal consideradas, podem ser devido a «agentes» manifestamente «não vivos», no sentido clássico do termo.

Mas se o homem não pode furtar-se ao encontro com os agentes patogénicos que o rodeiam, tem pelo menos a possibilidade de preparar-se para a batalha da infecção provável: diminuindo o número dos agentes patogénicos que o cercam por higienização do meio ambiente no sentido mais lato — salubridade e urbanização — ou actuando sobre si próprio para que se encontre em situação de maior resistência às infecções — imunização preventiva.

É que neste caso, como em tantos outros, mais vale prevenir que remediar.

MILITARES NA DIRECÇÃO DA EMISSORA NACIONAL

No estúdio A do edifício da Rua do Quelhas, realizou-se ontem a reunião magna de trabalhadores da Emissora Nacional. No decorrer da sessão, foram anunciados os nomes dos novos directores: dos Serviços de Programas, major Delfim de Sousa Campos Moura; director dos Serviços Técnicos, major Luís Miguel da Costa Alcides de Oliveira; director dos Serviços Administrativos e Financeiros, major José Maria Moreira de Azevedo.

Constituiam a mesa da assembleia, o director do Serviço de Programas, major Campos Moura, Nuno Barreiros, Jorge Daniel, Rui Lopes e Mário João, este último do Emissor Regional do Norte.

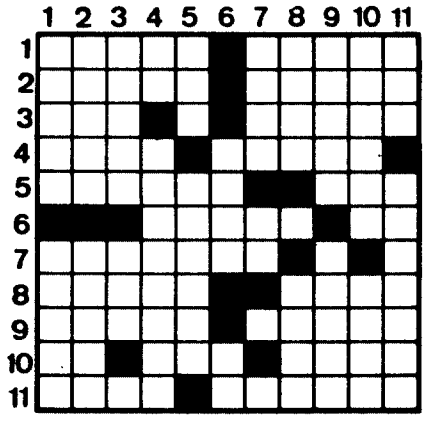
palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO

PROBLEMA N.º 10814

HORIZONTAIS:

1 Epístola. Antiga embarcação de um ou dois mastros.
2 Freguesia do concelho de Torres Novas. Limpar metais.
3 Nome de homem. Rede de arrastar.
4 Esteiros. Lago da Finlândia.
5 Vagueara. Arara.
6 Assassinas. Antes de Cristo.
7 Ocultaras.
8 Arvore rutácea dos sertões (Bras.). Aquele que.
9 Refere. Bando.
10 Senhor. Donzela de Orleães. Sulcar a terra.
11 Ilha do Pequeno Belt. Que tem calos.



VERTICAIS:

1 Desliza. Fatiga.
2 Abalar. Poisa no mar (o avião).
3 Fulgir. Pátria.
4 Pronome pessoal. Mulher pública (pop.).
5 Duna na Suécia. Desbastar.
6 O Diabo. Duzentos em romano.
7 Criança francesa célebre pelo seu heroísmo. Campeão.
8 Lavrai. Pronome relativo.
9 Quinhentas folhas. Asno.
10 Apanhara. Aves pernaltas.
11 Pedra de altar. Tombara.

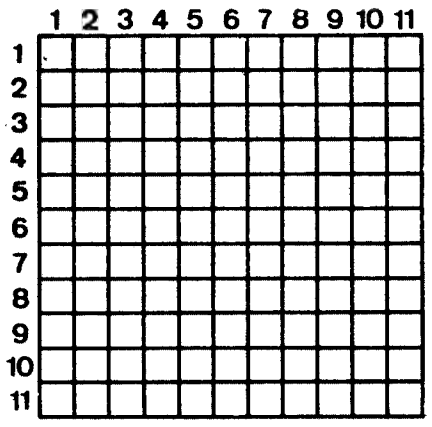
Resolveu completamente este problema?
Procure agora em segundo passatempo o PROVÉRBIO nele inscrito.

NOVA MODALIDADE

PROBLEMA N.º 6972

HORIZONTAIS:

1 Tramai (fig.). Brisa.
2 Amplia.
3 Língua antigamente falada ao sul do rio Loire. Vaidade (fig.). Apelido.
4 Relata. Cabelos brancos.
5 Senhora. Estimais.
6 Gorgulhos tropicais. Bato com o marrão.
7 Artigo definido. Basta.
8 Amargo.
9 Fava de um centímetro de diâmetro usada em quantidade diminuta como condimento. Sadias.
10 Mamífero da América do Sul, carnívoro, voraz, portador de glândulas que segregam uma substância com forte cheiro a almíscar. Termina.
11 Irritaremos (fig.).



VERTICAIS:

1 Manhosas. Conc. do distrito do Bie-Cuando-Cubango.
2 Por alto preço (fig.). Reis.
3 Seguia. Invulgar. Palavra gaélica que significa filho e precede um grande número de nomes irlandeses e escoceses.
4 Ouro (s.q.). Sufixo que designa abundância. Rádio (s.q.).
5 Soluçais. Dão mios.
6 Erbio (s.q.). Espécie de pandeiro usado pelos povos do Norte de Africa.
7 Tomam nota de. Sair frequentemente à rua.
8 Joeira. Charneca. Cerio (s.q.).
9 Batráquio. Rosto. Figura que simboliza o povo americano.
10 Ir para fora. Fim.
11 Apelido. Sadias.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 10813

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Malas. Acaba.	1 Mascar. PEJO.
2 Àcaro. Lavar	2 Açor. Evitas.
3 Sós. Ali. Abé.	3 Lãs. MII.
4 Cr. Ova. Aa.	4 Ar. Penar. Ro.
5 A. MENTIRA.	5 Soa. Nas. Nós.
6 Reina. Acolá	6 Lot. Ta.
7 Vias Rosa.	7 Aliviar. Ora.
8 Pi. Vá.	8 Ca. Arcos. Al.
9 Eta. NÃO. TEM.	9 Avá. Aos. Tui.
10 Já. Ro. Rau.	10 Baba. Lave.
11 Ossos. Aliam.	11 Areara. Amem.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 6971

HORIZONTAIS	VERTICAIS
1 Apaga. Abate.	1 Arpa. Carros.
2 Ratar. Calar.	2 Pai. Mas. Oca.
3 Piela. Atola.	3 Atenas. Alar.
4 Ne. Ié.	4 Galego. Cara.
5 Mago. Arrã.	5 Ara. Osso Ar.
6 Casos. Maomé.	6 Are.
7 As. São. As.	7 Aca. Amor. Ca.
8 Acorrem.	8 Batera. Emas.
9 Rola.. Mota	9 Aloiro. Mona.
10 Ocara. Canal.	10 Tal. Ama. Tar.
11 Sarar. Asara.	11 Eras. Estala

PROVÉRBIO: A MENTIRA NÃO TEM PEJO.

ADÃO, CAMISEIROS
ADÃO JUVENIL

Agradecem aos seus estimados Clientes a fineza de, dentro do possível, efectuarem as suas compras de fim de semana, às sextas-feiras, a fim de evitar as aglomerações dos sábados de manhã as quais não permitem que sejam dispensados os habituais cuidados e atenções.

ADÃO, CAMISEIROS
Rua Augusta, 240

ADÃO JUVENIL
Rua Augusta, 240-1.º

televisão

HOJE	AMANHÃ
1.º Programa 1.º Período	1.º Programa 1.º Período
12.45 Abertura e desenhos animados (Pica-Pau) 13.00 Encontro com Luzia Maria Martins 13.15 Eurovisão — Campeonato do Mundo de futebol — Resumo dos jogos: Holanda-Suécia, Bulgária-Uruguai e Haiti-Polónia. 13.45 Telejornal, 1.ª Edição 14.00 A rapariga que sabia demais 14.25 Logo à noite	12.45 Abertura e Desenhos animados «O Feiticeiro do Oz» 13.00 Sangue na estrada 13.15 Valerie e a aventura 14.00 Saber não faz mal 14.20 Logo à noite
2.º Período	2.º Período
14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 TV Educativa. Educação Musical-crianças 19.20 Mini-jornal 19.30 TV Infantil 19.45 Xadrez 20.00 Perspectiva 20.45 Desenhos animados 21.00 Telejornal, 2ª Edição 21.30 Cartaz TV 22.00 XII corrida de touros TV 00.30 Telejornal — 3.ª edição	14.40 Ciclo Preparatório TV 19.00 TV Educativa-Física Moderna 19.25 Mini-jornal 19.30 TV Infantil 20.00 TV palco 20.30 Inventário musical 21.00 Telejornal, 2.ª Edição 21.30 Disto e daquilo 22.30 Em foco 23.50 Telejornal — 3.ª edição 00.00 Fecho.
2.º Programa	2.º Programa
20.00 Abertura e desenhos animados 20.15 A rapariga que sabia demais 20.40 Encontro com Luzia Maria Martins 21.00 Os Clássicos do cinema 22.30 Telejornal 23.00 Fecho.	20.00 Abertura e Desenhos animados 20.15 Valerie e a aventura 20.40 Sangue na estrada 21.00 Foi êxito na TV «Lagardére» 22.00 Recital de piano 22.30 Telejornal 23.00 Fecho.

urgência

Emergência	115	Judiciária	53 5380
Bombeiros	32 2222	Intoxicações	76 1176
CVP	66 5342	Aeroporto	71 1397
H. de S. José	66 0131	C.R.G.E.	53 8841
H. de S. Maria	73 0231	C. Águas	36 1361
P.S.P	36 6141	Combóios	32 6222

tempo

Situação do tempo
09.00 H.

Em Portugal Continental o céu estava muito nublado em algumas regiões e o vento era fraco.

TEMPERATURAS DO AR

09.00 H.

PORTO	16º
P. DOURADAS	14º
COIMBRA	15º
PORTALEGRE	18º
LISBOA	17º
FARO	21º
FUNCHAL	20º

TEMPERATURAS EXTREMAS

ALVALADE	
Máxima	31,0º
BRAGA	
Mínima	9,4º

TEMPERATURAS NO ESTORIL

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR		BAIXA-MAR	
4.00	3,7 m	9.45	0,7 m
16.20	4,0 m	22.04	0,6 m

DIA 21

4.48	3,8 m	10.19	0,7 m
17.07	4,1 m	22.51	0,2 m

DIA 22

5.36	3,8 m	11.04	0,7 m
17.54	4,1 m	23.39	0,6 m

PREVISÃO GERAL ATÉ ÀS 24 H. DE AMANHÃ

Ceu geralmente pouco nublado temporariamente muito nublado nas regiões do interior, vento fraco possibilidades de neblina ou nevoeiro.

AMANHÃ
NASCER ÁS 6.12
OCASO ÁS 21.05

DIA 20 | DIA 26 | DIA 4 | DIA 12

rádio

EMISSORA 1.º Programa
16.00 Noticiário, Cantos de Luta
16.30 Onda Musical
18.00 Música Popular Portuguesa
19.00 Música Variada
20.00 Jornal da Noite
21.00 Momento 74
21.20 Música Portuguesa
22.00 O homem e a Natureza, pelo dr. Almeida Fernandes e Gil Montalverne
22.20 Ritmos de todo o mundo
23.05 De um dia para o outro
00.00 Sinal Horário.

PROGRAMA EM MF 1 De Lisboa
23.00 Rádio Universidade
00.00 Junção com o 1.º Programa.

2.º Programa
16.00 Quem quer ouvir? Programa elaborado por Margarida Brandão
18.00 Música Portuguesa
19.00 O canto e os seus intérpetres, d por Maria Helena de Freitas
20.00 Jornal da noite
20.30 Árias de óperas, pelo tenor Flaviano Labo
20.45 O chapéu de três bicos, suite, de Falla
21.00 Ópera sem palavras
21.45 Manhãs musicais
22.00 2.ª parte de um recital de piano por John Clegg: obras de Ireland, Debussy e Fauré
22.35 Sinfonia n.º8, em sol maior «Le soir», de Haydn
23.00 Sinfonia n.º4 em sol, de Mahler
00.00 Estereofónico.

PROGRAMA ESTEREOFÓNICO EM MF 2
2100 Música ligeira variada
22.00 Oratória, de Penderecki: Paixão e Morte de Nosso Senhor Jesus Cristo
23.25 O duo de violino e piano Vasco Barbosa-Grazi Barbosa: Obras de Lopes Graça
23.47 Música de câmara
00.00 A grande música negra, por José Duarte, José Nuno Miranda, Raúl Bernardo e Vasco Fernandes
01.00 Fecho.

RÁDIO CLUBE
Onda Média
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 Programa movimento
20.40 Programa movimento/Rádio-Teatro
21.03 Diálogo
21.08 Serão musical
21.32 Quando o telefone toca
22.05 Antiquário
22.30 Quando o telefone toca
23.06 Mensagens bíblicas
23.20 Grandes orquestras
23.30 No mundo aconteceu
02.00 A noite é nossa
06.00 Diário rural
07.00 Talismã

Modulação de frequência
16.00 Noticiário
16.04 Programa CDC
18.02 O nosso programa
19.04 Em órbitra-1
21.02 Boa noite em FM
22.02 Clube à Gó-Gó
23.00 Noticiário: Clube à Gó-Gó (continuação)
00.02 Em órbitra-2
01.02 Banda sonora Sonipol
02.00 Perspectiva
03.00 Fecho.

RÁDIO RENASCENÇA
16.00 Noticiário
16.05 Radiorama
18.00 Conjuntos de Espanha
18.23 Palavra do Dia/No final-Terço e benção da Basílica dos Mártires
19.00 (Jornal do serviço de noticiários e reportangens de Rádio Renascença)
19.30 Página 1
21.04 Meditando
21.08 Poente
21.30 Curso de Língua Alemã
21.45 Pentagrama
22.00 Quando o telefone toca
22.30 Esquema 13
23.05 23.ª Hora.

EMISSORES ASSOCIADOS DE LISBOA

Clube Radiofónico de Portugal
Das 06.00 às 10.00 e das 22.00 às 02.00

Rádio Voz de Lisboa
Das 10.00 às 12.00 e das 19.30 às 22.00

Rádio Peninsular
das 12.00 às 14.30

Rádio Graça
Das 14.30 às 19.30

farmácias de serviço

LISBOA

TURNO 1-1
(ATÉ ÀS 22 HORAS)

ALCANTARA
Dilema, R Aliança Operária, 49-A/B (T. 636620

ALFAMA
Pereira, R do Paraiso, 98-100, (T 863224)

ALMIRANTE REIS
Candido Monteiro, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 45751)

ALVALADE
Sanex, Av. da Igreja, 31-C (T. 717505)

AREEIRO
Algarve, Av. de Roma, 7-B (T 731478)

AVENIDAS NOVAS
Cruz Nunes, P. Duque de Saldanha, 14 (T 41845)

BAIXA
Valadas, R. de Madalena, 235 (T 872060)

BELÉM
Bom Sucesso, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454)

BENFICA
Ribeiro, E. da Cruz, 199-A (T. 780969)

CAMINHOS DE FERRO
Conceição, C D. Gastão, 30-32 (T. 361279)

CAMPO DE OURIQUE
Pinheiro, R Campo Ourique, 131-133 (T. 686640); **Urbano de Freitas,** R. Silva Carvalho, 1-B (T. 662838)

CONDE REDONDO
Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 42239)

LUMIAR
Central, R. do Lumiar, 77 (T. 790480)

MARQUÊS DE POMBAL
Ribeiro Castro, R. Braamcamp, 52-C (T. 43409)

OLIVAIS
Antunes Rosas, P. Cidade do Luso, lote 199, Olivais Sul (T. 313610)

PAMPULHA
Pinheiro, R. Presidente Arriaga, 16 (T. 691054)

PICHELEIRA
Luzmar, R. João Nascimento Costa, 16-A (T 728395/720703)

S. BENTO
Confiança, P. das Flores, 59 (T. 690401)

S. PAULO
Africana, R. Bernardino Costa, 45 (T. 369120)

TURNO 1-2
(TODA A NOITE)

ALCANTARA
Costa, R. dos Lusiadas, 30 (T. 636704)

ALTO DO PINA
Ibéria, R. Barão de Sábrosa, 235-A (a Alameda) (T 728277)

ALVALADE
Rio de Janeiro, Av Rio de Janeiro, 4-C (à Av. E U. da América) (T. 721409)

AMEIXOEIRA
S. Bartolomeu, Vila Paulo Jorge, 1 (às Galinheiras) (T 790969)

AVENIDA DA LIVERDADE
Brites Moita, P. da Alegria, 27-28 (T. 321149)

AVENIDAS NOVAS
Figueira, Av. Marquês de Tomar, 20 (T. 44995)

BAIRRO ALTO
Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534)

BAIRRO ENCARNAÇÃO
Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216)

BAIXA
Cortez, R. S. Nicolau, 93 (T. 325378-A)

BELÉM
Gomes, R. da Junqueira, 326 (T. 638193)

BENFICA
Santa Cruz, Av. Gomes Pereira, 34-A (T. 704828)

CAMPO OURIQUE
Elma, R. D. Maria Pia, 358-A (T. 686176); **Tagus,** Pt. da R. Posidónio Silva, 162-A (T. 669485)

CAMPOLIDE
Oliveira, R. de Campolide, 54-A (T. 684424)

ENTRECAMPOS
São Miguel, P. Francisco de Morais, 1 (T. 771469)

ESTRELA
Rodrigues e Aires, R. da Lapa, 52-54 (T. 662246)

GRAÇA
Branquinho, R. dos Sapadores, 97 (T. 842725)

INTENDENTE
Intendente, L. do Intendente Pina Manique, 50 (T. 47838)

LUMIAR
Matos Viegas, Av. Rainha D Amélia, 34-B (Quinta dos Mouros) (T. 794174)

RESTELO
Belém, R Tristão Vaz, 10-A (T 612248)

SETE RIOS
Curie, Av Madame Curie, 15-A (T 778439)

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Miraflores R. António Granjo, 2 (Telef. 21361)

CAXIAS
Nova R. Bernardim Ribeiro, 1-A (Telef. 242839)

PAÇO DE ARCOS
Godinho da Silva Av. Patrão Lopes, 4 (Telef. 2432039)

OEIRAS
Alcântara Guerreiro P. Residencial dr. Augusto de Castro, lote 10 (Telef. 2430691)

PAREDE
Grincho Av. da República, 87 (Telef. 2471204)

MURTAL
Primavera R das Parreiras, 2 (Telef. 2472278)

MONTE ESTORIL
Suiça Cruzeiro (Telef. 260087)

CASCAIS
Cordeiro Av. Comb. G. Guerra, 40 (Telef. 280170); **Nova** Est. de Alvide-Fontainhas (Telef. 281419)

LINHA DE SINTRA

AMADORA
Amadora P. 28 de Maio, n3-A (Telef. 935518); **Carmele** R. Elias Garcia, lote 28 (Telef. 933303); **Helénica** R. Elias Garcia, 2 (Telef. 933613); **S. Jorge** R. Pedro del Negro, 5-Reboleira (Telef. 938703)

DAMAIA
Lemos R. de Goa, 21-A (Telef. 971121)

QUELUZ
Zeller R. da República, 83 (Telef. 950045); **Correia** L. do Mercado, 3 (Telef. 950906)

CACÉM
Garcia Av. dos Missionários, 2 (Telef. 2942181)

MEM MARTINS
Química Est. Mem Martins 285 (Telef. 2910012)

S. PEDRO DE SINTRA
Valentim (Telef. 980456)

SINTRA
Marrazes L. Afonso de Albuquerque (Telef. 2930058)

COLARES
Abreja (Telef. 299088)

OUTRA BANDA

ALCOCHETE
Nunes L. Coronel Ramos da Costa, 10 (Telef. 234137)

ALHOS VEDROS
Gusmão R. Cândido dos Reis, 30 (Telef. 204020)

ALMADA
Central R. de Olivença, 11 (Telef. 270504)

BAIXA DA BANHEIRA
Aliança Est. Nacional, 178-A (Telef. 2040302)

BARREIRO
Soares Av. da República, 1 (Telef. 2073023)

COVA DA PIEDADE
Castro Rodrigues L. 5 de Outubro, 62 (Telef. 270121)

MOITA
Silva Rocha P. da República, 16 (Telef. 239029)

MONTIJO
Giraldes R. Almirante Reis, 45 (Telef 230008)

SESIMBRA
Leão Av Salazar, 13 (Telef. 229471)

SETÚBAL
Oliveira L. da Misericórdia (Telef. 22488)

SEIXAL
Soromenho R. Paiva Coelho, 38 (Telef. 2218560).

PORTO

2.º TURNO

SUB TURNO A

Batalha (da), Praça da Batalha, 26; **Campo (do),** Praça da República, 118; **Costa Cabral,** Rua Costa Cabral, 1832; **Fonte da Moura,** Rua de Tânger, 1463; **Invicta,** Rua do Bonfim, 330; **Mira Paulo,** Rua Castelo de Numão, 37.

SUB TURNO B

Barros, Rua do Bonjardim, 1292; **Fátima,** Rua Oliv. Monteiro, 475; **Garantia,** Rua Fernandes Tomás, 696; **Gomes,** Rua Matias de Albuq. 243; **Sá,** Rua Vale-Formoso, 181; **Sarabando,** Largo dos Lóios, 36.

COIMBRA

TURNO H

Montes Clares, R. Dr António J. de Almeida, 69 (T. 25904). **Viegas e Coelho,** R. da Sofia, 19-21 (Tel 22089)

cinemas • cinemas • cinemas

ROXI (T. 48560)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Inquérito sobre uma cidade nua!
ESCÂNDALO DE UM CRIME com Enrico Maria Salerno e Mariangela Melato

CASINO ESTORIL (T. 264521)
17.00 e 21.30
Grupo B (10 anos)
Eastmancolor
A GRANDE BRONCA com Les Charlots

CONDES (T. 322523/326710)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido Julie Christie, Danald Sutherland AQUELE INVERNO EM VENEZA o acto de amar... como jamais foi visto no écran «The Sim»

ESTÚDIO APOLO 70 (T. 763319)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
5.ª Semana!
Ryan O'Neil, Ttaum O'Neal LUA DE PAPEL um filme de Peter Bogdanovich
Oscar da Academia para a melhor actriz secundária
24.00
Grupo D (18 anos)
«Clássicos à Meia-Noite»
SOB O SIGNO DO CAPRICORNEO de Alfred Hitchcock

LONDRES (T. 801313)
21.45
Grupo C (14 anos)
Estreia
A VOZ DE PARIS - PIAF
14.15, 16.30 e 18.45
Grupo A (6 anos)
VENCEDORES E VENCIDOS

ROYAL (T. 865037)
15.00 e 21.00
Grupo D (18 anos)
VÊM AÍ OS CABELUDOS. Em complemento A PRINCESA

MUNDIAL (T. 538743)
15.15, 18.30 e 21.45.
3.ª Semana! Color
(Grupo D (18 anos)
BOB E CAROL E TED E ALICE, Elliot Gould e Natalie Wood

OXFORD (Cascais)
16.00 e 21.45
Grupo D (18 anos)
O MAL-AMADO
c/ Maria do Céu Guerra João Mata

EUROPA (T. 661016)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Jacqueline Bisset em SEGREDOS PROIBIDOS

ALVALADE (T. 717480)
14.30, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
Nino Manfredi em O FILTRO DO AMOR o mais picante filme do ano! (Metro: Alvalade)

CINEARTE (T. 660446)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos)
Liza Minelli em CCBARET

CINEMA CASTIL (T. 530194)
15.30, 18.30 e 21.45
13 anos Um filme de Federico Fellini AMARCORD

IMPÉRIO (T. 555134)
15.15, 18.30 e 21.45
7.ª Semana!
Color
Grupo D (18 anos)
Alain Delon e Sonia Petrova em OUTONO ESCALDANTE
Amanhã
18.30
Grupo D (18 anos)
«Os Bons Velhos Tempos»
Grupo B (10 anos)
CONTINENTAL CIRCUS com Jack Findley e Giacomo Agostini. Premiados em vários certames internacionais

VOX (T. 720808)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
4.ª Semana! Color
MALICIA Laura Antonelli e Alexandro Momo

BERNA (T. 776098)
15.15, 18.30 e 21.45
Grupo C (14 anos)
27.ª Semana O filme de Norman Jewison JESUS CRISTO SUPERSTAR

PATHÉ (T. 821933)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido Julie Christie, Donald Sutherland AQUELE INVERNO EM VENEZA O acto de amar... como jamais foi visto no ecran «The Sim» Metro Arroios

POLITEAMA (T. 326306)
15.15, 18.15 e 21.45
Grupo D (18 anos)
2.ª Semana! Colorido
O CHORAR DOS MORTOS com Vincent Price e Elisabeth Berjner
6.ª feira
00.30
Grupo D (18 anos)
Ciclo «Terros à Meia-Noite»
Colorido
SINAL DE DRACULA
Sábado
Colorido
O CONDE SINISTRO

ESTÚDIO 444 (T. 779095)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A FILHA DO MILIONARIO com Sheila White e Nelly Kaplan
Amanhã e Sábado
00.30
Grupo C (14 anos)
«Cinema Fora de Horas»
PARAÍSO AO SOL

ODEON (T. 326283)
15.15, 18.15 e 21.30
2.ª Semana! Color-Scope
A comédia mais «fresca» do ano! Alfredo Landa AS NOITES DO DELICADINHO

ESTÚDIO (T. 555134/5)
21.30
Grupo C (14 anos)
Jacqueline Bisset num filme de François Truffaut A NOITE AMERICANA
15.30 e 18.30
Grupo C (14 anos)
O COURAÇADO POTEMKIN

AVIZ (T. 47163)
15.30 e 21.30
Grupo D (18 anos) 2.ª Semana!
NICOLAU E ALEXANDRA um filme de Sam Spiegel realizado por Franklin Schaffner O filme começa a projectar-se 5 minutos depois do início da sessão

S. JORGE (T. 54154)
21.30
Grupo D (18 anos)
Estreia
A MANSÃO DOS MORTOS-VIVOS
Ultimas de O IMENSO ADEUS

EDEN (T. 320768)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Technicolor
SEMENTE DE LIBERDADE com Jack Alperson e Lesley Warren

RESTELO (T. 610375)
21.30
Grupo D (18 anos)
Cinemascope - Technicolor
CRUEL VINGADOR com Ma Yung Cheng, Chin Ling Tau e Li Tsai-Chum

SATÉLITE (T. 562632)
15.30, 18.30 e 21.45
Grupo D (18 anos)
A obra máxima de Charles Chaplin O GRANDE DITADOR

TIVOLI (T. 570595)
15.15, 18.45 e 21.45
Grupo D (18 anos)
Colorido
Nino Manfredi em O FILTRO DO AMOR o mais picante filme do ano!

MONUMENTAL (T. 555131)
15.15 e 21.30
Grupo D (18 anos)
DR. JIVAGO com Omar Sharif, Geraldine Chaplin e Julie Christie

ROMA (T. 727778)
15.30 e 21.45
13 anos
2.ª Semana! Color
PARAÍSO AO SOL com Ornella Muti e Alessio Orano

outros espectáculos

LISBOA/Teatros

MARIA VITÓRIA
20.45 e 23.00 (18 anos)
«Ver, Ouvir e ... Falar»

CAPITÓLIO
21.45 (18 anos)
«A Menina Alice e o Inspector»

VASCO SANTANA
21.45 (18 anos)
«O Mar»

COMUNA
21.45 (18 anos)
«Ceia 2»

LARGO MARTIN MONIZ
21.45 (10 anos)
«Circo de Moscovo»

LISBOA/Cinemas

PARIS
21.00 (18 anos)
«O Terros do Lobisomem»

OLÍMPIA
19.00 (10 anos)
«Os Revoltados do Caine»

JARDIM CINEMA
21.00 (14 anos)
«Antonio e Cleópatra»

ALHANDRA
Salvador Marques
21.15 (18 anos)
«Dracula Tem Sede de Sangue»

LUMIAR
21.45 (18 anos)
«O Desejo de Amar»

SACAVÉM
S. José
21.00 (18 anos)
«Os Noivos de Minha Mulher»

OUTRA BANDA

ALMADA
Incrivel
21.15 (18 anos)
«Não há fumo sem fogo»

LARANJEIRO
Instrução e Recreio
21.30 (10 anos)
«Um anjo dos diabos»

LINHA DE CASCAIS

ALGÉS
Stadium
21.30 (18 anos)
«Mosca em teia de aranha»

ESTORIL
Casino
17.00 e 21.30 (10 anos)
«A grande bronca»

ESTORIL
Esplanada
21.30 (14 anos)
«Só o colt era sagrado»

OEIRAS
Oeiras Cine
21.00 (18 anos)
«Drácula prisioneiro de Frankenstein»

CASCAIS
S. José
21.30 (18 anos)
«Casei-me por engano»

LINHA DE SINTRA

DAMAIA
D. João V
21.30 (14 anos)
«O grande mestre do crime»

SINTRA
Carlos Manuel
21.30 (18 anos)
«Para mim as mulheres nem fu nem fá»

PORTO/Cinemas

ESTÚDIO FOCO
21.30 (18 anos)
«Nupcioas vermelhas»

PASSOS MANUEL
21.30 (18 anos)
«Uma História Perversa»

S. JOÃO
21.30 (18 anos)
«Aquece Apartamento»

BATALHA
21.30 (18 anos)
«A Imagem do Medo»

TRINDADE
21.30 (18 anos)
«Um homem de sorte»

ÁGUIA DE OURO
21.30 (18 anos)
«Irmãos de Sangue»

ESTÚDIO
21.30 (18 anos)
«Ritual»

OLÍMPIA
21.30 (18 anos)
«Prazeres de Vampira»

VALE FORMOSO
21.30 (18 anos)
«Sob a Sombra da Outra»

COLISEU
21.30 (14 anos)
«Um Violino no Telhado»

RIVOLI
21.30 (18 anos)
«Chamariz de Saias»

PORTO/Teatros

SÁ DA BANDEIRA
21.45 (18 anos)
«Tudo a Nú»

COIMBRA

GIL VICENTE
21.30 (18 anos)
«O Justiceiro Sem Odios»

TIVOLI
21.30 (14 anos)
«Ringo, Cavaleiro Solitario»

AVENIDA
21.45 (18 anos)
«A Desilusão Faz Um Homem»

EXPOSIÇÕES

ACADEMIA DE SANTO AMARO — Pinturas de Maria Leonilde (das 20 às 22 h)

ARCADAS DO PARQUE — Trabalhos de Maria Paula Damião (das 10 às 22 h)

ARTE MODERNA — Obras de Virgílio Massingue (das 14 às 20 h)

BELAS ARTES — Gravuras sobre o tema «Desastres e Misérias da Guerra» (das 14 às 20 h).

COOPERATIVA DE ACTIVIDADES CULTURAIS (CASCAIS) — Desenhosecolagens de Fernando Grade (das 15 e 30 às 20 h).

DINASTIA — Pinturas de João Nascimento (das 10 às 13 e das 15 às 19 h).

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN — Pintura espanhola do século XIX

GALERIA 111 — Pintura de Jorge Martins (das 10 às 13 e das 15 às

GALERIA DA EMENDA — Trabalhos de Paul Huxley (das 11 às 13 e das 15 às 20 h).

GRAFIL — Trabalhos de Manuela Pinheiro (das 10 às 13 e das 15 às 20 h).

PALÁCIO FOZ — Pinturas de Mart Huguenin (das 15 às 20 h).

PALÁCIO VALENÇAS (SINTRA) — Pintura e desenho de Domingos Saraiva e Pedro Saraiva (das 14 às 20 h)

QUADRANTE — «Uma proposta estética — Módulo habitacional», estudo orientado por Carlos Lança.

QUADRUM — Trabalhos de Karel Appel (das 10 às 13 e das 15 às 19 h; aos sábados, das 15 às 19).

S. FRANCISCO — Exposição colectiva de pintura (das 10 às 13 e das 15 às 19 h)

S. MAMEDE — Pintura de Maria Fernanda (das 10 às 13 e das 15 às 20

BARS BOITES restaurantes típicos

DANCINGS

NINA — Dancing com atracções. Rua Paiva de Andrade, 7-13. T. 34858/365167.
Zorina, vedeta inglesa de «sexy»

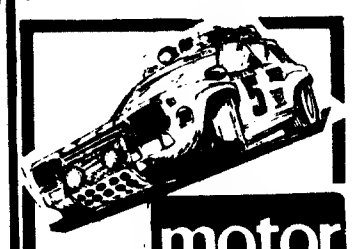
ESPADARTE CLUB — SESIMBRA. Discoteca e acidentalmente fado ou música de folclore interp. por clientes e dedicado aos turistas presentes. Encer. domingos. T. 229189.

CASINO ESTORIL — Jogo autorizado. Vanedades internacionais. T. 26461/264528/264586/264621/264946.

HIPOPÓTAMO — Com Mário Simões. Encerra aos domingos. Av. António Augusto de Aguiar, 5-A. T. 48384.

TAMILA — Marão e s/ conjunto «Matinées» todos os dias. Encerra aos domingos. Av. Fuque de Loulé, 69. T. 533117.

CACO — Dancing com música ambiente com sibular quarteto. Rua Camilo Castelo Branco, 23-A.



DL/ NACIONAL

DL

REMASCENÇA GRÁFICA, S.A.R.L.
ADMINISTRAÇÃO-GERAL
E PUBLICIDADE:
RUA CASTILHO, 185, 1.º, 2.º E 4.º
TELEF. 65453 1/2/3/4
REDACÇÃO E SERVIÇOS TÉCNICOS:
RUA LUZ SORIANO, 44
TELEF. 321154/5 320271/2/3
RUA DA ROSA, 57
END. TEL. DIBGA. TELEX 12363
LISBOA-PORTUGAL

APRENDIZAGEM E REALISMO

Não podemos simultâneamente falar de aprendizagem do uso da liberdade e condenar algumas perturbações resultantes dessa aprendizagem. Não podemos simultâneamente reconhecer que os trabalhadores portugueses são os mais mal pagos da Europa e condenar a sua ansiedade por uma imediata melhoria de situação. Não podemos simultaneamente verificar que meio século de fascismo despolitizou o País e exigir que este se mostre politicamente apto, de momento, a enfrentar todos os problemas.

Temos, sim, de encarar as questões com realismo e tudo fazer para apressar a aprendizagem de Portugal para o exercício adulto da democracia, a todos os níveis, da base ao topo, do simples camponês ao Presidente da República, passando pelas associações sindicais, pelas associações patronais e pelo Governo. Sem optimismos excessivos, estão à vista os caminhos de uma verdadeira democracia político-social. Saibamos nós prepará-la, organizá-la, impulsioná-la.

A aprendizagem implica sacrifícios, honestidade de métodos, reconhecimento das realidades, maleabilidade, clareza nos objectivos a atingir. Temos um ponto de partida positivo: o programa do Movimento das Forças Armadas. Exijamos de todos e de nós próprios o cumprimento das tarefas conscientes que se nos colocam nos dias que vivemos. Como povo!

M. de A.

EMPREGADOS DE CAFÉ EM VÉSPERAS DE GREVE

Profissionais da indústria hoteleira (e similares) do distrito de Lisboa concentraram-se ontem à tarde defronte do Ministério do Trabalho, na Praça de Londres, a fim de protestarem contra as diferenças de tratamento que actualmente afectam a classe. Com efeito, os empregados de hotéis gozam desde o dia 17 de um contrato especial que desconhece os restantes profissionais, numa atitude que eles, consideram ofensiva à sua dignidade e aos seus direitos. Não sabendo explicar as razões que levaram à realização separada de tal acordo, os trabalhadores visados, cerca de 40 mil em todo o país, exigem o mesmo estatuto, cujos pontos principais incidem na semana de 44 horas, no 13.º mês, no mês de férias (com subsídio igual) e no pagamento de 25 por cento do trabalho nocturno.

Goradas até ao momento as suas reivindicações, os empregados de cafés, pastelarias, bares, pensões, restaurantes e similares decidiram, em assembleia geral realizada no dia 18 no Coliseu dos Recreios, entrar em greve (recusa de serviço aos clientes a quem fornecerão apenas copos de água) a partir do dia 22 se as suas pretensões não forem atendidas até às 18 horas de amanhã. Entretanto a direcção do seu Sindicato avista-se esta tarde com os representantes dos grémios a fim de ser encontrada uma solução.

Apresentado o "UNIVAC 90/30"

A Univac fez a apresentação do seu novo computador, o «UNIVAC 90/30».

Iniciando uma nova geração, este é um «grande-pequeno» computador, concebido para crescer, acompanhando o desenvolvimento da empresa onde estiver instalado. Protege-se, assim, o investimento inicial do cliente, que não terá necessidade de substituir um equipamento valioso e sofisticado, sofrendo a consequente desvalorização. Também ainda neste aspecto puramente comercial, o «UNIVAC 90/30» apresenta a vantagem de os seus elementos poderem ser conectados a equipamento da concorrência já instalda.

A exposição de dados, características e vantagens de ordem técnica foi acompanhada com vivo interesse pelo grupo de convidados presente, a quem no final foi oferecido um «cocktail».

Cursos de Verão-74
cial
CENTRO DE LINGUAS
LISBOA T. 533733
COIMBRA T. 23173

Navio-tanque

Como estava programado efectuou-se em Gotemburgo, o acto de entrega à Sociedade Portuguesa de Navios Tanques, pelos estaleiros suecos da Eriksbergs, do novo navio-tanque «Marofa» que, com cerca de 135 mil toneladas de porte bruto e 280 metros de comprimento, é irmão gémeo do «Marão», e do «Montemuro», ambos também construídos na Suécia, e do «Ortins Bettencourt», adquirido no Japão.

NO ENCONTRO DOS AÇORES

Promessa de apoio económico

Por A PEREIRA DA SILVA e RUI PACHECO
nossos enviados especiais

Com chuva e vento na ilha Terceira, mas em clima humano de visível bom entendimento, os chefes de Estado de Portugal e dos Estados Unidos concluiram ontem as suas primeiras conversações ao fim de quase duas horas de diálogo privado, enquanto outros elementos de ambas as comitivas incluindo o ministro Sá Carneiro, conferenciavam à parte e igualmente dentro do mesmo clima frutuoso, segundo declarações do adjunto do prof. Palma Carlos.

O encontro entre António de Spínola e Richard Nixon prolongou-se mais do que o previsto, no Clube dos Oficiais Portugueses na Base das Lajes, mercê da boa vontade do presidente americano que, decidido a alterar o protocolo, no dia anterior teria declarado que as conversações durariam o tempo que fosse necessário.

No final, exactamente às treze horas locais de ontem, os dois estadistas dirigiram-se para uma das salas, fortemente controlados por agentes de segurança pessoal de Nixon, onde fizeram declarações, de improviso, às duas centenas de jornalistas presentes.

Oficialmente, nenhuma referência foi feita ao problema candente da Base americana na ilha Terceira, embora muitos observadores julguem impensável que a questão não tenha sido abordada. Outros, inclusivamente, ousaram relacionar o previsto apoio técnico e económico dos Estados Unidos a Portugal, debatido entre os dois estadistas, com uma hipotético novo acordo quanto à base militar estratégica onde o histórico encontro teve lugar. Certo é que o problema tem aspectos técnicos e políticos de enorme alcance a serem tratados pelos departamentos de relações exteriores.

Das declarações prestadas ontem ao princípio da tarde parece-nos evidente, também, o respeito do Executivo americano pelo estadista Anónio de Spínola, o que parece ter levado o Presidente da República Portuguesa a marcar pontos na luta de reconhecimento da linha de democratização do país contida no Programa do Movimento das Forças Armadas e, sobretudo, quanto acordo americano sobre uma linha determinada no processamento da autodeterminação das colónias baseada «no direito dos povos de decidirem livremente o seu destino».

INCIDENTE SIGNIFICATIVO

Para lá das complicações naturais que os jornalistas tiveram de superar — quando o puderam — motivadas pelas dificuldades nas comunicações com Lisboa e com o resto do mundo, dada a situação de greve também respeitada pelos trabalhadores dos CTT açorianos, o seu trabalho foi ontem ensombrado por um incidente na base das Lajes. Credenciados oficialmente para fazer a cobertura do acontecimento e transportados mesmo em autocarros postos à sua disposição pelas autoridades, dezenas de jornalistas portugueses e estrangeiros viram-se impedidos de chegar ao Clube de Oficiais por elementos das forças americanas, perto da hora do início do encontro entre Nixon e António de Spínola. Imutáveis e sem dar explicações, deixando numa situação ingrata os militares portugueses presentes, os americanos chegaram a colocar ostensivamente uma viatura atravessada, barrando o caminho do primeiro dos autocarros: Os ânimos exaltaram-se, e um grupo de trabalhadores portugueses da base manifestou igualmente o seu repúdio, ali mesmo, levantando uma das questões que mais os preocupa: o segregacionismo descarado de que são vítimas, na sua própria terra. Só passada meia hora o incidente foi sanado, e nada o justifica, nem sequer o sistema de segurança perfeitamente espectacular do chefe de Estado americano. Tratava-se de profissionais credenciados e identificados, impedidos sem explicações, por estrangeiros, de trabalharem no seu próprio País. E nem as desculpas posteriores de Ronald Zegler, chefe do gabinete de Imprensa da Casa Branca, pode fazer esquecer o caso.

Um habitante da Terceira dir-nos-ia horas mais tarde: **Aí tem um exemplo do que aqui se passa todos os dias.** Parece legítimo ouvir esta gente na sua justa vontade de decidir também o do seu próprio destino. O caso das Lajes é importante, muito importante para os açorianos em geral, para os terceirenses em particular. A grande manifestação ao general Spínola, na tarde de terça-feira, constitui um exemplo dessa vontade e a prova de que é no âmbito da liberdade prometida e concretizada, em muitos aspectos, pelo Movimento das Forças Armadas que eles pretendem ser portugueses na sua terra.

DECLARAÇÕES DOS PRESIDENTES

DECLARAÇÕES DOS PRESIDENTES

Em vez do habitual comunicado conjunto e substituindo uma esperada conferência de Imprensa, os chefes de Estado de Portugal e dos Estados Unidos fizeram, ao terminar o seu encontro de duas horas, as seguintes declarações.

GENERAL SPÍNOLA

«Posso afirmar que a reunião de trabalho que acaba de realizar-se entre o presidente dos Estados Unidos e o presidente de Portugal decorreu na maior cordialidade, tendo sido amplamente clarificadas as posições dos dois países na presente conjuntura.

«Constituiu factor fundamental do êxito das conversações a total identidade de pensamento na defesa intransigente da paz, no respeito pelos princípios democráticos e ainda dos princípios consagrados da autodeterminação dos povos, traduzidos na livre vontade dos povos quanto à escolha dos seus destinos.

Foram ainda trocadas largas impressões sobre a necessidade de coordenação e apoio técnico, económico e financeiro a Portugal em ordem a que o nosso país possa alinhar rapidamente pelos padrões económicos europeus».

RICHARD NIXON

«Senhor presidente, tal como V. Ex.ª afirmou, acabamos de manter uma muito construtiva troca de impressões a respeito dos problemas mútuos dos nossos dois países. Ao chegar a terra portuguesa sinto que tenho a oportunidade não só de visitar um novo amigo assim como de renovar uma velha amizade, a amizade que tradicionalmente tem unido os nossos dois países.

«Tanto o senhor presidente como Portugal — prosseguiu — estão enfrentando um grande desafio nesta altura. Eu acho que a melhor maneira de encarar esse desafio será usando um símbolo: está hoje soprando um forte vento por estas ilhas. Na verdade, os ventos da mudança política nunca sopraram com tanta força neste mundo em que vivemos. O que todos devemos compreender é que a mudança, por si própria, não é uma coisa necessariamente boa. A mudança que varre aquilo que era obsoletò, o que era errado no passado, essa é que consideramos benéfica. No entanto, novas instituições terão de ser criadas e isso constitui um problema mais difícil. Não se trata simplesmente de varrer o antigo, mas de construir algo de novo para o substituir.

«O presidente Spínola é um dos poucos estadistas que reconhecem este problema, este desafio.

Asseguro ao senhor presidente que poderá contar não só com a nossa compreensão, mas também com o nosso apoio, na medida em que este for possível, para que possa enfrentar esse desafio.

Acontece que um Portugal independente, livre e próspero é de importância vital, não só para a NATO, mas também para os Estados Unidos e para o bem do povo português.

Posso assegurar a todos os portugueses que os Estados Unidos continuarão a ser um bom amigo e um aliado digno da confiança de Portugal e que encaro o futuro com grande expectativa na oportunidade de trabalhar com o vosso presidente na busca dos grandes objectivos que ele traçou para a sua nação. Finalmente, desejo manifestar em nome de toda a minha comitiva o nosso grande e profundo apreço pela generosa hospitalidade que nos foi aqui proporcionada por V. Ex.ª e por todos os membros do seu Governo, durante a escala que acabamos de fazer nestas ilhas ao regressarmos de uma longa e árdua viagem pelo Médio Oriente. Muito obrigado».

NOTAS VÁRIAS

PORTO, 20 — A fim de presidir a um comício que se efectua no Palácio de Cristal, no sábado, às 21 e 30, desloca-se a esta cidade o dr. Alvaro Cunhal, secretário-geral do Partido Comunista Português.

Aquele membro do Governo Provisório terá uma recepção na Praça do Município, pelas 18 e 30, para a qual são convidados trabalhadores manuais e intelectuais e delegações de várias localidades do Norte.

No comício que tem por tema «Da resistência ao fascismo para a liberdade e a democracia», participarão outros dirigentes e militantes das organizações do Norte do P.C..

NOVAS SEDES DO P.S.

O Partido Socialista abriu uma sede em Vila do Conde, na Rua 5 de Outubro, onde todas as pessoas poderão elucidar-se e integrar-se nas diversas comissões de trabalho.

Entrou também em pleno funcionamento a sede de Setúbal, na Avenida da Portela, n.º 39-r/c, aberta das 15 às 24 horas de todos os dias.

PROTESTO DE CINECLUBE

O Cineclube do Porto, num telegrama enviado ao ministro da Comunicação Social, protesta contra a interdição dum filme de Bernardo Bertolucci, por parte da Comissão de Classificação Etária. Passamos a transcrever o texto do telegrama:

«Direcção Cineclube do Porto apoiada sócios eventualmente reunidos assembleia geral tendo tomado conhecimento através jornal Expresso arbitrária interdição pela Comissão de Classificação Etária um filme de Bertolucci stop que abre perigoso precedente protesta contra tal arbitrariedade contrária programa do Movimento Forças Armadas do qual um dos primeiros pontos é total abolição censura.»

REUNIÕES

Realizam-se hoje as seguintes reuniões:

Trabalhadores do Ministério da Coordenação Interterritorial, no parque de estacionamento privativo do Ministério, às 16; às 21 e 30: **Proprietários da Brandoa**, na Avenida D. Carlos I, 61; **Delegados sindicais dos Motoristas de Transportes Colectivos de Passageiros**, na Avenida Visconde de Valmor, 34; **Diplomados em Universidades Estrangeiras**, no Instituto Superior de Economia; **Médicos especialistas sem internato**, na sede do Sindicato Médico; **Moradores da freguesia do Lumiar**, no Centro Republicano José Estêvão; **Comissão Pro-Bairro de Campolide**, na sede do Campolide Atlético Clube; **Professores e educadores de crianças deficientes da zona de Lisboa**, no Instituto António Feliciano de Castilho; **Macaense residentes em Lisboa**, na Praça Príncipe Real, 25, 1.º.

No PORTO: **Professores estagiários da Zona Norte**, na sede do Sindicato, às 15.

SUPLEMENTO LITERÁRIO

O PROCESSO DOS TÁVORAS A EXPULSÃO DOS JESUÍTAS

Talvez pareça estranho a algumas pessoas que eu faça hoje uma breve reflexão sobre este livro. Ele consta, fundamentalmente, da reprodução dos autos do famigerado processo (que em Portugal constituiu, com a expulsão dos jesuítas, a instituição de numerosos monopólios de alta indústria e outros factos de natureza mais ou menos análoga, a face nascente do capitalismo moderno) e ainda de vários textos complementares, analíticos e interpretativos. Essa estranheza, se se verificar, terá certamente uma origem. Na verdade, a par de Manuel João Gomes, Amadeu Lopes Sabino e de um grupo de trabalho colectivo (João Duarte da Cruz, Ana Martins e António Barros Lima), um dos comentaristas que aparece nas páginas terminais deste volume sou precisamente eu.

FERNANDO LUSO SOARES

Atirada para trás das costas a maledicência daqueles que porventura pensem que me poderá mover um desejo de autopublicidade, responderia que me preocupa antes e somente o exercício da crítica (autocrítica, sem dúvida) mesmo até no domínio onde já tenha metido a minha foice.

Do processo em si mesmo (como autos criminais) não haverá muito que dizer. Eles não seguiram, na sua estrutura geral, um caminho diferente dos seus congéneres da época. Quanto às suas particularidades de ordem política, quanto a isso, sim, já me parece bem útil dar-lhes o relevo necessário para que o leitor veja bem a que ponto o desviacionismo da justiça pode chegar por força de desígnios ditatoriais ou despóticos. A tirania com que o poder executivo desnatura, no processo dos Távoras, o funcionamento da justiça, repetiu-se ao nível das últimas e das actuais gerações. A ingerência de um executivo tirânico na justiça é pormenor que tem hoje tanto mais interesse quanto é certo termos, vivíssimo na carne o espectáculo (a farsa) desse triste (ao mesmo tempo trágico e cómico) Tribunal Plenário que fazia, até há poucos dias, a figura que, no processo dos Távoras, já tinham feito os juízes daqueles autos totalmente dominados pelo Marquês.

Façamos um simples apontamento elucidativo.

Leonor de Távora foi condenada e decapitada sem ter sido ouvida, facto naturalmente ofensivo do mais elementar e tradicional princípio do processo-crime. Por seu turno, os juízes foram proibidos de fazer constar na instrução as causas reais do atentado, coisa que constitui outra inquinação gravíssima, completamente cerceante dos direitos de defesa dos réus. Do mesmo passo, a sentença baseou-se num arrepiante postulado antijurídico de ser o réu quem tem de demonstrar a sua inocência, pois — isto é textual — «aquele que tem interesse no delito foi o que cometeu tal delito enquanto não justifica evidentemente que foi outro o seu autor». Eis uma clamorosa presunção que igualmente na sentença é reputada «verdade omnímoda, que desobriga de qualquer outra prova», e que fez, sem dúvida, boa escola nos já aludidos Plenários criminais do Estado fascista. E, para cúmulo de tudo isto, no processo dos Távoras toda a intervenção dos magistrados constituiu uma farsa por mercê de um decreto de 9 de Janeiro de 1758 (três dias antes da sentença, e portanto acto executivo para sua orientação obrigatória) nos termos do qual o rei D. José (quer dizer, o Marquês de Pombal) «confirme e autentica os factos que se acham expressos nos autos de corpo de delito como certos e verdadeiros», devendo assim esses mesmos factos, e por tal razão, ser «julgados indubitáveis».

Do ponto de vista das contradições sociais, a tese expendida no pequeno trabalho, com que colaborei neste volume, desenha-se em dois termos fundamentais. Em primeiro lugar, a hipertrofia das potencialidades económicas pelo curso afluente de altas riquezas à metrópole, o aumento do poder da nobreza e de certas ordens religiosas (designadamente dos jesuítas) tinham atirado o país para uma grave crise: — tornara-se impatricável a forma paternalista do governo segundo os parâmetros que tinham sido seguidos no anterior século XVII, próprios do ultra-absolutismo do rei D. João V. E por outro lado, em face desta situação, o Marquês de Pombal, déspota esclarecido, tem na sua presença uma nobreza ciosa de riquezas e luxos, a qual corre o risco de se afundar nos termos dessa óptica dissolvente. Desta maneira — eis o que sustento em «Contexto Político e Económico do Processo dos Távoras» — o despotismo esclarecido constituirá uma política aristocrática (e para-aristocrática, repare-se) que é levada à necessidade de colocar, em termos enérgicos e seguros, a questão da eficácia política e moral de uma classe que se define pelo nascimento, que por isso mesmo se quer superior às outras, mas que está em sérios riscos de perder a sua justificação do domínio.

Continuando a seguir as palavras com que naquele texto exponho o meu ponto de vista analítico, direi que a monarquia absoluta, para lograr a sua sobrevivência, e só por isso, viu-se na necessidade (viu-se o Marquês nessa necessidade) categórica de defrontar as incoerências mais evidentes do seu próprio regime económico-social. Eis porque a lei provém, pela «boa razão», da justa necessidade de desempenhar uma função salvadora do próprio regime aristocrático. Eis igualmente o motivo pelo qual as reformas empreendidas pelo governo têm e devem, na teoria do Marquês, de ser aplicadas despoticamente, sem discussão possível, pelo executivo total de um soberano totalmente absoluto.

A meu ver os Távoras, expressão de uma aristocracia, incapaz de descortinar o seu precipício, não entenderam a política «aristocrática» de Sebastião José. Os Távoras foram vítimas da sua incompreensão quanto às vantagens que, para a sua classe, decorriam do despotismo esclarecido do Marquês de Pombal.

A mesma actualidade desta figura tirânica é salientada ou sublinhada pelos outros textos complementares deste livro. Em «Pombal, os Távoras e Outras Coisas», de Amadeu Lopes Sabino, o ensaísta começa por escrever assim: — «Com a condenação de aristocratas à tortura e o esquecido genocídio da Trafaria, com a reforma da Inquisição e a introdução da indústria em Portugal, com o muito que a História (oficial) reza e o muitíssimo que a dita História não reza, o consulado do Marquês de Pombal condensa, no curto prazo de um quarto de século, as contradições próprias do absolutismo português e da formação social burguesa posterior à Restauração. Disso mesmo decorre a actualidade da figura do Marquês e o seu «fascínio».

Todavia a interpretação, a análise melhor dizendo, de Amadeu Lopes Sabino diferencia-se ou distancia-se polarmente da minha. Segundo ela, **o processo dos Távoras, ainda** mais do que a simples liquidação de uma oposição aristocrática, constituiu «o principal acto da liquidação da grande nobreza por Pombal». Contradições externas, de classe a classe, portanto. A aristocracia por um lado, a nobreza por outro. De certo modo, isto é o que Manuel João Gomes afirma na nota preambular deste volume: — que, com o processo dos Távoras e outros factos contemporâneos ou conexos, «nasce definitivamente em Portugal a certeza de uma «nova política»: um pré-capitalismo em que o poder económico (e portanto os outros) passa para a mão dos burgueses; os nobres passam a ser um ornamento da nação...

A meu ver, porém, a circunstância mais característica do ponto de vista económico que o processo dos Távoras encerra é o *jogo das contradições internas à própria classe aristocrática*, de que naturalmente a burguesia se veio a aproveitar. Preciso é não esquecer que Sebastião José atacara essa mesma burguesia, extinguindo a Mesa do Bem Comum dos Mercadores. Que perseguira o pequeno comerciante e o comércio livre, com vista a um proteccionismo económico. Indubitável é que Pombal enveredou por uma política de monopólios, e nas grandes companhias comerciais (Companhia da Ásia, Companhia do Pará e Maranhão, Companhia de Pesca da Baleia, Companhia da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro) ele assentou todo um processo de defesa do grande mercador. E fez mais, o que é decisivamente característico: — *tentou associar-lhe essa nobreza* aristocraticamente suicida, incapaz de compreender as relações de produção e as forças produtivas que a defrontavam.

No termo do trabalho colectivo de João Duarte da Cruz, Ana Martins e António Barros Lima, definindo o processo dos Távoras como um fenómeno de luta, afirmaram os seus autores: — «Não havia em todo aquele solene encerramento de um duelo de personalidades o mínimo embrião de uma justiça popular; aí, a violência é reaccionária como todo e qualquer terrorismo». Pois, se transcrevo esta frase, é para concordar e para discordar dela. Se não estou em erro, se não é equivocada a análise interpretativa a que procedi no meu texto, o Marquês de Pombal *nada teve de democrático*, e só por ingenuidade de um certo republicanismo tem em Lisboa a estátua da Rotunda. A sua violência foi a de um aristocrata, contra aristocratas, mas para procurar salvar a aristocracia (não para instaurar um pregressismo de qualquer modo revolucionário). E quanto ao se aludir a um «embrião de uma justiça popular», parece-me que isso constitui um pecado de abstracção, um desfasamento da própria interpretação relativamente ao objecto histórico interpretado.

Decerto que foram circunstâncias destas que levaram José Martins Garcia, em crítica recente (publicada na «Vida Mundial», de 14 de Junho corrente), a afirmar que no volume «O Processo dos Távoras — a expulsão dos jesuítas», mais concretamente nos ensaios que o complementam, se pressentem duas posições. Diz José Martins Garcia conforme passo a transcrever: — «Pressentem-se, nesses ensaios, duas posições irredutíveis: uma, que se encaminha para a disposição (sincrónica) das diversas linhas de força de uma época e de um país à luz dessa época (ensaios de Fernando Luso Soares e de Manuel João Gomes); a outra, que parece dispensar a «análise concreta da situação concreta», renunciando, não se sabe por que motivos, à dimensão histórica possível em relação à época pombalina. Paradoxalmente, é um suposto ensinamento de Mao Tsé Tung que esteia a interpretação a-histórica. Como se a problemática do século XVIII devesse ser lida à luz de fenómenos distanciados de quase dois séculos».

Folhetim-artístico de José-Augusto França

3.º folhetim a propósito

DA VIDA ARTÍSTICA QUE DEVEMOS TER

Na modificação de estruturas socioculturais do País, que será obra da II República, a instituir, a atenção à «vida artística nacional» terá de ser profunda e urgente. Domínio muito secundário do «Estado Novo» («casaca para gente que não tinha camisa», declarou-o Salazar, em 1933), já «um astro maligno» o perseguia desde o século XVIII, e antes até, nas denúncias de Francisco de Holanda — e assim foi por aí fora, sem alteração na consciência de governantes e governados, por ignorância ou insensibilidade

Uma e outra coisa, ou uma e outra falta, explicam, quanto ao passado, a destruição das nossas vilas e cidades — a começar por Lisboa. Os núcleos urbanos e os núcleos rústicos, as ruas e as paisagens são vítimas de demolições e de construções que as alteram e prejudicam, perante a indiferença ou a impotência dos municípios. O que nas vésperas da queda do Estado Novo se estava a passar com a igreja de S. Julião era extremamente significativo deste estado das coisas: a prepotência do Duarte Pacheco, a anuência da Junta Nacional de Educação, e a impotência da Câmara Municipal iam provocar um crime irreparável (esperemos que agora se impossibilite a sua consumação). Serão escusados outros exemplos, que se multiplicam pelo País fora — e escuso também de lembrar que censores imbecis me cortavam várias passagens de folhetins em que abordava o problema. O tipo monumentalista da arquitectura de prestígio do Estado Novo, com seu tradicionalismo pilha, afascistado, deu, por exemplo, a Universidade de Coimbra, com fatal destruição da imagem autêntica da cidade.

Ora impõe-se a criação de uma instrumentação legal e de um organismo de fiscalização que se responsabilize por todas as modificações ecológicas e urbanas, cobrindo o País com uma rede de delegações agindo junto dos municípios que se têm manifestado geralmente incapazes de actuar ou de entender a direcção em que o deveriam fazer.

À preservação do passado corresponde o estudo desse mesmo passado — a pesquisa histórica, a cultura histórica no domínio das artes visuais. Chegámos aí a um «grau zero de incultura». Basta olhar para a bibliografia da especialidade anualmente saída para vermos o vergonhoso estado da nossa investigação. Raros os títulos, raros os autores que revelam uma consciência cultural actual e actualizante; raríssimos estes, que tenham possibilidade de a adquirir. Porque não o poderiam fazer no quadro do nosso ensino, limitadíssimo de função e programas que mesmo a competência da maioria dos professores não teria a possibilidade de alargar às necessidades de uma acção docente e incentivadora.

Ora é este ensino que importa reestruturar, criando um Instituto de História da Arte e licenciaturas (e doutoramentos — os primeiros que se realizarão em Portugal) nesta disciplina, de modo a haver um enquadramento cultural capaz de satisfazer tarefas de investigação, de reflexão crítica, de museologia e de docência a vários níveis. (A vários níveis, porque a História da Arte tem de começar a ser ensinada nos cursos secundários, de maneira moderna e actuante). A Universidade (ou uma Universidade Nova, livre de peias, compromissos e cumplicidades com o passado recente) e uma Academia Nacional de Belas-Artes, à qual se atribuam tarefas concretas e urgentes, poderão corresponder às necessidades que se definem aqui. E que seja possível também criar um Comité Nacional de História da Arte, integrado no Comité Internacional (CIHA) para uma acção comum. Há dois anos que tento criá-lo, por encargo do CIHA, e não consegui suscitar qualquer interesse do Ministério da Educação certamente receoso (oh «orgulhosamente sós», crime cultural máximo do regime!) de relações internacionais que pudessem trazer crítica à nossa suave inexistência.

...Mas o presente também — e com ele a reforma do ensino das ainda chamadas Belas-Artes que, enquanto assim se chamarem, não poderão ter entendimento moderno... Um quadro interdisciplinar, vasto e imaginoso, deverá ser estruturado, para corresponder ao que hoje se exija de tal ensino. Já aqui deixei, em tempos, uma série de artigos sobre a reforma que parecia estar em estudo e se sumiu porque as artes eram coisas secundárias para o espírito do ensino do Estado Novo — «casacas para descamisados». Deixarão de sê-lo agora? A contestação dos jovens escolares de Lisboa e Porto, que a Pide abafava, pode agora fazer-se ouvir, e impor uma atenção urgente para o seu caso, num ministério renovado.

A par dessa reforma do ensino (ou do que possa ser o ensino) há também que criar «uma nova definição de museu», que deixe de ser o templo das musas de antigamente, para se tornar um local de cultura aberto, dirigido a nova gente, e gerido por gente nova. À conservação dos valores guardados deve juntar-se a prospecção de novos valores, e a sua criação — numa animação permanente. E interdisciplinar.

O museu-casa da cultura (em que tanto tenho insistido nestes folhetins) é um fenómeno do nosso tempo — ou do tempo em que Portugal entrou, depois de uma atemporalidade política e cultural, e museológica também... É preciso aprender a fazê-lo, e a merecê-lo, de um lado e do outro, de organizadores e de utentes — que em novas estruturas culturais «tendem a confundir-se» em operações estéticas comuns e múltiplas.

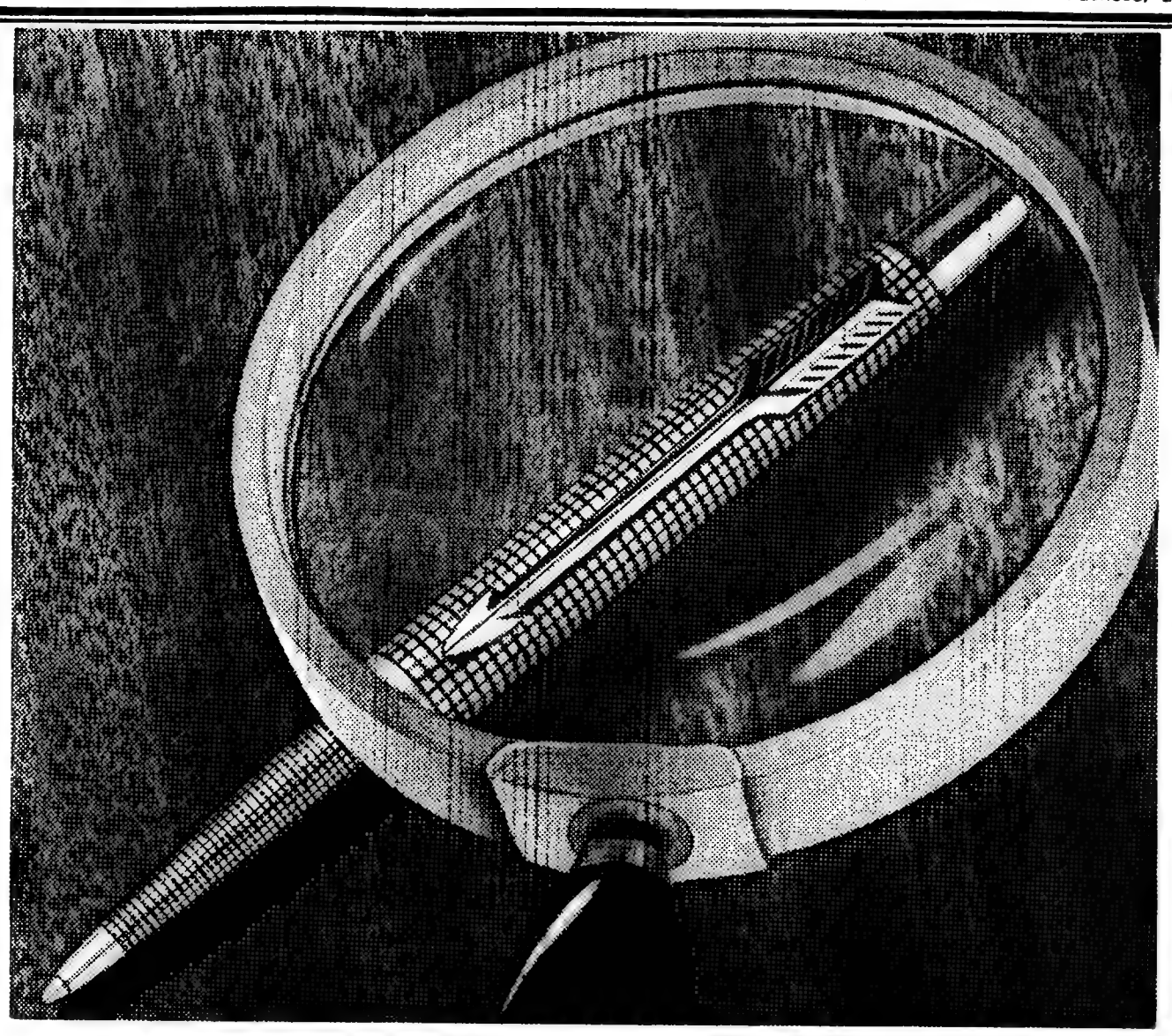
Desses museus e dessas casas de cultura, organismos vivos, é que deverão sair as representações portuguesas em exposições internacionais.

...Mas parece evidente que estas funções exigidas por uma nova situação sociocultural que importa definir melhor serão assumidas por um novo «Ministério da Cultura», que tomará a seu cargo aquilo que o ministério da Educação maltratava ou não entendia, dentro dos limites da mentalidade política vigente. É claro que só agora se pode ter um ministério da Cultura — pois «não há cultura possível onde não haja liberdade de a fazer e exprimir». (O Grande Prémio Nacional da Cultura que a S.E.I.T. pretendia instituir, na agonia do regime, louvável que fosse pelas boas intenções do titular da pasta, era um parodoxo — ou um aborto pois não poderiam fazer parte do juri, e não aceitariam o prémio, intelectuais decentes, isto é, livres).

Tal ministro (ou, provisoriamente um secretário de Estado) encontrar-se-á perante múltiplos e delicados problemas — mas também com o caminho desbravado com a abolição das censuras às letras, às artes, ao teatro, ao cinema, à rádio, à televisão e, consequentemente, com a possibilidade de pôr nova gente em lugares anteriormente ocupados ao gosto da PIDE ou com o seu beneplácito.

A força sindical que os artistas e os escritores podem e devem criar através de novas associações profissionais ou da adaptação das existentes, e dos sindicatos já regenerados, dos arquitectos e da gente do teatro, do cinema e da música, constituirá um apoio à seriedade da obra do Ministério da Cultura — e um controle dessa mesma seriedade.

...E sobretudo entenda-se que a definição de uma nova situação sociocultural do País «passa por uma reestruturação da vida artística»; e que esta não é dependente daquela, mas seu elemento integrante, operatório e simbólico, ao mesmo tempo.



Calvet de Magalhães

ADOLFO CASAIS MONTEIRO

Se antes de 25 de Abril me amargurava a extraordinária inconsciência perante a obra de Adolfo Casais Monteiro, também depois da «revolução dos sem sono» não vi ainda saliência significativa para quem lutou para restituir ao patriotismo o verdadeiro significado, «morreste em dignidade, sem queixas nem saudade» (Jorge Sena)

Na semana em que faleceu Adolfo Casais Monteiro a Câmara Municipal de Lisboa colocou o nome de três jornalistas e um de toureiro em ruas de Lisboa. Entretanto a Câmara Municipal do Porto propunha o nome de António Pedro, o que é muito justo, para uma rua da capital do Norte mas esquece-se que na Rua do Pombal, no Porto, nasceu Casais Monteiro. Sei também que à CMP foi entregue um pedido solicitando uma meditação para colocar o nome da Casais num arruamento.

A unica homenagem, em verdadeiros termos de consciência nacional, que se viu fazer a Casais Monteiro foi a instituição do Premio, com o seu nome, através da Associação Portuguesa de Escritores. Não se julgue que esqueço a página literária da «Republica», de «A Capital», a colectânea dos seus admiradores ou do admirável «À memória de A. C. M.», de Jorge Sena, das reflectidas palavras de Agostinho da Silva ou de Eduardo Lourenço, etc... Simplesmente não vejo que se tenha consciência colectiva evidente, fora de certos meios intelectuais, da grandeza de princípios, da verticalidade, do lutador firme e esclarecido, exemplarmente independente na sua limpidez crítica. De quem, como Bergson, defendia que não e de nacionalismos que temos necessidade; tão-pouco de patriotismo fechado, mas exactamente de um patriotismo aberto, actualizado, universal, restituído ao seu verdadeiro significado.

Grande educador, dos maiores educadores portugueses, Casais Monteiro ensinou-nos a aprender literatura, e como educador exerceu a mais difícil das pedagogias «a de se educar a si próprio, nunca faltando ao comportamento daquilo que julgava ser o seu dever mais alto, quaisquer que fossem as dificuldades que daí pudessem surgir» (Agostinho da Silva). O que alicerçou no Brasil quanto à verdadeira cultura portuguesa é qualquer coisa de extraordinário, de puro, de humilde isenção.

Comecei a trabalhar com Casais Monteiro quando a administração do «Mundo Literário», (o primeiro número saiu a 11 de Maio de 1946; Director Jaime Cortesão Casimiro, editor Luís de Sousa Rebelo, corpo directivo Adolfo Casais Monteiro, Emil Intersen e Jaime Cortesão Casimiro) me foi entregue e a meus irmãos Nuno e Eduardo, por possuirmos uma pequena tipografia (AGIP), na Rua da Misericórdia 81-4. Dt., em andar alugado a Manuel Correia (da Editorial Cor). Logo que saiu .«o primeiro numero» (n. 27, de 9 de Fevereiro de 1946) apareceu a Policia de Informação, inventada por Daniel Rodrigues (depois PIDE, depois DGS) a exigir a identificação de todos nós, administradores, operários, empregados, etc. O alvo era o Casais Monteiro, pois era ele que dirigia o «Mundo Literario», e só não aparecia no cabeçalho como director pelo facto de a comissão de Censura não o aceitar. Fomos avisados pela Polícia de Informação, quando estávamos todos reunidos (excepto os elementos do «Mundo Literário»), que tivéssemos cuidado, somente imprimíssemos a revista não editássemos nada entregue pelo CM sem estar censurado e que a P.I. passaria desde aquele momento, a ter conhecimento de tudo quanto fizéssemos. Alguns aprendizes tiveram medo, mas não se despediram. Quando o C. Monteiro soube do caso somente disse que eram «uns chatos, mas que não haveria aborrecimentos pois sabia muito bem que era aquela gente.

Casais Monteiro usava uma gabardina, feita de tecido dos pára-quedas que causava a inveja a todos; sem óculos não via nada porque o seu estrabismo complicara-lhe o ângulo de visão. Quando à porta da Rua da Misericórdia, n. 81, foi agredido pelo filho de Almeida Braga, cuja obra criticou o agressor sabia isso e pretendeu inferiorizá-lo fisicamente. Casais Monteiro, que nada receava, a dor física era suportada sem sofrimento, defendeu-se com dignidade para não ser atingido; perante a reacção do público e na altura em que cheguei (foram-me chamar) o agressor já tinha desaparecido. Ligeiramente ferido, foi tratado não ligando importância ao incidente. Somente lamentou «que se educassem tão mal os filhos».

Da esquerda para a direita: Adolfo Casais Monteiro, pintor Miró e António Pedro

Foi através dos trabalhos de Casais Monteiro que tive os primeiros contactos com a Comissão de Censura (então no Largo da Misericordia). Sem graneis aprovados com a revista empanada, telefonei ao Casais e combinei ir à Censura. Eram dois artigos: um de Vítor Sa em que indicava haver 72 por cento de analfabetos em Portugal, e se referia ao excelente cinema russo. Outro era um artigo de Alvaro Salema (Azorin?) Fui recebido pelo director da Censura, coronel Larcher, director do Colegio Militar. Informou-me que «não havia 72 por cento de analfabetos no País mas sim 41 por cento que na Russia o cinema era «mau» e que a colaboração de Álvaro Salema tinha censura especial pois era «elemento extremamente perigoso e que se safava muito bem ao escrever».

Respondi que não poderia publicar os artigos sem dar conta dos cortes aos autores, que não tinham outros originais compostos e que a Censura pudesse modificar os textos julgando que somente os podia proibir ou cortar. Pela maneira como se procedia e como me competia pagar a colaboração não saberia se a Censura devia ser ou não considerada colaboradora permanente. (C.M. considerou esta minha piada felina e perigosa, capaz de os tornar ainda mais asiaticos; que somente tínhamos que aceitar as realidades: que eram uns monstros, umas marionetes).

Foi-me afirmado então, pelo director da Censura, coronel Larcher, director do Colégio Militar, que eu era muito novo e que eles e «que sabiam disso de analfabetos, de cinema da Russia e do que o Alvaro Salema escrevia, percebendo-se ou não...». Casais Monteiro esperou-me, sentado nos bancos do então Largo de S. Roque. Eram cerca das 24 horas. Conferiu as provas e rubricou-as para serem impressas. Foi a partir desta data que começamos a nossa amizade, dos seus familiares, Alice Gomes e do filho João Paulo. Casais era cunhado de Soeiro P. Gomes. Foi ele que me apresentou Jorge Sena, seu compadre, outro espírito de proeminente eleição.

Apaixonado da musica religiosa e da actividade plástica, com conhecimento profundo das religiões e ciências humanas, preocupado com a integração dos intelectuais e os falsos problemas, com os intelectuais e a dignidade humana os perigos da alienação, com o reino da mediocridade etc. Grandiloquamente cresce em nós a expressão da sua pessoa e o que fez pela crítica literária, para não salientar a sua extraordinária e corajosa obra poetica que toma, na estrada por onde os genios passam, uma expressão eterna.

Nota: a fotografia onde esta Adolfo Casais Monteiro foi obtida por mim com a maquina de Antonio Pedro.

DE 25 DE JULHO A 18 DE NOVEMBRO DE 1938 (SOBRE O RIO DO ESQUECIMENTO)

Um rio, de afluentes e foz, de bronze líquido atravessando o tempo,
de limite nas margens como qualquer rio. Na memória,
um rio e um tempo com sua passagem
paisagem.
Um rio, exagero no tempo salino, demasiado na memória
para que não nos pareça tampa de túmulo,
rio imóvel _ (mas só em mim e onde assinalo
o prenúncio deste sangue fluvial, por que mordem os cães
na memória colectiva com os dentes iluminados na névoa
ou naquilo que nem chegou a ser):

— Sinaliza aqui o poema a margem como passagem para a imobilidade.
Morrerem setenta mil homens e o tempo, sinal de um limite esperando
o corno do touro. O poema só pode dizer que são demasiados homens
e tempo para sedimentos de um rio,
e que ninguém peneira, ninguém lavra esses campos
corporais.
nem Aristóteles pode vir clamar tragédias. Por que

não há barca de caronte nesta imobilidade. Só os olhos como berlindes
saltando podem assinalar a presença do estertor e do veio sanguíneo
de uma morte líquida, solta por uma margem.

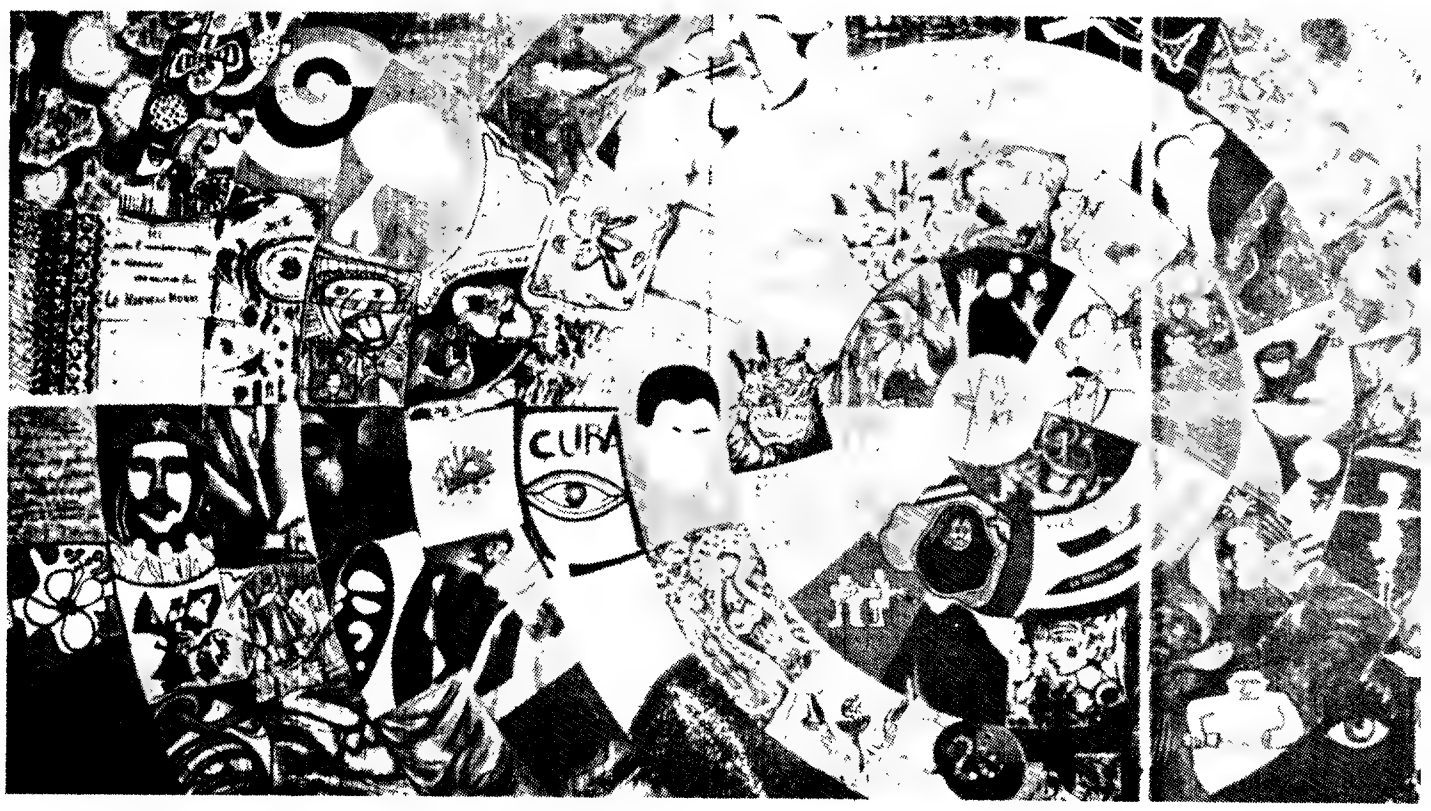
A palavra não o suporta, mas nomeia o nascer do mito, como o nascer da águia, etc.
Alguém piara, mas a palavra não pode sustentar setenta mil homens
gritando, com o seu olho claramente vítreo, com a sua consciência da morte e do ebro.

JOSÉ MANUEL DE AZEVEDO CORTÊS

Crítica de Artes Plásticas

CENTRO? MUSEU? OU OFICINA DE ARTE MODER

Na semana passada indiquei duas linhas de acção possíveis (não pretendo aqui esgotar qualquer assunto mesmo ao nivel das mais sumárias indicações) para uma instituição que (não) defini como Museu-Centro-Oficina de Arte Moderna, e que viria a ter, isto é, poderia vir a ter, uma acção decisiva na produção artística bem como na sua expansão à escala do País



Essas duas linhas: Informação crítica da realidade internacional e Estudo da realidade nacional, ficaram apenas apontadas guardando-se para hoje o seu primeiro desenvolvimento, primeiro porque não há textos menos definitivos que estes que escrevo agora, nem mais abertos a revisão e a crítica contributo que até é para algo que tem que ser tarefa eminentemente colectiva.

INFORMAÇÃO CRÍTICA DA REALIDADE INTERNACIONAL

Definir uma acção através de negativas é, creio... negativo! Porém é o que vou começar a fazer não só porque estamos numa altura, à escala nacional, em que só sabemos muito bem aquilo que não queremos (que regresse), mas também porque neste caso particular, como se trata de criar uma instituição *nova* vai ser fatal a tendência para o mimetismo e para a cópia imediata dos alheios disparates ou de soluções que já se vão revelando inadequadas para o tempo que vamos vivendo.

Assim começarei por dizer:

Não mais as vanguardas de há vinte anos — pomposa e generosamente apresentadas aos subdesenvolvidos portugueses como se fosse um favor enorme que se lhes fazia e sobretudo sem qualquer enquadramento a colocá-las no seu tempo e na sua função.

— *Não só exposição dos «grandes valores»* — aos «nomes» à escala internacional, paralisantes quantas vezes pelo ainda maior valor comercial-mítico das peças apresentadas (que podem, por exemplo, impedir a melhor utilização e difusão desses mesmos trabalhos).

Não só as grandes exposições periódicas — lugar de confronto da produção artística nacional e internacional e inevitavelmente de uma pseudo-informação alienante mais o comércio que esta serve, muito embora a sua realização, ao nível dos principais centros produtores do País pudesse tornar-se extremamente útil, sobretudo pela possibilidade de úteis confrontos e imediatos também que proporcionaria aos artistas portugueses.

Não só o centro de informação e recolha de dados sobre a produção artística internacional ao nível de biblioteca e sobretudo do arquivo audiovisual, aberto e circulante (isto é não confinado a um centro geográfico por maior que fosse a sua importância), embora me pareça indispensável que esta instituição desse um apoio efectivo a uma busca de informação sobre a situação internacional que se tem praticamente mantido apenas a nivel individual, autodidáctico e amadorístico com lacunas terríveis e inevitáveis.

Passada esta série de negativas continuo a insistir, na sequência da semana passada, por um centro-oficina que seja, para além de um local de confrontação indispensável de trabalhos e experiências, um, não menos indispensável, lugar de contacto e de trabalho conjunto de artistas nacionais e estrangeiros, lugar de recepção de amigos que vêm desse todo o mundo que não mais podemos esquecer viver e trabalhar connosco em Lisboa, no Porto, em Coimbra e *não só*.

Quando, em 1967, artistas de todo o mundo estiveram a trabalhar e a conviver em Cuba (entre os quais dois portugueses) mais importante do que a enorme espiral colectiva que deixaram ficar foi o seu contacto com uma realidade nova que nascia, foram conviver uns com os outros e aprender alguma coisa com o povo cubano. Para Portugal também mais do que trazer as obras interessa sobremaneira trazer os homens, para Lisboa e não *só*, para conviver com os artistas e *não só*.

Se desse convívio resultarem trabalhos, vestígios materiais, peças (de museu?!!!) óptimo que ficassem pelo menos algumas entre nós como registo de uma acção embora a acção mais importante seja a

O REGRESSO DOS EXILADOS

Um comboio em movimento, uma quase assustadora dança, uma alquimia de palavras raras, feitas mudança, postas no semicírculo dos teus dedos. Uma perdida esfera dentro ao tempo, a solidão de ser entrecortada, e uma vegetação assim colocada, como quem tapeta.

Semeei de campos as barrigas abertas de quem na prisão esfacelou o tempo das quimeras. E depois ardeu em meio ao sonho. Curiosamente, braços levantados, punho cerrado, gritavam pela primeira vez com a garra toda, e estremeciam. E eu no meio deles, visualisando as entreabertas páginas, olhava com veneração o mundo. Mundo lavado, mundo corrido, as vozes te perscrutam num universo alado e circunscrito, e tácito e vencido, porque da janela do comboio em que viajo umas ruínas surgem, toscas e cheias de brechas, e não cobertas nem escondidas. As ruínas são largos acidentes fabricados numa estrada, quando os girassóis irrompem e se mexem. A multidão, apinhada na praça, escoando-se ao longo de todas as ruas da cidade. O incalculável número de pessoas que saiu para a rua nesse dia era de um povo a concretização da sua história. E os almaques vermelho e rosa apareciam finalmente de modo oficial e em público, saindo das crateras subterrâneas e clandestinas em que tinham vivido tantos anos, e para ser nossa a terra, faltava a construção de uma cidade.

Espalhemo-nos pelas praças, pelos largos, pelas violentas vias dos sonhos que fizéramos, para iniciarmos a marcha. Continuadamente com esforço e luta própria organizemos os batalhões que nos defenderão dos obstáculos e olhando as árvores que ladeiam a via férrea sintamos em plenitude a dimensão totalitária que cada gesto encerra.

E um comboio lento, uma força brava, umas vozes de tarde quente que a si própria se balança numa morrinha grave e série, e morna e modorra e tudo o que pode existir em Portugal. Não, não é possivel. Não, não é verdade. E o grito que todos demos a um tempo era o estremecer súbito da terra, os tanques calcorreando as ruas, as baionetas dos soldados para o ar levantadas, o povo invadindo tudo, misturando-se, e a descarga. E era junto ao Tejo a rebaldaria mais completa.

O que fizemos nós do cheiro da terra que não guardávamos. E das vigas sombrias que apodreciam? E das diligentes carruagens? Pensa com esforço num futuro próximo e acautela-te. Albergaria dos Doze é uma terra verde cheia porém de casas, e um ovo sai da gruta e olha-nos. Com nítida admiração cheia do espanto máximo, de a vida ser possivel, para além de uma gemá e de uma clara. E de tonto ser o universo que se receia. E de morta estar a fadiga que nos avassalara.

Vem, passeia-te. Olha para a mulher que bate no trigo e lhe aproveita a palha, malhando cadenciadamente. Os canaviais cresceram entretanto, as giestas recomeçam o seu ciclo, as azinheiras dão largas ao seu ritmo, e um páraco estrebucha num púlpito de uma aldeia. A essa hora, o comboio acelera e os poços aquietam-se na concavidade formada, como quem vai em busca de lenha ou possui uma casa branca e antiga cheia de janelas. Pensa na imagem do pai fálico. Uma mulher acena agora. Depois surgem as oliveiras, as vozes, umas escadas. Terra de silencioso ser, terra pisada, terra por vezes atapetada, as sombras te comovem, e quando o calor aperta constroem-se casas.

Um rio, uma ponte romana, os calhaus recebendo o cadenciado fresco da corrente de água, o Choupal aproximando-se, a quietude mansa que sempre aí nos embala, fomos todos mergulhar os pés na água, em digressão quase mística, os vagões sobressaíam, demoravam-se na estação, adormeciam, a paisagem tornava-se a cada instante mais familiar, e nós por ela envolvidas uma estação de serviço, uma azinhaga, uma bomba amarela explodindo no espaço abarcado pela nossa vista, a integração a fazer-se, progressiva, a estranha sensação de estarmos a entrar pelo mundo dentro pela vez primeira, de nele penetrarmos com agilidade física, de nele perpetuarmos o nosso quotidiano esforço, a nossa luta, a procura constante que nos caracteriza, a estranha sensação de sermos mais do que uma célula isolada e circunscrita e sobre si virada, o desfazer das amarras que nos ligavam e viver tudo isso num cúmulo de vertigem, no cimo de uma palmeira, pintadas as casas de um vermelho inicialmente simbolo de uma nobreza morta, e cor do sangue. Virei-me para uma esquina e ultrapassei uma lagartixa.

Os sinos tocavam a rebate, nunca soube se para anunciar as trindades, se as ave-marias, se uma revolução forjada, se uma morte próxima ou o evitar de um massacre.

Hoje porém perdemos a dimensão de medo e impotência. Somos um povo livre e aberto ao tempo. Somos além disso, sensação de beleza interposta ao vento, cadenciando os símbolos nascentes que uma mudança acarreta. No empedrado som da velha casa guardamos intacta a memória do que fomos e dos dias que passara.

Curiosamente as janelas tinham enquadramentos de pedra que os séculos escureceram e nós mergulhámos nas salinas, no amarelo dos malmequeres que se avistavam, no límpido estertor do tempo, na explosiva quietude do ar rosa, nos nenúfares encontrados nas azinheiras.

6-5-74

ROSA MARIA ABELAIRA

José Luis Porfirio

RNA? (II)

O Murcel colectivo de Havana

da viva convivência do povo português com uma cultura que possa sentir e utilizar como sua.

ESTUDO DA REALIDADE NACIONAL

Este título não está nem provisoriamente completo, deveria ser estudo e contacto com a realidade nacional que definem dentro desta linha de acção dois rumos que se completam:

1.º Estudo

a. Da vida artística portuguesa a todos os níveis, não esquecendo, antes tendo em atenção, as alterações que o mercado continuará a provocar na produção artística, da encomenda particular e oficial, de *todas* as manifestações públicas ou não e obviamente da sua própria acção (avaliação e autocrítica com carácter permanente).

b. A Sociologia do público é um dos meios fundamentais para este estudo bem como para a possível autocrítica da instituição e sua auto-regulação.

c. Investigação sobre actividades plásticas populares que vão desde o grafito expontâneo das paredes urbanas, até a actividades artesanais organizadas passando pela produção «naïve» sem esquecer os possíveis casos de A Bruta e actividades ligadas a terapêutica ocupacional dos hospitais psiquiátricos.

2.º Contacto

a. Em primeiro lugar o contacto entre os produtores ou, se preferirem, os artistas, permitido e estimulado por uma instituição que é mais um lugar de trabalho do que um lugar de exposição.

b. Contacto público (s) — diálogo verbal mas também através de tarefas colectivas incluindo trabalhos plásticos o que torna indispensável.

c. O contacto do público com materiais diversos e sua utilização em conjunto com os produtores especializados (artistas) para gozo, aprendizagem mútua, festa ou cumprimento de uma encomenda.

d. Daí os contactos dentro e fora do Museu-Centro-Oficina, dentro e fora de Lisboa num alargamento necessário a todo o País, num verdadeiro dar a Arte Moderna a Portugal, uma Nova Arte Moderna que todos possam sentir, mesmo nas suas etapas aparentemente individuais como um trabalho colectivo.

Sobre o Museu, o Centro, ou a Oficina de Arte Moderna fica, evidentemente, muito que dizer, praticamente tudo por planear, tudo, absolutamente, por fazer. Artigos de jornal como este são necessários talvez, mas desesperadamente insuficientes, as ideias que eles exprimem, que eu digo hoje aqui porque julgo necessárias, estão longe de ser pessoais ou até originais, ainda bem! Pessoalmente também, uma das grandes alegrias que tenho tido é ver surgir, de toda a parte, ideias que se ligam a estas e que com elas se articulam, entre pessoal dos museus como entre artistas plásticos, nos cineclubes etc. Isto é, um pouco por toda a parte! Assim uma nova burocracia não venha impedir um livre debate e esclarecimento destes problemas, ou uma nova censura os não corte, coisa que já esteve mais longe e que mais não é que um dos piores riscos que corremos neste Portugal que o fascismo nos legou e em que *todos, todos* temos que aprender a democracia, a começar por cima, evidentemente!

É com esta ideia da necessidade de todos, com todos aprendermos que eu quero terminar esta série de notas que tem vindo a «interromper» a minha actividade mais habitual nesta folha acrescentando ainda que o Museu-Centro-Oficina ao serviço do povo de Portugal é uma instituição que aprende com o povo, uma escola em que *todos aprendem de todos* sobretudo os artistas, os críticos, e outros doutores de uma Kultura que urgentemente necessitamos passe a

JORGE LISTOPAD

FICHAS NA MESA

29,1 — *(Pergunta e resposta):* Há algumas semanas sou por vezes obrigado a responder, certamente como muitos outros artistas, à questão: «Então, *agora*, o que nos está a preparar no teatro? na televisão? escreve alguma coisa?, etc.» Confesso que hesito com o teor da resposta. Não que eu não preparasse nada, pelo contrário; mas preparar não significa, como alguns inquiridores entendem, saltar de para-quedas para terreno novo. Nem saltar... nem terreno novo. O artista minimamente sério no passado e no presente, não pode fazer muito diferente do que fazia até agora; felizmente está hoje com liberdade sonhada, (quase) total, a que depende já dele; portanto com mais facilidade pode continuar a dizer e fazer e criar e escolher o que sempre disse ou quis dizer, o que fazia ou quis fazer, o que criou e o que escolheu na linha geral: todavia nesta hora com a respiração maior, com a pulsação do pensamento liberta, com a perspectiva a longo prazo, e finalmente sem censuras e outros obstáculos objectivos. Daí a sua responsabilidade, nua e crua. Daí a pergunta ser sempre mais rápida do que a resposta. A resposta que corresponde ao acto.

29,2 — (Vencedores e Vencidos): É verdade que os pequenos peixes também nadam; todavia, oito peixinhos — curtas metragens, circunstâncias a um assunto genérico, não fazem ainda em conjunto um filme navegante em forca. Falo da fita «Vencedores e Vencidos», projectada em Lisboa. Oito realizadores, oito, de oito nacionalidades e de oito escritas filmaram cada um à sua libérrima maneira a própria visão sobre o tema que escolheram nos jogos Olímpicos de Munique. Mesmo assim, ou antes, mesmo assim-assim, o filme como tal não resulta, e para ver e estudar: os professores de estética, de semiologia, de sociologia da imagem, das disciplinas interdisciplinares (!) e *tutti quanti* equiparados, do Conservatório (secção de cinema) e de várias escolas artísticas, deveriam comprar ou alugar a fita para o exercício analítico e comparativo. De Iuri Ozerov (soviético), estático, conciso, algo curto, reporter sem fantasia e sem fantasias, à Mai Zeterling (mulher e sueca) que procura exactamente o contrário: o vazio particular, de *outland*, de solidão dentro dessa festa colectiva, que são os Jogos Olímpicos. Arthur Penn, esse, voa com as aves dos atletas, as aves miopes sem precisão, de imagem esfumada, sem peso, fugindo desta vez para o alto mas com as quedas finais como em «Bonnie e Clyde». Lelouch, sempre atento, oportunista oportuno, aldrabãozito insinuante, mas com menos piada do que Milos Forman, irónico, desmistificador sabendo que a arte é «une affaire des rapports». Sólido Schlesinger de Inglaterra, único que parece ter tido fôlego (maratónico) para contar-unificar ou dirigir o filme inteiro, não feito.

A notar: tão poucos souberam filmar sem excessos de zoom, sem exageros de teleobjectiva, sem tiques técnicos. Isto é, poucos tiveram a confiança, a imagem e tempo reais. Ou que essa realidade já não existe, atomizada na sua substância, os restos dela considerados idealistas, ilusionistas? Único, o soviético, o tranquilo, e de certo modo o alemão Peleghar, escaparam a esse moderno repensar da realidade visível, múltipla.

29,3 — (Os filmes portugueses na TV): É notório que os filmes produzidos para o «écran» de cinema quando da sua passagem na televisão sujeitam-se automaticamente a curiosas mutações, ainda não devidamente estudadas, resultantes de vários factores como: dimensão de «écran», variáveis em composição de imagem, sociologia de consumo caseiro, etc. Os filmes passados na televisão em geral perdem, raramente se equilibram, por milagre ganham.

A última série de filmes portugueses da nova geração, projectados na RTP (O Recado; A Abelha na Chuva; Pedro Só) deu uma achega para o assunto: os filmes dos realizadores com alguma experiência televisiva anterior, teórica ou prática, passaram melhor o escolho. Daí talvez a dizer que a estética *cinematográfica* desses realizadores era, de certo modo, marcada pela televisão, esse vampiro, como a chama Mac Luhan. Vampiro que bebe o sangue de tantos artistas, de tantas artes, de tanta gente. Oxalá que nos novos programas o vampiro seja vampirizado. Mas isso seria uma outra história.

29,4 — (Vergílio Ferreira): Só os que não conhecem a vida ou pelo menos as peças de Strindberg, e então não sabem que entre o amor e o ódio subsiste apenas um pequeno passo, ficariam surpreendidos que o último estudo de Vergílio Ferreira (Do «Eu», etc.; Colóquio-Letras, n. 19) fosse dedicado ao seu fiel ex-adversário, Eduardo Prado Coelho. Aliás, isto fornece-me apenas o pretexto um tanto fútil para chamar a atenção para o estudo em si. V. F. como sempre informado, atentíssimo, subtil, agora ainda mais claro, mais praticável.

29,5 — *(Imagem Devolvida):* Quem leu os contos (alcoólicos: do gin) de Mário-Henrique Leiria (sobretudo durante o antigo regime) como se se tratasse apenas de textos marotos, vai ficar admirado com o poema-mito «Imagem Devolvida» do autor numa bela e original edição da Platano. Porém, tinha simplesmente mal lido os ditos contos: também aqueles textos eram descendentes do subterrâneo poético. E porque a poesia é «abrir os limites fechados», eram também políticos. Bom, que M.H.L. seja poeta, «Imagem Devolvida» é a prova suplementar. Data-da, sim, inconfundível também.

29,6 — (Rebiciclagem): Se a minha bicicleta não tivesse os pneus tão gastos, tinha ido a Tóquio. De bicicleta. Organizado pelos Japoneses, em colaboração com I. C. S. I. D. (não é sigla dum novo partido político, mas Internacional Council of Societies of Industrial Design), realizou-se há pouco um concurso internacional público do novo «design» da bicicleta. Finalidade: procurar as ideias como promover a bicicleta em função do homem hodierno e do meio ambiente vigente. Havia cerca de 240 projectos, alguns petulantes, de 24 países. 7 prémios, admiráveis, isto é, práticos e imaginativos, para o nosso futuro dia-a-dia.

O concurso coincidia com o nascimento do movimento bicicleto-ecológico mundial que preconiza o regresso à natureza por esse meio, poético e saudável. Já estou a imaginar Afonso Cautela a pedalar: a bicicleta ou a morte! E Herberto Helder que gosta de bicicletas até circularem entre as linhas dos versos. E o escritor Eduardo de Oliveira, do Porto, que fez todas as estradas portuguesas em bicicleta, com estatísticas e tudo. E Alberto Pimenta, não esquecendo, neste poema extraído do livro «Corpos Estranhos», que a bicicleta não é apenas um novo rousseau-ismo mas o transporte do operário, por força das circunstâncias.

VIDE DOMUS

VIDRAÇA

montado na bicicleta com a lancheira atrás do selim
pedala em direcção da esquina

ao chegar à esquina a bicicleta se divide em duas
com duas lancheiras e dois ciclistas

e mete cada um por sua rua
em direcção de nova esquina

onde cada uma das duas
novamente se divide em duas bicicletas

com dois ciclistas e duas lancheiras ;
ou seja quatro ao todo

pedalando por quatro ruas
até chegar à esquina onde

as quatro passam a ser oito bicicletas
com oito ciclistas e oito lancheiras

lançados a toda a velocidade
em direcção de novas esquinas

em cada esquina se multiplicando
enchendo a cidade e saindo dela

em direcção das fábricas
constantemente.

Torquato da Luz

EXERCÍCIO DA SOLIDÃO

por TORQUATO DA LUZ

Excerto (cortado, em Dezembro ultimo, pela Censura Fascista) do livro inédito «Exercícios da Solidão»:

«Era uma tarde morna. O vento quente, vindo dos lados do mar, deixava os corpos pesados e doentes. Fazia dores de cabeça. Laura estava sentada num banquinho de madeira, baixo, e as ancas, redondas, desbordavam do assento, sob o vestido leve, de cores vivas. O peito, hirto. As mãos, cruzadas sobre o ventre. Um ar triste no rosto preto, luzidio, belo. Os olhos (lembrança que, a ele, lhe surge mais vezes) insolitamente azuis. E, a coroar a testa alta, o cabelo curto, encarapinhado, de carvão.

Fazia dez meses que se conheciam. Fora por Fevereiro, mal chegara da longa viagem, treze dias de mar bravio e de enjoo, cinco quilos a menos e um enorme cansaço: a quase impossibilidade de caminhar sem se agarrar às paredes, a cabeça esvaída, as mãos trementes, as pernas, magríssimas, constantemente a quererem dobrar-se.

«Patrão, quer...?» Qual patrão, nem meio patrão! Passou-lhe para as mãos o saco — e Laura pô-lo à cabeça, sem esforço nem mais palavras. Nem a olhara; e só repararia bem nela quando, chegados, a sua boca larga, de lábios grossos, sob os quais se escondiam uns dentes muito brancos, certíssimos, se abriu para lhe perguntar se desejava mais alguma coisa. Que não, respondeu. E já buscava o porta-moedas, para a gratificar. Ao que ela se opôs, rápida: «Paga depois», disse.

«Depois?», estranhou. «Sim, patrão, vai precisar de quem lave a roupa» — e ofereceu-lhe um sorriso aberto, mais dos olhos do que da boca. O primeiro (e poucos mais haveria) da sua longa estada naquela terra estranha e repulsiva.

Ao outro dia, lá estava: «Patrão, tem roupa?». Ele instalara-se num quarto desconfortável e era preciso um pouco de ordem naquilo. «Manhã volto» — e saíu.

Passaram assim duas, três semanas. Um homem começa a ficar doente, ali perdido de tudo e longe de todos: é o calor, a excessiva humidade, a constante tensão. E Laura, imperturbável.

«Quantos anos tens?», perguntou-lhe. «Diz que quinze, patrão». Mirou-a de alto a baixo: era esguia, o peito alto, as ancas, redondas, os olhos de gata... «Ouve, Laura, não voltas a chamar-me patrão, eu não quero isso».

Dez meses depois, na tarde morna de 25 de Dezembro de 1967, um ar quente, vindo dos lados do mar, punha os corpos pesados e doentes. Laura estava sentada num banquinho de madeira, baixo, e as ancas, redondas, desbordavam do assento, sob o vestido leve, de cores vivas.

«Não tarda nada, patrão!», disse. E as lágrimas corriam dos seus olhos de gata terna. Saíu em busca de médico, que ela lhe dizia não ser preciso, porque já sua mãe e todas as mulheres pretas do mundo haviam parido sem ajuda.

Voltou, duas, três horas depois — mas sem médico. Que, aliás, seria inútil, pois na penumbra da casa já não brilhava o rosto luzidio de Laura. Estava imóvel e começara a arrefecer — com o seu anti-Menino Jesus ao lado. Igualmente inerte.»

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

7%

A mais de um ano para depósitos a prazo

3% Para depósitos à ordem até 50 contos

filmar filmar filmar

neste verão com o novo AGFACHROME SUPER 8

AGFA-GEVAERT

Ballet

LE BALLET DU XX ÉME SIÉCLE

A Companhia de Maurice Béjart voltou a Portugal para dançar no Coliseu «Romeu e Julieta», bailado que determinou em 1968 a sua expulsão do País por razões políticas. Béjart manifestou o seu desejo de regressar depois do movimento de 25 de Abril, proposta a que a Fundação Gulbenkian «prontamente aceitou considerando a realização destes espectáculos como uma reparação devida ao público » (do texto distribuído à Imprensa pela Fundação Gulbenkian). Para a Fundação foi aquela sorte, aquela oportunidade de se mostrar solidária e democrática e de procurar sacudir a sua cumplicidade com o regime deposto; assim o retorno de Maurice Béjart e da sua companhia e a reposição de «Romeu e Julieta» foram largamente aproveitados, como de resto convinha, a fim de demonstrar a apregoada isenção política daquela Fundação

Por RAQUEL ROBY

É impossível não considerar Béjart um marco importante na história do bailado europeu, pelo contributo que lhe deu com o seu espírito de renovação e inovação. Pode estar-se de acordo ou não com Béjart, pode aceitar-se ou não o seu «modernismo», contudo, não se pode ignorá-lo.

«ROMEU E JULIETA» — encenação e coreografia de Maurice Béjart, sobre música de Berlioz, cenários e figurinos de Germinal Casado. Este bailado tem momentos de rara beleza, mas sofre de alguns males que o logro da novidade por vezes não consegue escapar. Não podemos ainda esquecer que este bailado de 1966 regressa, com 8 anos de atraso.

É numa enorme cena, em oval, que «Romeu e Julieta» foi dançado. Esta obra em que se harmonizam o canto, o teatro e a dança evidentemente, fala-nos sobre o tema do amor e do ódio, da construção e da destruição, da paz e da guerra, apoiando-se na história de Shakespeare.

A cena do baile em casa dos Capuletos e a cena das carpideiras no cortejo fúnebre são também os mais fracos. Os figurinos de cores vistosas mas de mau gosto, contribuem para sublinhar ainda mais a inconsistência destes momentos.

De enorme poder criativo e de grande beleza é o «pas-de-deux» de Romeu e Julieta que dançam e bem uma cena de amor deslumbrante; o pequeno solo de Tibaldo após a morte de Mercúrio, primeiro em silêncio, depois ao som do chicote no chão é também interessante e pleno de dramatismo: «Fazei Amor e não a Guerra» é das cenas mais conseguidas do espectáculo. Alguns pares com Romeu e Julieta dançam, enquanto dos bastidores afluem ao palco os bailarinos que caem sobre rajadas de metralhadora, som que aos poucos, num «crescendum» se vai sobrepondo à música, criando um clima de tensão prestes a explodir. O final com todos os bailarinos a dançar é um verdadeiro hino ao Amor que vence o Ódio.

Dançou o papel de Julieta no dia 7, Rita Poelvoorde que o fez muito bem com grande fluência e facilidade, mas a quem faltou uma certa maturidade artística que muito teria enriquecido a sua interpretação. Romeu dançado por Daniel Lommel bailarino de forte sensibilidade, dançou e acompanhou muito bem. Dos outros solistas importa salientar Angele Albrecht (Mab), bailarina de grande vivacidade e forte técnica. O Corpo de Baile mostrou-se tecnicamente muito fraco.

Este espectáculo valeu a pena ter sido revisto agora pela mensagem de Amor que transmite especialmente pelo momento político que atravessamos e ainda pelo significado e implicações de que se cercou.

O «DIÁRIO DE LISBOA» é vendido por Henrique Dias S. Caetano, Av. José B. Antunes, 18 MALVEIRA

Terreno em Cascais

C/ ANTEPROJECTO APROVADO

VENDE-SE TERRENO E PRÉDIO PARA DEMOLIÇÃO NO CENTRO DE CASCAIS, C/ ANTEPROJECTO APROVADO PARA COMÉRCIO E HABITAÇÃO.

ENTREGA-SE O PROJECTO, CÁLCULOS E PORMENORES.

Trata — BARAONA & BARAONA, L.DA
(mediadora autorizada)

AV. VALBOM, 28, 1.º — CASCAIS
— Tel. 280749 —

1. CAPITAIS ESCANDINAVAS
Partidas de Lisboa — todos os dias

2. TRIÂNGULO TURISTICO ESCANDINAVO
Partidas de Lisboa — segundas feiras

3. UMA SEMANA NA ESCANDINÁVIA
Partidas de Lisboa — todos os dias

4. ESCANDINÁVIA E OS FIORDES DA NORUEGA
Partidas de Lisboa — segundas, quintas e sábados

Os programas que o seu Agente de Viagens lhe proporciona em colaboração com

SAS Av. da Liberdade, 258 Tel. 537001

TAP P. Marquês de Pombal, 3 Tel. 539576

4 PROGRAMAS UM OBJECTIVO

ENCONTRO COM A ESCANDINÁVIA

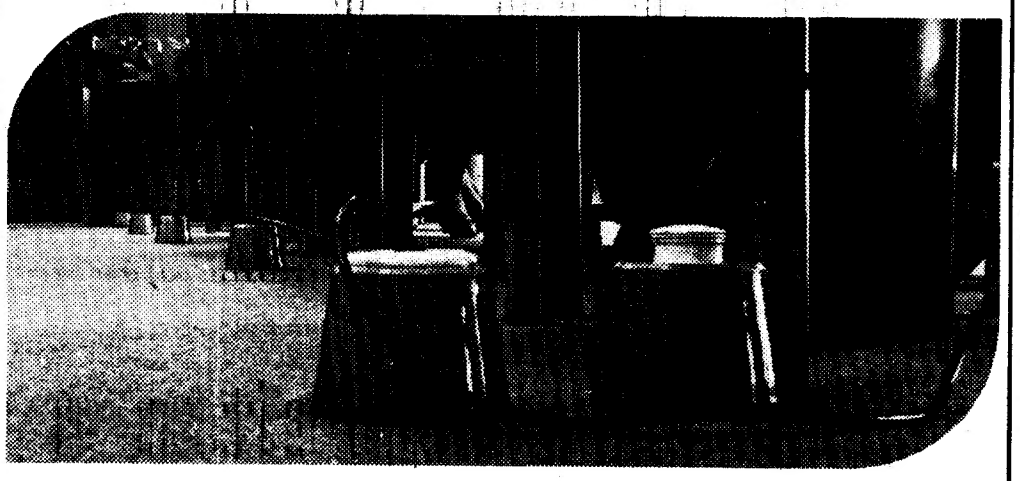
esfera

Evite esta situação

É incómodo e nada funcional ver-se escritórios, gabinetes de trabalho, subcarregados com fios e tomadas eléctricas.

Com as calhas "protom"

As calhas pré-fabricadas "**protom**" que constituem este sistema, são embebidas no pavimento, permitindo em qualquer lugar da sala, a introdução de tomadas para máquinas, telefones, etc., evitando assim as extensões e redes de cabos atravessando o chão.
Desde modo haverá um maior aproveitamento do seu escritório, ligado a uma estética funcional e decorativa.



PROJEL — Projectos de Electricidade, SARL
Rua S. Sebastião da Pedreira, 55 Telef. 53 01 22/3 — LISBOA

Literatura do SNI

FERNANDO LOPES, JOÃO ABEL MANTA E SOPHIA DE MELLO BREYNER ANDRESEN RESPONDEM A DOMINGOS MONTEIRO

Fernando Lopes

Ex.m Senhor
Director do «Diario de Lisboa»
LISBOA

Meu prezado amigo:

No suplemento «Literario» de 13 de Junho de 1974 do seu jornal, o escritor Domingos Monteiro afirma, a certa altura, numa carta que lhe dirigiu que o meu filme «Uma Abelha na Chuva» foi subsidiado pelo Fundo de Cinema.

A este propósito gostaria de fazer aos leitores do «Diario de Lisboa» o seguinte esclarecimento:

1 — Havia uma clausula no contrato assinado entre os produtores do filme — a firma «Média Filmes, Lda.» — e o escritor Carlos de Oliveira, clausula imposta por este, que impedia aos produtores a aceitação de qualquer forma de subsídio ou auxílio oficial;

2 — Numa entrevista que concedi ao suplemento «Literario» do seu jornal em 14/2/72, afirmei o seguinte:

«Tive uma oferta de emprestimo da Caixa Geral de Depósitos de cem contos, através do aval do Fundo de Cinema, numa altura em que me encontrava parado, já bastante depois das filmagens, por dificuldades gravíssimas que me iam impedindo de terminar o filme. Não me foi possível praticar aquele empréstimo porque o Carlos de Oliveira entendeu que ele pressupunha a aceitação de uma etiqueta oficial para o filme. Já o disse uma vez e volto a repetí-lo: não concordo com esta posição mas respeito a decisão do Carlos de Oliveira. Tratava-se de dinheiro que o cinema devolvia ao cinema português e a sua recusa, neste caso como noutros, terá o seu valor moral (não o nego) mas deve ser revista por todos nós, se não queremos que o cinema português seja um sonho sempre adiado. E evidente que para mim, e para a maioria dos meus colegas, a aceitação de dinheiro do Fundo de Cinema só pode ser concebida em termos de inteira liberdade, sem qualquer espécie de sujeição ideológica».

3 — Em carta de 9 de Junho de 1971 a firma produtora comunica ao então director da Cultura Popular e Espectáculos o seguinte:

«Cumpre-nos confirmar a informação já verbalmente prestada a V. Ex.ª, de que esta firma, em razão de circunstâncias alheias à sua vontade, se viu obrigada a renunciar à utilização do empréstimo concedido através do Fundo de Cinema Nacional para a produção do filme de longa metragem «Uma Abelha na Chuva».

«Deste facto, demos conhecimento, também nesta data, e para os devidos efeitos, aos Serviços de Contencioso da Caixa Geral de Depósitos, Crédito e Previdência, onde o financiamento autorizado se encontrava registado sob o n. 83.»

Esclarece-se que a frase «as razões alheias à nossa vontade» se refere, exactamente, à cláusula contratual que atrás mencionei.

4 — Aproveito esta oportunidade para esclarecer, igualmente, que, ao contrário de rumores que têm corrido, o filme «Uma Abelha na Chuva» não foi produzido pelo Centro Português de Cinema nem teve nenhum subsídio da Fundação Gulbenkian, até porque tal nunca foi solicitado por mim ou pela firma produtora. A produção deve-se exclusivamente, como já tive várias vezes a ocasião de o afirmar, à «Média Filmes, Lda.» e ao apoio financeiro de um grupo de amigos meus.

Apesar de todas as dificuldades que rodearam a produção do filme foi possível concluí-lo em razoáveis condições técnicas. A partir desse momento, cessaram todas as obrigações da casa produtora com o autor do romance e a carreira do filme é, pois, da inteira responsabilidade da «Média Filmes».

Penso, portanto, ter assim esclarecido devidamente os seus leitores e espero que também o dr. Domingos Monteiro.

Com um abraço de amizade,

FERNANDO LOPES

João Abel Manta

Não conheço pessoalmente o sr. Domingos Monteiro. Não me interessa como escritor, não me interessa como personalidade do «Diário de Notícias» e da Televisão, não me interessa como premiado do SNI/SEIT e, depois de ter lido a carta que publicou no «Diário de Lisboa» de 13/6/74 não me interessa como nada.

A verdade, porém, é que este senhor, em apoio às suas nebulosas e assaz imprudentes argumentações, cita entre outros o meu nome e vem dizer que:

> «Não é de permitir que se limite a colaboração com o «Estado Novo» à colaboração com o SNI/SEIT. Será por isso necessário incluir outras instituições como a Câmara Municipal de Lisboa, dependente directamente do Ministério do Interior que, pela mão de Santos e Castro, entregou, sem qualquer concurso público ou pública justificação, os maiores trabalhos de decoração urbanística alguma vez realizados entre nós a João Abel Manta..»

O sr. Monteiro considera, portanto, que todos os arquitectos, urbanistas, artistas plásticos, engenheiros, arquitectos paisagistas, construtores civis, etc. que executaram trabalhos para a Câmara Municipal de Lisboa colaboraram com o «Estado Novo».

O sr. Monteiro, além de outras coisas que guardarei para uso interno, é ridículo, e nem o meu forte sentido de humor, me levaria a responder-lhe a sério.

A lista que se segue não é para o sr. Domingos Monteiro para quem me estou borrifando. Destina-se, unica a exclusivamente a Gente que vale a pena — *et pour cause.*

Nota dos *«maiores* trabalhos de decoração urbanística *alguma vez* realizados entre nós» e entregues pela Câmara Municipal de Lisboa a João Abel Manta, desde a melancólica data do seu nascimento em 1928 até ao momento presente.

São três ao todo.

1. 1956
   Painel decorativo em azulejo policromado destinado a uma escola primária em Benfica.
2. 1970
   Revestimento com azulejo policromado de um muro na Av. Calouste Gulbenkian.
3. 1974
   Estudo gráfico de um pavimento para a Praça dos Restauradores.

Entendo que é um princípio salutar a prestação *publica* de esclarecimentos sobre trabalhos do interesse *publico*.

Documentação acerca destes trabalhos será apenas facultada a pessoas da minha consideração política e que ma peçam com muito bons modos.

Ao sr. Monteiro não será facultado nada.

Sophia de Mello Breyner Andresen

. No D.L. de 13 de Junho em resposta a um artigo que não li sob o título «Literatura do SNI» o sr. Domingos Monteiro, procurando defender a sua actuação sob o fascismo, publica uma longa lista de pessoas premiadas pelo SNI-SEIT e, para estabelecer a total confusão, diz que:

«V.Ex.ª poderá, para uma mais completa e justa informação do público, recolher a lista dos artistas plásticos, teatrais, músicos e *escritores* que colaboraram nas diversas iniciativas do SNI-SEIT, tais como exposições, festivais e publicações, entre os quais encontrará nomes tão notáveis e tão isentos politicamente como Aquilino Ribeiro, Vieira de Almeida, Keil do Amaral, Bernardo Marques, Jorge Barradas, Manuel da Fonseca, Miguel Tavares Rodrigues.» E até Sofia de Melo Breyner (sic).

Isto é falso. Apenas e verdade que, salvo erro em 1942 ou 1943, quando ainda não tinha publicado livro algum, mostrei a amigos meus alguns poemas, que imediatamente me pediram para publicar em diversas revistas: «Cadernos de Poesia», «Variante», «Aventura», e um deles, salvo erro, na revista «Atlântico». A publicação destes poemas, à qual não atribuí qualquer significado político — numa idade e num tempo em que era deficiente a minha informação, e muito vaga a minha consciência política — não autorizam ninguém, com integridade, a citar o meu nome como exemplo de colaboração.

Mas apesar dessa vaga consciência política, bastou-me a sensibilidade para, em 1944, quando publiquei «Poesia» — meu primeiro livro — ter rejeitado o pedido insistente de António Ferro para concorrer ao prémio do SNI. Porque a minha oposição ao Estado Novo começou por ser uma questão de dignidade cultural e de horror à mediocridade. E daí evoluí naturalmente para uma posição política.

Se os meus livros figuraram — penso eu — na Exposição denominada «Trinta anos de cultura», o sr. Domingos Monteiro sabe bem que ela exibiu cobardemente a obra dos escritores sem autorização deles, nem escolha política, tendo chegado até a expor os livros de Soeiro Pereira Gomes, que morreu na cadeia. Bastariam aliás factos, como esse, para se ter nojo do SNI.

Portanto, até hoje, não colaborei em nada.

E não colaborar foi simples, extraordinariamente simples, desde que há vinte anos me integrei com o meu marido numa luta activa, diária e consciente contra o fascismo, que explorava e humilhava o povo e como poder *ocupante* destruía Portugal.

Acredito que essa atitude não tenha sido simples para muitos, ou até que alguns não estivessem intelectualmente de acordo com ela. Nada tenho com isso, não sou partidária da «caçada às bruxas» e tenho conservado amizades quase de infância com pessoas e até escritores de posição antagónica.

Mas penso que as pessoas se definem pelo que aceitam na vida e pelos caminhos que escolhem. Se eu tivesse escolhido a fácil glória do Estado Novo, da Televisão, da Rádio, do SNI, dos jantares oficiais, das relações importantes, da Academia, das condecorações, da propaganda e das «honras», enquanto o meu povo sofria a fome, a tortura e a guerra, enquanto os outros escritores eram perseguidos e silenciados, eu não me julgaria com o direito — fossem quais fossem ou tivessem sido as minhas ideias — de me vir agora afirmar como democrata e estabelecer paralelos com mortos e vivos que sofreram o «combate desigual» da resistência.

Porque a luta política contra o Estado Novo era obviamente inconciliável com a glória pública concedida pelo mesmo Estado Novo, para quem cada nome desses «democratas» colaborantes era um motivo fácil de propaganda política.

Há em cada homem, e ainda mais em cada escritor, uma busca e uma necessidade de coerência entre as ideias e as atitudes. Quando essa busca se perturba e se renuncia gravemente à coerência, a única dignidade é o reconhecimento do erro. E nada mais.

Sophia de Mello Breyner Andresen

Lisboa, 14 de Junho de 1974